

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória:
estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas
Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude

PORTO ALEGRE

2012

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória:
estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas
Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Dr. Marcelo Kunrath Silva

PORTO ALEGRE

2012

BIANCA DE OLIVEIRA RUSKOWSKI

Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória:
estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas
Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Sociologia como
requisito parcial para a obtenção do título de
Mestre em Sociologia.

APROVADA COM VOTO DE LOUVOR: 03 de outubro de 2012

Profa. Dra. Ana Karina Brenner
Faculdade de Educação/UERJ
(membro da banca)

Profa. Dra. Marilis Lemos de Almeida
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS
(membro da banca)

Profa. Dra. Melissa Mattos Pimenta
Departamento de Ciências Sociais/UFRGS
(membro da banca)

Prof. Dr. Marcelo Kunrath Silva
Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS
(Orientador)

ENTRE AGRADECIMENTOS E DESABAFOS

Escrevo os agradecimentos desta dissertação com um sentimento de alívio. Acabou! Foram quase três anos que estive nesta pesquisa. Mas não foi só isso. Antes disso, durante os últimos dois anos de minha graduação, inseri-me na temática da juventude como participante da política pública de juventude “Conexões de Saberes”. Tal projeto propunha-se atuar em pesquisa, ensino e extensão. E foi entre as atividades de extensão e pesquisa do grupo que iniciei minha formação acadêmica.

Mais que isso, foi ali que convivi com pessoas dos mais diferentes cursos e com as mais diversas opiniões. Foi com esse grupo que me “entendi” dentro da universidade. E por isso, com cada uma delas, aprendi um pouco mais sobre mim e sobre o espaço acadêmico. Algumas delas se fazem presentes até hoje em meu cotidiano. Três tiveram papéis fundamentais para a escrita desta dissertação. Assim, agradeço às queridas Helena e Yara por todos os cafés que tomamos e as risadas que demos quando alguns momentos pareciam ser intransponíveis. À Vanessa, amiga do coração, agradeço pela acolhida em sua casa, nos momentos finais da escrita, e pelas *paisagens da janela* que compartilhamos de longa data. Ao Marcos e ao Vagner agradeço por estarem sempre dispostos a debater alguma dúvida filosófica ou histórica que tive.

Agora, relembro essa trajetória, acabo trilhando o mesmo caminho que percorri com meus entrevistados. E me faço as mesmas perguntas: O que me motivou a me envolver com este tema? Quais condições me possibilitaram chegar até onde cheguei?

Dizem que os pesquisadores são escolhidos por seus “objetos” de pesquisa. No meu caso, estive no “nascimento” de um deles. Entre todas as atividades da graduação e do meu trabalho, participei do *Coletivo de Educação e Luta* que teve parte importante no processo de construção do *Levante Popular da Juventude*.

Foi nesta época que conheci grande parte dos meus entrevistados para o trabalho de conclusão de curso. A eles agradeço o apoio e a motivação para continuar acreditando na transformação social deste país. Ao longo desta caminhada, outros/outras *compas* foram se somando. E a partir da confiança deles, tive acesso aos entrevistados para esta dissertação. Mais que “informantes” são

meus amigos e por isso lhes agradeço: Anderson, Antônio, Darla, Janaíta, Juliane, Lauro, Luciano, Lucio, Ronaldo e Zé.

Minha trajetória estudantil sempre esteve ligada à minha trajetória profissional, pois desde o Ensino Médio, não sei o que é “só estudar”. Dessa forma, é impossível não compartilhar este momento com meus colegas de trabalho (dos vários espaços pelos quais passei) e com os quais tive o prazer de conviver ao longo desses três anos. Primeiramente, agradeço a Lu Bitello, pelo incentivo e por me inserir no mundo da produção cultural. Aos meus colegas de Camaquã pelo encontro, pelo apoio, me substituindo em aulas ou modificando seus horários para que eu pudesse terminar as disciplinas do Mestrado. E, é claro, pela oportunidade única de participar do início de uma escola.

Aos meus colegas do IFSUL – Campus Sapucaia, agradeço pela acolhida. Alguns, mais que colegas, são exemplos de profissionais que quero ter sempre por perto. Novamente, pude contar com o seu apoio me substituindo em aulas e me incentivando quando eu, atrás de *pilhas* de provas e trabalhos para corrigir, me questionava se valeria a pena todo esse esforço. Assim, agradeço ao Agnaldo, à Denise, ao Guilherme, à Inessa, à Lairane, à Margarete, ao Ochôa e à Rosalir. Aproveito para agradecer aos diretores do Campus, Cléia, Berenice e Luis Ricardo, e aos meus coordenadores Janaína, Leonardo e Orozco por compreenderem esse momento.

Uma parte especial deste agradecimento é para os estudantes que tive a oportunidade de conhecer e conviver durante esse período. Impossível nomear a todos, porque são mais de 700. Mas agradeço àquelas primeiras turmas de Camaquã, pela coragem de apostar seu futuro numa escola em implantação e se entregar na busca pelo conhecimento. Eles me fazem lembrar com seus exemplos, e na carta que me escreveram na minha despedida da escola, de que “às vezes as oportunidades são únicas e não podemos desperdiçá-las”.

Agradeço às mais de vinte turmas que tive/tenho em Sapucaia. Estudantes das mais diversas origens sociais, idades, cursos. Toda esta diversidade me ensina e faz do meu fazer docente algo que me traz muita felicidade. Nos últimos meses, eram eles e elas que me davam força para esta jornada intensa. Muitos deles com seus sorrisos, abraços, palavras de incentivo, olhos curiosos e bocas-abertas, fazendo da sala de aula um espaço efetivo de conhecimento. Outros, não reagindo às minhas propostas ou mostrando indiferença, me ensinaram que é necessário

enfrentar e desnaturalizar o processo de ensino-aprendizagem de forma corajosa e criativa.

Aos queridos estudantes da turma 3M, turma especial, que sempre têm uma pergunta pra fazer. Ao saberem que eu tinha finalmente acabado a escrita quiseram saber o título da minha dissertação. Depois de mostrar-lhes, alguém no fundo da sala, espontaneamente me diz: Mas TUDO isso é só o título, *sora?! Mais uma vez, aprendo sobre a tal da “transposição didática” e lhes agradeço por isso.*

Outra parte significativa nessa jornada e a qual devo agradecer muito é o *Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento*. Foi neste espaço que aprendi e debati sobre a teoria que embasa esta dissertação. Mais do que encontros teóricos, fizemos desses momentos quase *festas*, que me ensinaram que o fazer acadêmico não é sinônimo de chatice e individualismo. Em meio a dúvidas, questionamentos de pesquisa, planejamento das atividades do grupo e dos desabafos por conta da sobrecarga de tarefas e pressão de prazos, demos muitas risadas. Assim agradeço a Anajá, André, Anna, Antonio, Carlos, Claudia, Gabrielle, Gerson, Guilherme, Márcia, Matheus, Rui e Valéria.

Ao Marcelo, meu orientador desde a graduação, faço um agradecimento especial. Agradeço pelo cuidado com o trabalho, pelas discussões teóricas sobre o modelo de análise, pela ajuda em organizar as ideias quando já me faltava criatividade para tal. E, principalmente, pelo exemplo de ética, responsabilidade e compromisso conosco, seus orientandos.

Também gostaria de agradecer ao Prof. Fernando Cotanda e à Prof. Cinara Rosenfield por terem participado da banca de qualificação e contribuído para o desenvolvimento deste trabalho. À profa. Cinara, minha especial admiração pela profissional que é.

Às professoras Ana Karina Brenner, Marilis Lemos Almeida e Melissa Mattos Pimenta, agradeço terem aceitado participar da banca de defesa. Agradeço pela leitura atenta, pelos comentários pertinentes e por me incentivarem a continuar o processo de investigação. Agradeço por problematizarem minhas *certezas parciais* e, com isso, me instigarem a pensar novos problemas de pesquisa. O momento da banca foi de muito aprendizado, diálogo e leveza.

À Melissa Mello, preciso agradecer três vezes: pelas aulas de inglês, pelas aulas de francês e pela correção do texto. Em meio a tudo isso, por todas as alegrias e angústias compartilhadas entre uma aula e outra. Ao Laurence Aquino,

agradeço pelo cuidado com as transcrições das entrevistas. Ao André Günther pela disposição em me ajudar com o trabalho de campo.

Por fim, não poderia deixar de agradecer às pessoas que compõe a minha *esfera familiar*. Aos meus pais, Reinaldo e Elisete, agradeço pela vida de trabalho duro que tiveram para darem as melhores condições possíveis a mim e meu irmão. Por não restringirem meus sonhos e incentivarem minha liberdade e autonomia. Ao meu querido irmão, por sempre estar disposto a *quebrar meus galhos*. E às minhas sobrinhas queridas Talita e Taquira pela alegria e afeto que sempre me proporcionam. Vocês são muito importantes pra mim!

Aos meus tios e tias, primos e primas, agradeço por reclamarem a minha presença nos encontros da família e assim me lembrar de que já estava mais que na hora de encerrar esta fase que carinhosamente chamei de dissertativa/vegetativa. Ao Igor, meu afilhado amado, que compreendeu a ausência da *dinda* nesse período.

Às minhas companheiras de *ap* só tenho sorrisos. À Aline que compartilhou a experiência de terminar a dissertação no mesmo período. À Gloria que conviveu com isso tudo e cantou pra espantar nossos males. À Angela que compartilha tantos momentos divertidos em nossa casa e foi uma grande incentivadora nos períodos da escrita. Valeu, gurias! Vamos à festa!

Aos meus amigos, de tantos lugares e períodos da vida. Agradeço por compartilhar cada momento com vocês, pelos risos, pelo apoio e pela caminhada conjunta. Nesse ir e vir, agradeço a sorte de ter conhecido a Stela, amiga que mesmo longe está perto. À Patrícia por nossas incursões noturnas pela Cidade Baixa, ao João pelas horas de conversa sobre ciências sociais, teatro e performance, à Geórgia, amiga querida desde o primeiro dia de aula na faculdade. Aos meus colegas de mestrado com quem compartilhei aulas, congressos e festas: Thales, Andressa e Milena. À Marieta pela melhor definição dessa etapa: EU grande, mestrado pequenininho. Frase que utilizamos quando a dissertação se transformava num monstro. Ao Pedro, pelo incentivo. À Ana Lúcia agradeço pela amizade, revisão atenta e pela parceria para conversar sobre a militância.

Finalmente, gostaria de agradecer aos jovens que participaram da pesquisa. A realização de tudo isso só foi possível por causa deles e delas, que me receberam e aceitaram compartilhar suas vidas comigo. Os admiro porque, como escreve Kerouac, “as pessoas loucas o bastante para acreditar que podem mudar o mundo, são as que o mudam”.

Agradeço, ainda, ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia/UFRGS, aos professores que ministraram as disciplinas do mestrado, à Regiane e à Fabiana pelas informações e auxílio prestado nesse período. À CAPES, agradeço os seis meses de bolsa. Aos trabalhadores brasileiros, agradeço por financiarem toda a minha formação escolar no ensino público.

Mas é você
Que ama o passado
E que não vê
É você
Que ama o passado
E que não vê
Que o novo sempre vem...

E hoje eu sei
Eu sei!
Que quem me deu a ideia
De uma nova consciência
E juventude
Está em casa
Guardado por Deus
Contando seus metais...

Você não sente não vê
Mas eu não posso deixar de dizer, meu amigo
Que uma nova mudança em breve vai acontecer
O que há algum tempo era jovem novo,
Hoje é antigo

E precisamos todos rejuvenescer

(Belchior em *Como nossos pais* e *Velha roupa colorida*)

RESUMO

A presente dissertação tem como tema de estudo o processo de engajamento militante. Especificamente, investigam-se condições e mecanismos que explicam diferentes formas de engajamento entre os jovens. A pesquisa foi realizada junto de duas organizações distintas: o *Levante Popular da Juventude* e o projeto de voluntariado *Tribos nas Trilhas da Cidadania*, ambos localizados na cidade de Porto Alegre/RS. A partir da discussão teórica da *contentious politics* e da sociologia do militantismo francesa, elaborou-se um modelo de análise do processo de engajamento, sendo o mesmo descrito e decomposto em suas condições e mecanismos básicos. Com efeito, parte-se do argumento de que o engajamento se constitui como um processo relacional, a partir de um conjunto de condições que requerem do envolvido certas disposições que envolvem interesses, crenças, valores e que possibilitem a identificação com uma “causa”, além de competências, recursos e acesso a oportunidades de mobilização. A análise parte de um ponto de vista individual para explicar de forma não individual o engajamento. Optou-se pelo estudo comparativo, com a realização de doze entrevistas em profundidade com os jovens participantes, com um coordenador de cada organização e observação participante em ações, encontros e reuniões e pesquisa documental. Como resultado, observou-se que os jovens passam a engajar-se a partir de mecanismos similares, mas a diversidade de formas de engajamento dá-se em função de características distintas da organização, tais como estruturas de mobilização, repertórios de ação e *frames*. A compatibilidade entre o “estoque” de disposições, capacidades e recursos dos indivíduos e estas características organizacionais é fundamental para a aproximação entre os jovens e as organizações. Por consequência, perceberam-se diferenças significativas ao se analisar a interação associativa, a socialização militante e a conexão estrutural de cada um dos grupos estudados. Assim, embora os mecanismos averiguados fossem os mesmos no movimento social e no voluntariado, as combinações entre diferentes características organizacionais e individuais oportunizariam a vivência do engajamento a partir de cinco dimensões: para os jovens participantes das TTC, a de um engajamento altruísta, consensual, pontual, individual e de continuidade. Já a possibilidade construída entre os jovens do LPJ e a organização deu-se a partir de um engajamento altruísta, conflitivo, global, coletivo e de ruptura. Com isso, as TTC cumprem um papel ao mostrarem aos jovens a situação de desigualdade social, produzindo um *incômodo* com a situação vivenciada em nossa sociedade e incentivando ações beneficentes, sem, no entanto, identificar um inimigo ou disputar recursos específicos. Já o LPJ, a partir de um forte processo de socialização militante, canaliza a *indignação* dos jovens, oferecendo uma possibilidade de inserção na organização e nas ações contestatórias, disputando recursos específicos a partir da identificação de um inimigo comum.

Palavras-chaves: Engajamento; Mecanismos; Socialização; Disposições; Juventude.

ABSTRACT

This subject study of this thesis is the militant engagement process. Specifically, the conditions and mechanisms that explain different forms of engagement among youth have been investigated. The research was conducted with two distinct organizations: the *Levante Popular da Juventude* and the volunteer project *Tribos nas Trilhas da Cidadania*, both from the city of Porto Alegre / RS. From the theoretical discussion of *contentious politics* and the French activism sociology, an analysis model of the engagement process, describing it and breaking it down into its basic mechanisms and conditions, was drawn up, with its description and decomposition in its conditions and basic mechanisms. Indeed, the starting point argument is that the engagement is constituted as a relational process, from a set of conditions that require from people involved some dispositions concern interests, beliefs, and values enabling the identification with a "cause", besides some skills, resources and access to mobilization opportunities. The analysis starts from an individual point of view to explain the engagement in a non-individual way. It was chosen the comparative study with twelve in-depth interviews with youth participants, with a coordinator from each organization and participant observation in actions and meetings and documentary research. As a result, it was observed that young people become engaged from similar mechanisms, but the diversity of forms of engagement occurs due to different characteristics of the organization, such as mobilization structures, repertoires of action and *frames*. Compatibility between the "stock" of dispositions, capabilities and resources of these individuals and organizational characteristics is fundamental to the approach between youth and organizations. Consequently, significant differences were noticed when analyzing the associative interaction, militant socialization and structural connection of each of the groups. Thus, although the investigated mechanisms were in the same in the social movement and volunteering, the combinations between different organizational and individual characteristics would make possible the experience of engagement based on five dimensions: for the young participants of the TTC, there is the altruistic, consensual, timely, individual and continual engagement. The possibility built among the youth of LPJ and the organization took place from a selfless, conflictive, global, collective and rupture engagement. With this, the TTCs play a role in showing young people the situation of social inequality, producing a *discomfort* with the situation experienced in our society and encouraging charitable actions, but without identifying an enemy or fight for specific resources. By the other hand, the LPJ, from a strong socialization militant process, focuses the *indignation* of young people, offering a possibility for inclusion in the organization and in the contesting actions, disputing specific resources from the identification of a common enemy.

Keywords: Engagement; Mechanisms; Socialization; Dispositions; Youth.

RÉSUMÉ

Le sujet d'étude de ce mémoire est le processus d'engagement militant. Plus précisément, on fait l'investigation des conditions et des mécanismes qui expliquent les différentes formes d'engagement chez les jeunes. La recherche a été menée auprès de deux organisations distinctes: le *Levante Popular da Juventude* et projet de bénévolat *Tribos nas Trilhas da Cidadania*, tous les deux situés dans la ville de Porto Alegre / RS. De la discussion théorique de la *contentious politics* et de la sociologie française du militantisme, on a élaboré un modèle d'analyse du processus d'engagement, en le décrivant et en le décomposant en ses conditions et mécanismes de base. En effet, le point de départ est l'argument qui dit que l'engagement est constitué comme un processus relationnel, à partir d'un ensemble de conditions qui demande de celui qui est engagé certaines dispositions qui impliquent les intérêts, les croyances et les valeurs et qui permettent l'identification à une «cause», outre les compétences, les ressources et l'accès aux possibilités de mobilisation. L'analyse commence d'un point de vue individuel pour expliquer l'engagement de manière non-individuelle. On a choisi l'étude comparative avec la réalisation de douze entretiens en profondeur avec des jeunes participants, avec un coordinateur de chaque organisation et l'observation participante dans des actions, des rencontres, des réunions et de la recherche documentaire. En conséquence, il a été observé que les jeunes s'engagent à partir de mécanismes similaires, mais la diversité des formes d'engagement est due à de différentes caractéristiques de l'organisation, tels que les structures de mobilisation et des répertoires d'action et des *frames*. La compatibilité entre le «stock» de dispositions, capacités et ressources de ces personnes et les caractéristiques organisationnelles est fondamentale pour le rapprochement entre les jeunes et les organisations. En conséquence, des différences significatives ont été observées lors de l'analyse de l'interaction associative, de la socialisation militante et la connexion structurelle de chacun des groupes. Ainsi, bien que les mécanismes étudiés étaient les mêmes dans le mouvement social et dans le bénévolat, les combinaisons entre les différentes caractéristiques organisationnelles et individuelles ont rendu possible l'expérience de l'engagement à partir de cinq dimensions: pour les jeunes participants des TTCs, l'engagement a été du type altruiste, consensuel, ponctuel, individuel et de continuité. La capacité construite chez les jeunes du LPJ et l'organisation a eu lieu à partir d'un engagement désintéressé, conflictuel, global, collectif et de rupture. Avec cela, les TTCs jouent leur rôle en montrant aux jeunes la situation d'inégalité sociale, la production d'un *malaise* face à la situation vécue dans notre société et en encourageant les actions de bienfaisance, sans toutefois identifier un ennemi ou disputer des ressources spécifiques. À son tour, le LPJ, à partir d'un fort processus militant de socialisation forte, concentre l'*indignation* des jeunes, en offrant une possibilité d'insertion dans l'organisation et dans les actions de contestation, en disputant des ressources spécifiques à partir de l'identification d'un ennemi commun.

Mots-clés: Engagement; Mécanismes; Socialisation; Dispositions; Jeunesse.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E TABELAS

FIGURA 1 – Organização do <i>Levante Popular da Juventude</i>	p. 32
FIGURA 2 – Organização das <i>Tribos nas Trilhas da Cidadania</i>	p. 35
FIGURA 3 – Sequência/etapas do Processo de Engajamento	p. 56
FIGURA 4 – Mecanismos do Processo de Engajamento	p. 57
TABELA 1 – Quadro de identificação dos entrevistados	p. 94

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CP	Consulta Popular
CUT	Central Única dos Trabalhadores
DCE	Diretório Central dos Estudantes
EIV	Estágio Interdisciplinar de Vivência
EM	Ensino Médio
ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
EPA	Grupo Religioso Estudo, Piedade e Ação
ES	Ensino Superior
FARC	Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia
FEBEM	Fundação Estadual para o Bem-Estar do Menor
FSM	Fórum Social Mundial
GPAGE	Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento
ICI	Instituto do Câncer Infantil
ITERRA	Instituto Técnico de Capacitação e Pesquisa da Reforma Agrária
LPJ	Levante Popular da Juventude
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
MPA	Movimento dos Pequenos Agricultores
MST	Movimento Sem Terra
MTD	Movimento dos Trabalhadores Desempregados
ONG	Organização Não Governamental
PJV	Parceiros Jovens Voluntários
PSOL	Partido Socialismo e Liberdade
PSTU	Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados
PT	Partido dos Trabalhadores
PV	Parceiros Voluntários
RECID	Rede de Educação Cidadã
RS	Rio Grande do Sul
SPAAN	Sociedade Porto-Alegrense de Auxílio aos Necessitados
TTC	Tribos nas Trilhas da Cidadania
UFRGS	Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
UNE	União Nacional de Estudantes

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 OS JOVENS EM 2011: A (RE)VOLTA DA JUVENTUDE ENGAJADA?	26
2.1 Saiu na Times: Person of the year 2011: The protester	26
2.2 Juventude e Participação Política	27
2.3 <i>Levante Popular da Juventude</i>	29
2.4 <i>Tribos nas Trilhas da Cidadania</i>	33
3 AS BASES TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE	38
3.1 O engajamento na perspectiva da sociologia do militantismo	39
3.2 Socialização e disposições	46
3.3 A importância dos quadros interpretativos na ação coletiva.....	51
3.4 Interação: relações sociais, retribuições e esferas de vida	53
3.5 Mecanismos do processo de engajamento	54
4 OS JOVENS ENGAJADOS, UM BREVE PERFIL.....	59
4.1 Alcances e limites do processo de entrevista	59
4.2 Eu sou voluntária de coração, mas no fundo tem o reconhecimento	62
4.3 E quando a pessoa ajuda é mais líder porque é tipo um professor... ..	64
4.4 É sempre bom ajudar os outros sem pedir nada em troca, porque isso volta pra ti	67
4.5 Eu tinha que ver como é que a coisa era	68
4.6 Tem que ir lá e fazer algo bom	71
4.7 Eu gosto dos movimentos, eu gosto das passeatas, eu gosto mais porque a gente não está só nessa célula.....	73
4.8 Daí que eu comecei a pensar no <i>Levante</i> não como uma carreira, mas como um futuro.....	76
4.9 Eu acho que estando nas tarefas tu aprende	78
4.10 Eu fico muito tempo aqui, porque isso consome muito tempo	80
4.11 Eu queria estar mobilizado, organizado em alguma coisa, mas não sabia como.....	83

4.12 E eu via minha participação mais na parte que eu já sabia, que era desenho.....	87
4.13 E todas essas crises ficaram por muito, muito tempo... Até eu começar a militar e dar vazão a essa energia toda!.....	89
4.14 Linearidades, Ajustamentos e Rupturas: atributos sociais, socializações e percursos de engajamento dos jovens retratados.....	93
5 A ANÁLISE DOS MECANISMOS DO PROCESSO DE ENGAJAMENTO.....	101
5.1 A mediação entre os jovens e as organizações	101
5.2 A interação associativa, a conexão estrutural e a socialização militante ..	105
5.3 A eficácia do alinhamento identitário	118
5.4 Dimensões do engajamento em movimentos consensuais e conflituosos: do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória	127
5.5 O desengajar-se	134
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	137
REFERÊNCIAS.....	141
APÊNDICES.....	145
Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	145
Apêndice B – Questionário <i>Tribos nas Trilhas da Cidadania</i>.....	147
Apêndice C – Questionário <i>Levante Popular da Juventude</i>.....	148
Apêndice D – Roteiro das entrevistas	149
Apêndice E – Lista de nós de codificação utilizados no NVIVO	152

1 INTRODUÇÃO

O tema deste estudo é o processo de engajamento militante, entendido “como toda forma de participação *duradoura* em uma ação coletiva que vise à defesa ou à promoção de uma causa” (SAWICKI; SIMÉANT, 2011, p. 201). Na presente dissertação, **investigam-se os mecanismos que explicam diferentes formas de engajamento entre os jovens.**

A partir da revisão da literatura sobre o tema, propõe-se que os mecanismos do processo de engajamento são a mediação, a interação associativa, a socialização militante, a conexão estrutural e o alinhamento identitário. Esses elementos formam um conjunto de eventos que, na sua conformação e articulação, possibilitam explicar a ocorrência (ou não) do engajamento. Ao mesmo tempo, além de analisar esses mecanismos, foi preciso levar em conta o processo de socialização dos envolvidos, averiguando-se as disposições construídas ao longo de suas trajetórias e durante o contexto de militância.

O estudo sobre engajamento, do ponto de vista sociológico, segundo Florence Passy (1998), aponta para dois focos de análise: 1) os processos de tomada de decisão dos indivíduos e os parâmetros que permitem com que analisem custos/benefícios de seu engajamento; 2) o papel das restrições/oportunidades políticas, que confere centralidade às condições político-institucionais na explicação do engajamento. No entanto, para a autora, estas abordagens explicam a formação e o desenvolvimento do potencial de mobilização, mas não a transformação do *potencial* em *ação*. Questionamento semelhante faz Alberto Melucci ao indagar: “como se passa da condição para a ação, como se forma um movimento que tem por atores os jovens?” (MELUCCI, 2001, p. 100).

Com isso, os autores chamam atenção para o fato de que o processo de engajamento, do ponto de vista analítico, envolve dimensões complexas em termos macro e microestruturais. Estas dimensões não são dicotômicas, pois se relacionam e se complementam, visto que é necessário um processo de mediação que conecte a estrutura organizativa e os quadros interpretativos das organizações aos indivíduos a serem recrutados. Por outro lado, não se pode negligenciar a tomada de decisão dos indivíduos quando participam dessas organizações, ignorando-se o sentido que possuem da participação e os efeitos dessa em suas vidas.

Neste sentido, entende-se socialização não somente como um produto das práticas culturais que permitem aos atores construir laços sociais, mas também como uma “área de investigação que explora as relações indissociáveis entre indivíduo e sociedade” (SETTON, 2008, p. 1). E entendem-se as disposições como maneiras de ser, agir e pensar existentes numa duração, construídas a partir da relação entre contexto social e interações (LAHIRE, 2005). Com isso, pode-se investigar como e quais disposições combinam-se em contextos diversos, contribuindo (ou não) para a produção do engajamento, pois, segundo Lahire, “as investigações empíricas permitem precisar as diferentes maneiras como os hábitos incorporados e as suas actualizações são vividos” (2005, p. 20).

A pesquisa realizada foi motivada pelo retorno dos estudos sobre ação coletiva no Brasil, após um refluxo nos anos 1990 e 2000, destacando-se a partir de diversas publicações acadêmicas recentes¹, retomando assim a produção brasileira das décadas de 1970/1980. Em segundo lugar, porque só recentemente essa produção começou a articular e incorporar conceitos e problemas de pesquisa propostos tanto pela abordagem da *contentious politics* quanto da *sociologia do militantismo*, abordagens reconhecidas internacionalmente por provocarem mudanças na forma de analisar a ação coletiva, os movimentos sociais e sua relação com o Estado.

Dito isto, a intenção desta dissertação é contribuir na construção de material empírico e teórico sobre este processo fundamental para o estudo da ação coletiva que é a construção do engajamento militante. Rompe-se, assim, com certa naturalização do processo do agir coletivo que perdurou no debate acadêmico nas últimas décadas no país.

Além disso, esta pesquisa insere-se dentro da temática desenvolvida no Grupo de Pesquisa Associativismo, Contestação e Engajamento (GPACE/UFRGS), mais especificamente no que se refere à questão-chave: “Por que indivíduos se engajam em processos associativos e em ações de contestação e quais as decorrências disso para suas vidas?”. Neste sentido, elegemos a categoria

¹ Soc. Estado. v.21 n. 1, jan/abr. 2006; Cadernos CRH nº. 54, set/dez 2008 (Dossiê Movimentos Sociais e Política); Estudos Históricos n. 42, jul/dez 2008 (Movimentos Sociais e Partidos Políticos); Lua Nova: revista de cultura e política, n. 76, 2009 (De volta aos movimentos sociais); Revista Brasileira de Ciência Política, n. 3 jan/jul 2010 (Movimentos sociais e ação coletiva); Sociologias, n. 28, set/dez 2011 (Dinâmicas da ação coletiva).

juventude como ponto central da investigação pela importância demográfica e política que esta assumiu na última década no contexto brasileiro.

Atualmente, o país conta com 26,9%² da população brasileira na faixa etária entre 15 a 29 anos, mas os indicadores sociais são bastante preocupantes, pois se percebe que este grupo é um dos mais atingidos pela defasagem de ensino, desemprego e violência. Por isso, desde 2005, observa-se no Brasil o desenvolvimento de uma série de Políticas Públicas de Juventude para proporcionar aumento na escolaridade, formação profissional e diminuição da violência. Além disso, destaca-se o surgimento de Conselhos e Secretarias específicas que requerem a participação política dos jovens. Neste sentido, em âmbito nacional, ocorreu a criação do Conselho Nacional de Juventude, do Plano Nacional de Juventude e da Secretaria Nacional de Juventude, e a aprovação da PEC da Juventude³, o que demonstra certa valorização dessa categoria na arena política.

A participação política da juventude é um tema que (con)forma a imagem desse grupo ao longo das décadas, ora sendo caracterizado pelo ativismo, ora pela apatia (ABRAMO, 1997). Talvez parte dessa imagem de apatia seja subsidiada pela análise de dados estatísticos sobre essa participação. Na pesquisa Juventude Brasileira e Democracia (CARRANO, LÂNES, e RIBEIRO, 2005) os números mostram que, dentre os jovens entrevistados, o percentual de engajamento é muito baixo: somente 3% participam de grupos de voluntariado, 1,3% de movimentos sociais (educação, saúde, moradia) e 0,8% participa de movimentos identitários (negro, indígena, feminista, de opção sexual). Outro dado interessante refere-se aos percentuais que demonstram o desengajamento dos jovens, pois 11,4% responderam já ter participado de grupos de voluntariado, assim como 5,9% de movimentos sociais e 3% de movimentos identitários.

Essas pesquisas demonstram o declínio do associativismo juvenil em espaços tradicionais (partidos políticos, sindicatos e movimento estudantil) e o aumento da participação em movimentos religiosos, culturais e esportivos (CARRANO, LÂNES, e RIBEIRO, 2005). Alguns pesquisadores consideram que as percepções sobre uma juventude apática são

² Dados do Censo 2010 - IBGE.

³ PEC 42/2008 insere o termo juventude no capítulo dos Direitos e Garantias Fundamentais da Constituição Federal, mudança que aponta para o avanço das políticas públicas existentes elevando-as a um patamar de política de Estado (fonte: <<http://www.juventude.gov.br/e-fato/08-07-vitoria-da-juventude-brasileira-senado-aprova-pec-42-2008>>).

Agravadas pela insuficiência de pesquisas que permitam com alguma precisão apreender e interpretar as situações pelas quais os (as) jovens, em diferentes contextos e condições econômicas e sociais, expressam processos de recusa, impossibilidades ou mesmo apontam para novas práticas de participação de solidariedade e conflito que já praticam ou com as quais aceitariam se envolver (CARRANO, LÂNES, e RIBEIRO, 2005, p. 9).

A insuficiência de estudos em relação a esse público é demonstrada pelo estado da arte sobre juventude na pós-graduação brasileira que, no período de 1999 a 2006, analisou a produção dos programas de pós-graduação em Educação, Ciências Sociais e Serviço Social, identificando pouquíssimos estudos sobre a participação de jovens em movimentos sociais e no voluntariado (SPOSITO, 2009).

Com isso, a escolha para a investigação empírica dos mecanismos do processo de engajamento baseou-se na identificação dessa lacuna em relação aos estudos sobre juventude. Dessa forma escolheu-se o projeto de voluntariado *Tribos nas Trilhas da Cidadania* (TTC) e a organização *Levante Popular da Juventude* (LPJ) como objetos empíricos da presente pesquisa. A atuação destas organizações é de caráter estadual, porém com maior incidência na Região Metropolitana de Porto Alegre/RS. Os grupos foram escolhidos a partir de possíveis parâmetros de comparação resultantes de aspectos semelhantes, mas sendo também importante que apresentassem diferenças significativas em termos de suas características organizacionais.

Então, são ressaltados como aspectos de aproximação entre as duas organizações o trabalho específico com juventude, a atuação em escolas e a diversidade socioeconômica dos envolvidos. As diferenças estão baseadas nos quadros interpretativos, nas diferentes redes associativas das organizações, nas ações desenvolvidas pelos jovens e nas estruturas de mobilização constitutivas desses atores, pois nos parece que o movimento social visa a construir um ator coletivo, ao passo que o voluntariado parece orientar-se por ações mais individualizadas, que se integram em um ideário compartilhado, mas não chegam a formar um ator coletivo, sendo este representado pelo projeto de voluntariado *Tribos nas Trilhas da Cidadania*, e aquele pela organização *Levante Popular da Juventude*.

O *Levante Popular da Juventude* (LPJ) foi criado em meados de 2005, a partir de uma deliberação da Consulta Popular⁴ (CP) que identificava uma necessidade de “organizar” a juventude urbana. É um grupo que agrega jovens de diversos movimentos sociais, além de grupos culturais e estudantes universitários e secundaristas. Sua organização está voltada para fomentar a participação dos jovens a partir de pautas vinculadas à melhoria de sua condição social (educação, trabalho e cultura). A metodologia do trabalho de recrutamento da organização está fundamentada em formas de organização que dialoguem com os jovens para o incentivo do engajamento. Desta maneira, a linguagem utilizada nos momentos de formação política, o direcionamento de atividades próximas da juventude, tais como stencil, música, teatro são utilizadas nas manifestações para atrair e dialogar com este público.

O *Tribos nas Trilhas da Cidadania* (TTC), criado em 2003, é uma ação da ONG Parceiros Voluntários (PV), dentro do programa Parceiros Jovens Voluntários (PJV). Propõe-se a “estimular que o jovem atue em seu contexto social por meio do trabalho voluntário e do empreendedorismo, visando sua formação como agente mobilizador e articulador frente a desafios cotidianos e sua integração à comunidade, com base na solidariedade e na Responsabilidade Social Individual⁵”. Seu âmbito de atuação está nas escolas, articulando instituição, direção, pais e educadores no incentivo ao voluntariado dos jovens para a promoção de ações voltadas à Educação para a Paz, Cultura e Meio Ambiente.

A hipótese geral de trabalho parte do argumento de que o processo de engajamento dos jovens em organizações de movimento social e em grupos de voluntariado apresenta etapas e mecanismos similares: a mediação, a interação associativa, a socialização militante, a conexão estrutural e o alinhamento identitário, elementos que formam um conjunto de eventos que, na sua articulação, promovem o engajamento.

Na segunda hipótese, destacamos a importância das socializações precedentes que condicionam a eficácia desses mecanismos anteriormente citados. Dessa forma, o estoque de disposições, recursos e capacidades do indivíduo

⁴ Agrupamento de vários movimentos sociais de massa próximos ao Movimento Sem Terra (MST), organizados desde 1997.

⁵ Fonte: <<http://www.parceirosjovensvoluntarios.org.br/oquee.aspx>>, acessado em 30 de outubro de 2010.

preenche significativamente o conteúdo dos fluxos que perpassam as relações sociais e os levam às organizações.

Na terceira hipótese, enfatiza-se que a diversidade de engajamentos se dá em função das características distintas das organizações (seus objetivos, formas de atuação etc.) e dos agentes mobilizados. Embora os mecanismos para se construir engajamento sejam os mesmos no movimento social e no voluntariado, a combinação entre diferentes socializações e diferentes formas de associativismo formam padrões de engajamento distintos. Estes padrões podem ser pensados em termos de um projeto de organização coletiva para os jovens engajados em movimentos sociais e um projeto focado na realização pessoal para os jovens participantes do voluntariado.

Em termos metodológicos, optou-se por realizar a pesquisa com jovens de diferentes grupos associativos. Dando continuidade à pesquisa realizada para o Trabalho de Conclusão de Curso do Bacharelado em Ciências Sociais (RUSKOWSKI, 2009), sentiu-se a necessidade de observar o processo de construção de engajamento em diferentes situações. Devido a isso, a intenção foi aprofundar o estudo no LPJ, objeto da primeira pesquisa, e incluir um programa de voluntariado devido às sabidas diferenças de atuação dos dois grupos na sociedade.

A escolha pelo método comparativo deu-se pela necessidade de se reunir um conjunto de dados empíricos que permitisse a análise mais aprofundada sobre o engajamento na juventude, já que, ao se optar por comparar dois grupos associativos com estruturas de mobilização diferentes, foi possível reunir um conjunto de informações que permitiram a construção teórica sobre as diversas dimensões do engajamento a partir de trajetórias com socializações distintas. Com isso, as hipóteses sobre a similaridade dos mecanismos de engajamento puderam ser testadas, sendo as mesmas preenchidas com informações empíricas sobre diversos contextos de construção do engajamento.

A comparação de casos contrastantes (GIRAUD, 2009) permitiu elencar regularidades e irregularidades nos processos de engajamento na juventude, identificando-se semelhanças e diferenças, continuidades e descontinuidades que possibilitaram explicitar de que forma se constroem os processos de mobilização nesta fase da vida, e que puderam explicar as diferentes dimensões do engajamento. Para Giraud,

o interesse da comparação se deve ao confronto entre casos diferentes dentro de uma mesma categoria analítica. Essa operação provoca uma tensão na própria unidade da categoria [...] que só pode ser resolvida através da reconstrução da própria categoria e da verificação de que mecanismos comensuráveis funcionam nessa categoria que admite uma grande diversidade. É justamente o trabalho de interrogação sobre os mecanismos mesmos de funcionamento dos fenômenos a serem estudados que constitui a força das abordagens centradas nos casos mais diferentes (GIRAUD, 2009, p. 55-56).

Para Schneider e Schmitt (1998), o estudo comparado deve seguir alguns passos: a) a seleção de dois ou mais fenômenos que possam ser comparados e que permitam ao pesquisador construir instâncias de comparação, seja por semelhança ou contraste; b) definição de elementos que possam ser comparados a partir do modelo de análise construído e, finalmente, c) escolha de um nível estratégico de generalização a partir do agrupamento de fatos que sejam importantes para elucidar o problema e que ultrapasse a mera descrição dos objetos.

No fundo, esses trabalhos permitem ilustrar a pluralidade, a diversidade das situações sociais e dos contextos culturais. Nisso, são representativos do interesse marcado pela pluralidade do social que Clifford Geertz manifesta em sua obra (CEFAI, 2007). Neste caso, encarar a pluralidade permite igualmente abarcar a complexidade dos mecanismos de base do funcionamento de um fenômeno a ser explicado ou, pelo menos, estudado (GIRAUD, 2009, p. 63).

A coleta de dados da pesquisa deu-se a partir de uma combinação de técnicas qualitativas, tais como: observação participante, entrevista em profundidade e pesquisa documental⁶. A combinação dessas técnicas possibilitou a apreensão do conjunto de indicadores necessários para responder ao problema de pesquisa proposto.

Velho (1981), ao discutir sobre a problemática do pesquisador que pesquisa sua sociedade, ressalta que aquilo que nos é familiar não nos é necessariamente conhecido. Neste sentido, o pesquisador deve colocar-se "a questão de seu lugar e de suas possibilidades de relativizá-lo ou transcendê-lo e poder 'pôr-se no lugar do outro'" (VELHO, 1981, p. 127). O desafio na interação estava colocado em cada um dos grupos de formas opostas: 1) *deixar vir a tona* as relações mais aprofundadas com o LPJ sem, no entanto, deixar de *estranhar* as atividades, as rotinas, as pessoas, enfim... aquele cotidiano já conhecido e pesquisado; 2) *imersão* no TTC, sem estabelecer relações cínicas, aberta para compreender as atividades no

⁶ Os instrumentos de coleta de dados estão no Apêndice, página 149.

universo de significados no qual elas são desenvolvidas e a importância delas para os envolvidos.

A observação participante nos dois grupos ocorreu de forma muito distinta. No *Levante Popular da Juventude* (LPJ), devido à relação já construída anteriormente, a mesma ocorreu de forma mais sistemática e com um acesso mais “livre”. Frequentaram-se reuniões em duas células do grupo: célula Sul e célula Centro, além de encontros de formação e manifestações realizadas no período da pesquisa.

O contato inicial com o programa *Tribo nas Trilhas da Cidadania* (TTC) foi por meio da coordenação na ONG *Parceiros Voluntários* (PV). Como não foi dado retorno, resolveu-se contatar algumas escolas. Esta alternativa mostrou-se mais efetiva, pois logo foi possível a participação em uma atividade realizada pela *Tribo Panorama*, composta por três escolas particulares confessionais. A partir daí, ocorreram observações em algumas reuniões e em duas atividades, uma pelo Dia das Mães e outra pelo Dia da Criança.

Essas observações tiveram o propósito de identificar como se dava a relação dos jovens com as organizações estudadas, assim como reunir elementos mais gerais sobre a história e o desenvolvimento dos grupos para então contatar os jovens que seriam entrevistados. A inserção em campo realizou-se da seguinte forma: primeiro, foi feita a aproximação com os núcleos desses grupos na cidade de Porto Alegre. Logo após, foi distribuído um questionário⁷ para identificar os jovens que se dispunham a participar da pesquisa, e, a partir disso, as entrevistas foram agendadas e realizadas.

A realização das entrevistas foi pensada a partir da proposta de Bernard Lahire de “*levar em consideração, na análise das práticas ou comportamentos sociais, o passado incorporado dos atores individuais*” (LAHIRE, 2004, p. 21). Para tanto, construiu-se um instrumento metodológico que captasse a perspectiva diacrônica e sincrônica da ação, e, principalmente, da variação intra-individual dos comportamentos, atitudes, gostos em diferentes contextos sociais (LAHIRE, 2004).

Dessa forma, a grade de entrevistas seguiu a metodologia dos Retratos Sociológicos (LAHIRE, 2004) para privilegiar que as mesmas⁸ caminhassem no

⁷ Os modelos utilizados estão no Apêndice, páginas 147 e 148.

⁸ Durante a realização das entrevistas, enfrentaram-se algumas dificuldades para seguir a metodologia escolhida, particularmente em termos de tempo para desenvolvimento de entrevistas longas e repetidas, pois muitas vezes os entrevistados não dispunham de tal possibilidade. Por isso, realizou-se uma adaptação dessa proposta.

sentido de apreender práticas, comportamentos, maneiras de ver, sentir e agir em diferentes domínios de práticas, possibilitando que as informações sobre o mesmo indivíduo fossem comparadas. Lahire ressalta que é importante distinguir quais disposições vêm acompanhadas de apetências (paixão), de desgostos ou rejeições ou de indiferença (rotina, automatismo). Com isso, entende-se o engajamento dos jovens e sua relação com os diversos contextos vivenciados e identificam-se como as disposições são atualizadas ou inibidas em determinados contextos.

Para complementar essas informações, foi feita uma pesquisa documental em textos, cartilhas e blogs produzidos pelos grupos a fim de se identificarem os quadros interpretativos das organizações e os elementos simbólicos utilizados pelos grupos. Com isso, a partir desses procedimentos metodológicos, buscou-se reunir um conjunto de dados que trouxessem elementos para realizar a comparação entre os jovens engajados em movimentos sociais e no voluntariado, explicando a relação entre as disposições, os mecanismos e os contextos que se articulam na produção de diferentes formas de engajamento.

A dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo, foi feita uma breve retomada dos eventos de protesto ocorridos em 2011 em várias regiões do mundo. Esta rápida contextualização ressalta a atualidade do tema da ação coletiva. Logo após, traçou-se um panorama da relação entre juventude e participação política no Brasil e fez-se a descrição dos grupos pesquisados. O segundo capítulo apresenta o referencial teórico empregado na pesquisa, a partir dos conceitos utilizados na construção do modelo de análise. No terceiro capítulo, optou-se por colocar um breve perfil de cada um dos/das jovens entrevistados/as e a análise das trajetórias desses jovens. O último capítulo retoma o modelo de análise e, a partir dos achados do campo, o reconstrói. Nas considerações finais, retomaram-se as hipóteses e a discussão sobre a pertinência dos mecanismos do processo de engajamento. No apêndice, encontram-se o termo de consentimento, os questionários, o roteiro da entrevista e a lista de nós e a lista de codificação utilizada na análise das entrevistas.

2 OS JOVENS EM 2011: A (RE)VOLTA DA JUVENTUDE ENGAJADA?

2.1 Saiu na Times: Person of the year 2011: The protester

O ano de 2011 foi especialmente importante no campo da análise sobre ação coletiva, com a eclosão em várias partes do mundo de mobilizações sociais que reivindicam questões que, se não nos parecem novas, foram articuladas com repertórios diferentes, utilizando-se das mídias sociais, trazendo às ruas jovens que não tinham a vivência da participação e da organização coletiva e estabelecendo conexões virtuais com os mais diferentes públicos. Tunísia, Egito, Líbia, Iêmen derrubaram ditaduras. Na Espanha, Grécia e Londres, ocorreram greves e ocupações, assim como no Chile e atingindo o centro financeiro Wall Street nos Estados Unidos. Mesmo que os alvos tenham variado de lugar, podem ser considerados “clássicos”: ditadores, governos liberais, bancos e corporações. As formas de ação assemelharam-se nesses lugares, pois se utilizaram das novas tecnologias de informação e comunicação, ocuparam espaços públicos como praças e recusaram formas institucionais de organização (HARVEY et al., 2012).

Os personagens dessas ações são na sua maioria jovens. Uma geração que cresceu socializada com os meios digitais, que não viveu a divisão da Guerra Fria, que esteve o tempo todo sobre a égide do individualismo e que cresceu em meio ao enfraquecimento das instituições tradicionais de participação (sindicatos e partidos políticos). Além disso,

Há uma desregulamentação global e perda de direitos sociais em nome da “flexibilização” que ampliou a nova camada social precarizada concentrada nos jovens. Esses jovens indignados da Europa, assim como os insurretos *shabab* (“jovens”) do mundo árabe, são os que despertaram uma nova euforia política num mundo dominado pelos ideais de individualismo, de perpétua continuidade do cotidiano e de carência de projetos coletivos para o futuro (HARVEY, 2012, p. 13).

No Brasil, os conflitos estiveram relacionados à ocupação da população pobre em locais centrais ou alvos da disputa com a especulação imobiliária e a partir de ações da polícia militar. São os casos de Pinheirinho, em São Paulo, do Morro Santa Tereza, em Porto Alegre, da ocupação Eliane Silva, em Belo Horizonte ou mesmo os casos de ocupações das Universidades pelos estudantes, como na USP e na UnB,

onde tradicionalmente a estes territórios tinham acesso restrito a polícia militar que, nestas situações, assumiu o comando das “negociações”. Também tivemos certa mobilização nas “Marchas da Maconha”, mas nenhum desses movimentos ganhou uma adesão de massa.

No entanto, a imagem da juventude como agente social transformador não foi abandonada e é, inclusive, alvo de disputas dos mais diversos setores, seja dos setores clássicos da esquerda (movimentos estudantis ou setores de juventude de partidos políticos), seja dos setores mais tradicionais vinculados aos movimentos religiosos conservadores, aos programas de voluntariado ou aos partidos liberais. A mobilização da juventude no Brasil, nos últimos anos, está vinculada à disputa e à conquista de políticas públicas voltadas para os jovens.

2.2 Juventude e Participação Política

O conceito juventude traz consigo uma série de problemas teóricos, visto que se configura também como uma categoria muito utilizada no senso comum, perdendo, muitas vezes, sua utilidade analítica. Ao mesmo tempo, não se pode utilizá-lo de forma normativa, como um dever ser, pois, assim, corre-se o risco de se perder a heterogeneidade do mundo social. Portanto, parte-se da concepção de Pais (2003) na qual a juventude é encarada a partir de dois eixos semânticos: como unidade, quando referida a uma fase da vida; e como diversidade, quando estão em jogo diferentes atributos sociais que distinguem os jovens uns dos outros.

Alguns autores buscam estabelecer a diferença entre *condição*, que está relacionada aos significados atribuídos a esta etapa da vida pela sociedade, numa dimensão histórica e geracional, e *situação* que é a forma pela qual os jovens vivem esta condição nas dimensões econômicas e culturais (SOUTO; PONTUAL, 2007). Com isso, pode-se analisar a condição juvenil a partir das dimensões da *preparação para a vida futura e da experimentação da vida presente*, predominando na análise a primeira dimensão (SOUTO; PONTUAL, 2007).

Por isso, ao realizar-se uma dissertação sobre participação política da juventude em movimentos sociais e em projetos de voluntariado, faz-se necessário reconstruir o percurso recente dessa categoria na esfera pública. A “juventude” dos anos 1960 e 1970 fixou-se no imaginário público como uma geração revolucionária,

que impulsionou uma “revolução” cultural no mundo ocidental. Mas, a partir dos anos 1980, a imagem dessa categoria passou a se mostrar ora fonte, ora vítima dos problemas sociais enfrentados, principalmente na América Latina e, em especial, no Brasil.

A mudança demográfica que o país atravessa, passando a ser um país de adultos e, daqui alguns anos, um país de idosos, repercutiu na forma como se lida com a “questão juvenil” (COSTA, 2011, p. web). Organismos internacionais (Banco Mundial, ONU), ONGs, partidos políticos acentuaram a discussão sobre a necessidade de políticas públicas de juventude e promoveram uma série de estudos para analisar a situação dos jovens no país. Um desses estudos sobre a caracterização de situações-tipo vividas por jovens latino-americanos ressalta a preponderância das questões sociais sobre as de liberdades políticas, “indicando que a experiência histórica da geração que vive a juventude na passagem do milênio inclui, no seu âmago, as dificuldades relacionadas à inserção social” (SOUTO; PONTUAL, 2007, p.21).

Em 1985, a ONU promoveu o Ano Internacional da Juventude, realizando discussões em vários países para tratar de políticas públicas para esta categoria. No Brasil, esta discussão começou a se intensificar somente na década de 1990. As políticas públicas de juventude, no país, assumiram no decorrer das décadas diferentes propostas e concepções sobre seu papel e o desenvolvimento de seu público-alvo. E foi somente a partir da década de 1990 que se tornou possível se referir a políticas sociais especificamente voltadas para a juventude⁹.

Cynthia Boghossian e Maria Minayo (2009), ao revisarem a literatura sobre juventude e participação política dos últimos dez anos, destacam duas percepções principais sobre os jovens: a) a de que eles não participam e b) a de que eles participam de formas novas. Segundo as autoras,

percebe-se, nesse contexto, a grande diversidade de propostas direcionadas a “estimular a participação juvenil” e a abertura de espaços para essa participação, desenhando-se o desafio de problematizar seus objetivos e estratégias, seus avanços e principais entraves (BOGHOSSIAN; MINAYO, 2009, p.412).

⁹ Uma análise interessante sobre a ideia do protagonismo juvenil e sua relação com as políticas públicas pode ser vista em: GOULART, Marcos Vinicius da Silva. **Incursões biopolíticas**: o poder jovem nas tramas da arena pública. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Instituto de Psicologia. Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional. 2011.

No balanço sobre estudos de pós-graduação que relacionam os jovens a algum aspecto da prática política a partir de cinco eixos temáticos (relacionados à participação e militância política estudantil, às diferentes ações coletivas de jovens, aos valores, à socialização e à cultura política, aos estudos sobre protagonismo juvenil, e as interfaces entre as políticas públicas, sociedade civil e juventude), destaca-se a ausência de estudos sobre participação de jovens em movimentos sociais urbanos ou partidos políticos. As poucas referências têm como objeto de análise a Pastoral da Juventude e grupos culturais (SPOSITO, BRENNER, e MORAES, 2009).

Como ressaltam os autores,

fica ainda muito obscura a distinção analítica entre a esfera da participação política nos sistemas institucionais, o campo político em senso estrito e as novas formas da ação coletiva no interior das teorias sobre os movimentos sociais e culturais. Essas práticas emergentes, ao serem estudadas, poderiam alargar a própria noção da política, como afirmamos na introdução, porque interrogariam sobre as possibilidades de construção coletiva de novos conflitos e de formação de dissensos no âmbito da experiência dos jovens brasileiros (SPOSITO, BRENNER, e MORAES, 2009, p.199).

O que se percebe a partir da revisão da literatura sobre juventude e participação política é que a produção acadêmica no campo da sociologia da juventude não utiliza os recursos teórico-metodológicos desenvolvidos pela sociologia da ação coletiva. Porquanto, a análise produzida não ganha um aprofundamento maior que torne complexa a explicação sobre os cenários empíricos identificados a partir dos anos 1990 e as causas de uma possível “apatia” juvenil ou da transformação da participação política dos jovens para grupos culturais.

2.3 Levante Popular da Juventude

O *Levante Popular da Juventude* (LPJ) foi criado em meados de 2005, a partir de uma deliberação da *Consulta Popular*¹⁰ (CP), que identificava a necessidade de “organizar” a juventude urbana. É um grupo bem diversificado, agregando jovens de

¹⁰ Agrupamento de vários movimentos sociais de massa próximos ao Movimento Sem Terra (MST), organizados desde 1997.

diversos movimentos sociais (tanto urbanos quanto do campo), além de movimentos culturais e estudantes universitários e secundaristas. Suas pautas reivindicativas giram em torno da melhoria da condição social da juventude (educação, trabalho e cultura). A organização está voltada para fomentar a participação dos jovens (principalmente da periferia) a partir dessas pautas, mas também atenta para proporcionar formas de organização que dialoguem com os jovens para o incentivo do engajamento.

O marco de criação desse grupo ocorreu com um Acampamento da Juventude, na cidade de São Gabriel/RS, que contou com a participação de 450 jovens. A partir deste evento, a organização começou a se estruturar, ainda de forma incipiente, como relata um dos jovens participantes:

Então, dali, depois do acampamento, seguimos trabalhando no tripé que sempre nos orientou: organização, formação e luta. Fomos organizando um grupo, crescentemente maior, que se organizava como *Levante* e que tocava suas atividades. Fomos apostando na formação, fazendo encontros mensais de estudo com *compas* mais experientes dos nossos diversos movimentos, como MST, MPA, MAB, MTD, etc. E projetamos uma luta, que queríamos que fosse grande, para dali há alguns meses. A gurizada então, junto com as demais atividades, se tocou a passar em colégios da periferia, igrejas, todos os lugares aonde sabíamos que tinha jovens e que poderíamos chamar pra lutar juntos. Decidimos por fazer uma ocupação simbólica da UFRGS (Luís, 28, LPJ¹¹).

O LPJ está organizado em Porto Alegre em três “células”, como eles se denominam, ou seja, pequenos grupos constituídos territorialmente que desenvolvem atividades em seus bairros e tentam agregar outros jovens. Na célula, também se desenvolve o processo de estudo e de organização das atividades. Na cidade, as células são a “Universidade”, a “Centro” e a “Sul”, agregando cerca de 50 jovens mais “orgânicos” ao movimento, com um processo de identificação mais avançado. No entanto, existem “frentes de trabalho de base” em outras regiões, na qual participam jovens que estão iniciando o contato com a organização e, por isso, a rotatividade nesses espaços é maior.

O segundo núcleo é na cidade de Santa Maria e possui duas células das quais participam cerca de 40 jovens. Ainda existem células nas cidades de Cachoeira do Sul e Pelotas, que começaram há pouco tempo e estão em um

¹¹ Adotou-se o seguinte procedimento para identificar os extratos das entrevistas: nome fictício, idade e movimento que participa.

processo inicial de organização. Os militantes referem-se a esta forma de organização como a “organicidade” do movimento, ou seja, alguns jovens ficam responsáveis por construir o processo de organização dos jovens em determinados territórios e isso é uma “célula”. À medida que esta célula começa a ganhar vigor, realizando reuniões, conquistando novos integrantes, realizando atividades de formação e ação direta, ela está se tornando “orgânica” ao movimento e pode, inclusive, se dividir, formando outras células. Neste sentido, a célula de Pelotas tem se destacado pela grande “organicidade” construída até o momento. Além disso, tal processo de organização no grupo funciona de forma a permitir que alguns integrantes de cada célula participem de outras instâncias do LPJ.

Além desses jovens que ingressaram a partir da identificação como *Levante Popular da Juventude*, existem outras “frentes” que nasceram da relação com os movimentos da Via Campesina. São jovens integrantes do MST, MPA e MAB que se identificam e participam dos encontros do LPJ, principalmente na região norte do estado, na cidade de Frederico Westphalen.

A “organicidade” (Figura 1) está prevista na divisão por célula, na qual existem dois coordenadores que participam da “secretaria operativa”, que acaba por reunir os integrantes mais engajados. Estes são os responsáveis por encaminhar as atividades, as agendas de manifestação e a articulação com outros grupos. Os integrantes ressaltam que esta secretaria tem o caráter executivo, de acordo com as deliberações tomadas nos encontros estaduais. Existem também os “setores” de mulheres, de comunicação e de formação que devem atuar de modo transversal propondo atividades para todas as células sobre questões de gênero, divulgação das atividades e estudo político, atuando no tripé “organização, formação e luta”.

A articulação na secretaria operativa trabalha a partir da demanda das células e, ao mesmo tempo, gera demanda para as células. Dessa forma, o planejamento das atividades é anual, com a escolha do que eles chamam de “metassíntese, que são atividades e eventos que concentram todos os esforços da organização para que ela consiga superar e se desenvolver, avançar na sua organização” (Alex, 27, LPJ). Em 2011, foram propostas três metassínteses. A primeira delas foi a construção do Acampamento da Juventude em Santa Maria, que ocorreu em julho. Após, estava planejada uma “luta”, que deveria ter sido feita em agosto, mas que ocorreu somente em novembro, com uma pauta vinculada à educação. A terceira metassíntese era a construção de um Acampamento Nacional

da Juventude, previsto para ocorrer concomitante a Reunião da Aliança Bolivariana para as Américas, programado para acontecer em Porto Alegre no início de novembro. Porém, com o cancelamento do evento, a alternativa adotada foi realizá-lo em fevereiro de 2012, na cidade de Santa Cruz do Sul/RS, paralelo à 2ª Festa e Feira da Agricultura e Agroindústria Camponesa, evento realizado pelo MPA.



Figura 1 – Organização do LPJ.
Fonte: elaboração da autora.

Foi neste Acampamento que culminou o processo de nacionalização do LPJ. Dentro da Consulta Popular, desde 2005, discutia-se a possibilidade da criação de uma organização para a juventude e, no Rio Grande do Sul, esta ferramenta foi o LPJ. Com seu crescimento no estado, o LPJ se configurou como a alternativa nacional de mobilização da juventude. Então, no início de 2011, ficou decidido que essa experiência se difundiria nos estados onde a Consulta tem militantes atuando. A intenção era

tornar uma experiência que todos os militantes da juventude da Consulta, que atuam, tenham essa tarefa de construir o *Levante*, como sendo a ferramenta que teria essa capacidade de aglutinar tanto o trabalho de juventude no meio popular, tanto esse trabalho de juventude nas universidades (que é o mais forte em termos nacionais na Consulta), ela tem muito esforço no movimento estudantil. Tem pouca inserção no movimento popular e algum trabalho dentro dos movimentos da Via [Campesina]. E o *Levante* seria, então, essa possibilidade de casar a organização desses segmentos todos dentro do mesmo espaço organizativo, tu ter diferentes sujeitos, seja camponeses, universitários ou do meio popular construindo uma mesma ferramenta (Alex, 27, LPJ).

A partir da metodologia de trabalho criada no Rio Grande do Sul, alguns desses jovens têm sido chamados em outros estados para acompanhar e contribuir devido à experiência de mobilização construída nesta trajetória¹².

¹² Para os objetivos desta pesquisa, não cabe estendermos a análise sobre este processo de nacionalização do LPJ, o que será feito mais tarde, em uma pesquisa específica sobre este Acampamento.

No *Levante Popular da Juventude* (LPJ), o diferencial da proposta de trabalho de mobilização está relacionado à utilização de elementos da cultura juvenil, principalmente aqueles identificados como potencialmente significativos/atrativos para os jovens das periferias urbanas, que se expressa numa preocupação e investimento forte nas performances do grupo. Oficinas de muralismo, de vídeo, de percussão ou de teatro são propostas como (pre)texto para conquistar novos militantes e socializar os que já têm aproximação com o grupo. O trabalho lúdico é ressaltado pelos integrantes como a principal fonte de atração no processo de mobilização. Eles se envolvem em atividades como campanhas por educação, manifestações públicas e oficinas lúdicas em escolas¹³.

2.4 Tribos nas Trilhas da Cidadania

O projeto *Tribos nas Trilhas da Cidadania* (TTC), da ONG Parceiros Voluntários (PV), criado em 2003, é a principal ação do programa Parceiros Jovens Voluntários¹⁴ (PJV). O *Tribos*, conforme a instituição, “é uma reação de mobilização social feita pelos Jovens que querem transformar a realidade”. Para isso, é possível atuar em uma das três “trilhas” propostas pelo programa: Meio Ambiente, Cultura e Educação para a Paz. A atuação se dá a partir das escolas que fazem a inscrição e escolhem o caminho das ações a serem realizadas em uma das três áreas propostas. Quem escolhe a de Meio Ambiente é incentivado a desenvolver ações que buscam “a melhoria da qualidade ambiental da comunidade”. Já a atuação na trilha Cultura incentiva a “cuidar, cultivar, resgatar e divulgar nossas raízes culturais”, e a trilha Educação para a Paz a “encontrar alternativas não violentas para mediar os conflitos da nossa comunidade”.

Há um manual, disponível para download no site da PV que oferece recomendações para a organização do projeto nas escolas. A escola é o local

¹³ Para conhecer uma análise mais detalhada sobre os repertórios de ação do *Levante Popular da Juventude*, ver: SILVA, M. K; RUSKOWSKI, B. O. *Repertórios de ação e socialização de jovens militantes: etnografia da performance política, paper apresentado na IX RAM no GT19 - Antropologia, Compromiso Militante y Participación Política, disponível em: <http://www.ram2011.org/>*

¹⁴ Conforme o site da instituição: “O Programa Parceiros Jovens Voluntários é um grande guarda-chuva, que engloba várias formas de envolvimento da comunidade escolar com a sua comunidade. O Programa estimula que o jovem atue em seu contexto social, visando a sua formação como agente mobilizador, articulador frente a desafios cotidianos e sua integração à comunidade, com base na solidariedade e na RSI – Responsabilidade Social Individual”. Acesso em 07.08.11. Disponível em: <http://www.parceirosvoluntarios.org.br/Componentes/Programas/ParceirosJovensV.asp>

privilegiado para o desenvolvimento da *Tribo*, que deve ter um *educador orientador*, responsável por “estimular e valorizar a criatividade e o potencial dos jovens”, além de colaborar no planejamento e realização das ações. Todas as ações devem ser planejadas, executadas e avaliadas pelos participantes e divulgadas nos *Fóruns Tribais* municipais e regionais, um espaço de encontro dos envolvidos de todas as escolas.

Segundo dados da PV, em 2009, o TTC ocorreu em 278 escolas de 58 municípios do RS, reunindo 81.000 *tribeiros*. A investigação realizada ocorreu em uma “tribo” composta por três escolas particulares de Porto Alegre. No início do contato com diversas escolas, públicas e particulares, notou-se que nas escolas públicas o projeto ocorria de forma muito irregular, geralmente dependendo de um professor, ao passo que nas escolas particulares o mesmo se dava com certa regularidade e institucionalização, com a presença de professores designados para ficarem responsáveis pelo projeto.

A escolha dessa tribo se deu pelo fato de a mesma ser reconhecida pela PV como “modelo”, ganhando inclusive prêmios de destaque na área do voluntariado. Verificou-se também que nestas escolas ocorreu um interesse e, até certa medida, elas mostraram-se dispostas a receber aqueles que se interessam pelo projeto, desde estudantes das mais diversas áreas até jornalistas, como já havia ocorrido em outras situações. As atividades realizadas pelas TTC variam de acordo com as “trilhas” escolhidas, e, na tribo em questão, realizam-se na “trilha” de Educação para a Paz. Mensalmente, eles visitam a *Sociedade Porto-Alegrense de Auxílio aos Necessitados (SPAAN)*, entidade fundada pelo Rotary Clube de Porto Alegre que abriga 150 idosos, o *Lar Nossa Senhora da Rosa Mística*, para crianças carentes no município de Alvorada, uma *Casa de Passagem*, para crianças que sofreram negligência familiar e o *Bichos do Campus*, entidade que trabalha com adoção responsável de animais.

Numa das escolas pesquisadas, o contato com a PV começou em 2000, com o desenvolvimento de outro programa de voluntariado. No início, contava com sete alunos participantes e uma professora coordenadora, que foi designada pela direção da escola para acompanhar o trabalho. No ano seguinte, com dezesseis estudantes, o trabalho foi indicado ao Prêmio Parceiros Voluntários, trazendo visibilidade para este grupo e incentivando outros estudantes a participarem, o que “fez com que um número muito grande de jovens acabassem entrando no programa” (Márcia, Coord.

TTC). Em 2002, a escola transformou-se numa Unidade da PV, o que permite que se desenvolvam outros tipos de atividades voluntárias com outros públicos (funcionários, pais, ex-alunos).

A partir de 2003, a escola começou a atuar como *Tribo*. Primeiramente, de forma individual e, já em 2004, agregando outras escolas (chegando a contar com a participação de onze escolas de Porto Alegre) e formando a Tribo Panorama (Figura 2). O desafio colocado para os jovens é o de trabalharem em parceria com outros jovens. Um dos complicadores do trabalho conjunto está na dificuldade em conciliar os calendários escolares para que as atividades possam ocorrer concomitantemente.



Figura 2 – Organização das TTC
Fonte: elaboração da autora

Em cada escola, um professor responsável é designado para acompanhar as atividades. No início do ano, ocorre uma reunião para sensibilizar os alunos a serem voluntários. É traçado um “planejamento estratégico do ano”. Basicamente, se decide se continuarão o trabalho com os públicos do ano anterior ou se começarão a trabalhar com novos públicos. Em 2011, o trabalho com os idosos e com animais abandonados foi incluído e o trabalho com crianças abandonadas em lares foi mantido. Nas reuniões de planejamento, estabelecem-se os objetivos e dividem-se as tarefas, elementos que subsidiarão a avaliação final.

Os voluntários são estudantes da sexta série do Ensino Fundamental até o terceiro ano do Ensino Médio. Geralmente, participam das atividades em mais de um local. Os recursos necessários para as atividades são parte da responsabilidade social da escola, como o transporte que leva os jovens voluntários até as instituições. O restante dos recursos necessários para o trabalho é captado junto à comunidade. Para isso,

A gente tem a banquinha dos parceiros voluntários na festa junina. A gente tem que ter o custo zero, para que tudo que entre ser lucro. Nessa

barraquinha da festa junina tem sempre ex-alunos trabalhando. E o que a gente vende? Bolo. Porque daí cada voluntário trás um bolo e esse bolo é vendido. Ele é vendido em fatia, inteiro... então é bem legal. A gente tem um número imenso de bolos, porque eles trazem mesmo. Então isso é uma coisa. A gente está sempre tendo que chorar em empresas. O Sport Club Internacional é um que sempre nos envia camisetas. Já chegou a encaminhar camisetas autografadas pelos jogadores. E a gente faz rifa. E daí a gente ganha. É custo zero. Pedido de brindes na região. O comércio já identifica a escola como uma unidade da Parceiros e colabora com doação ou de material ou de verba para fazer os projetos (Márcia, Coord. TTC).

A dinâmica dos jovens voluntários divide-se entre as reuniões de planejamento e a ação nos locais de intervenção da tribo. Semanalmente, os participantes promovem reuniões para organizarem as atividades nas quais dividem as tarefas e planejam as atividades que serão propostas naquele mês para as instituições. Nesses encontros nas instituições, realizam “chás” temáticos (como pelo Dia das Mães ou Dia dos Pais) e bingos para os idosos ou recreação para as crianças.

No chá realizado em homenagem ao Dia das Mães, por exemplo, os jovens voluntários organizaram uma apresentação de música, realizada pelos integrantes da banda de uma das escolas, levaram flores para distribuir às mulheres e algumas jovens realizaram serviço de manicure para as idosas durante a tarde. Além disso, organizam arrecadação de roupas e alimentos para doação à SPAAN. Conforme relata uma das educadoras,

Então pode olhar lá na SPAAN: “pô” a banda toda foi. Eles tocaram com a maior alegria. Eles tinham uma hora pra tocar, tanto é que eles tinham ensaio depois. Então eles tocaram as mesmas músicas que eles tocam nos shows. Eles foram de graça. Os meus alunos no dia marcado me entregam o dinheiro porque a gente tinha combinado de levar dinheiro pra levar salgadinhos e pra pagar o transporte. Sexta nós vamos ter reunião. Vários alunos me pedindo o papelzinho de autorização pra reunião. Segunda ou terça eu sempre dou um papel para os pais assinarem, pra eles avisarem que estão na escola comigo e tudo mais. Os alunos têm essa coisa já, alguns. Então eu me sinto muito feliz de poder ser... Eu sei que é uma gota no oceano inteiro. Mas de gota em gota a gente vai molhando e apagando os fogos da vida... (Maria, 25, TTC).

A caracterização das formas de atuação desses dois grupos permite que se perceba uma ênfase em expressões próprias (células, tribos, setores, tribeiros), criando-se um vocabulário peculiar e que contribui para a socialização militante que ocorre no processo de interação entre os jovens e com a organização. Esse processo é estabelecido cotidianamente entre os indivíduos que participam de

determinada organização, proporcionando que aquele que “domine” mais e melhor essa nomenclatura utilizada se destaque e obtenha reconhecimento do grupo.

Além disso, nota-se que os repertórios utilizados por cada um dos grupos diferem radicalmente em suas formas de atuação. No LPJ, as formas de atuação são mais contestatórias, incentivam, em certa medida, o conflito entre atores (manifestações, intervenções em espaços urbanos). Já no TTC, as atuações estão baseadas na harmonização das desigualdades, numa certa transferência de “quem tem mais possibilidades” para quem “precisa de algo”. Embora o discurso do voluntariado evite usar estes termos, o que aparece no contato com os jovens envolvidos é justamente a noção do doar-se.

3 AS BASES TEÓRICAS PARA A CONSTRUÇÃO DO MODELO DE ANÁLISE

Ao mapearem-se as perspectivas teórico-metodológicas que orientam a produção recente sobre movimentos sociais no país, podem-se identificar três grandes abordagens teóricas presentes na análise: 1) a Teoria dos Novos Movimentos Sociais; 2) a abordagem marxista-estrutural e 3) a *Contentious Politics*, que detém certa hegemonia no debate internacional, mas que só recentemente tem sido utilizada no Brasil (SILVA, 2010).

Os estudos sobre movimentos sociais no país tiveram grande desenvolvimento na década de 1980 e um declínio a partir dos anos 1990, dando lugar aos debates sobre Sociedade Civil. De fato, ao analisar-se a produção brasileira recente, é possível identificar alguns problemas de cunho teórico-metodológico que dificultam a construção de uma agenda de pesquisa efetiva que dê conta da complexidade do tecido associativo no país. A presença de um enfoque normativo e prescritivo no papel que os movimentos sociais devem assumir dificulta “a construção de modelos analíticos que identifiquem os mecanismos e expliquem os processos organizativos por meio dos quais tais movimentos se constituem e se transformam” (SILVA, 2010, p.4).

Além disso, alguns pontos importantes de análise não têm sido explorados pelos pesquisadores da área. Dentre eles, destacam-se: a relação entre atores sociais e o campo político-institucional; a relação entre os múltiplos repertórios de ação que formam a sociedade civil ou de um mesmo ator ao longo do tempo; a relação entre partidos políticos e o associativismo; a relação entre classe e associativismo; as dinâmicas associativas de grupos que ocupam posições superiores na sociedade; a influência das tecnologias da informação e comunicação no processo organizativo e a análise de redes sociais para identificar processos de “micromobilização” (SILVA, 2010).

Nesta dissertação, não se pretende abordar todos os pontos anteriormente citados, mas ressaltar a importância dos mesmos como pontos de diálogo para a pesquisa de campo e de base para a escolha do referencial teórico-metodológico, na intenção de se começar a construir uma intersecção que fortaleça o debate acadêmico sobre associativismo, processos contestatórios e engajamento. A partir disso, a escolha do referencial teórico que subsidiou esta dissertação deu-se no

sentido de se dialogar com a produção internacional, sem deixar de atentar para as especificidades brasileiras.

Para dar conta do problema de pesquisa, agregamos no escopo teórico a abordagem da chamada sociologia do militantismo francesa, que vem contribuindo no sentido de avançar o debate teórico referente a alguns impasses a serem resolvidos, principalmente no que diz respeito à dimensão afetiva dos movimentos, à questão da identidade coletiva e à relação entre protesto e mídia. Os autores vêm trabalhando na perspectiva de dialogar com a *contentious politics*, investindo em procedimentos metodológicos diferentes para desenvolver análises que se detenham nas condições objetivas e subjetivas da militância, nos fenômenos sobre o desengajamento e na apreensão das lógicas de retribuição (SEIDL, 2011).

Com efeito, parte-se da noção de que o engajamento constitui-se como um processo relacional, a partir de um conjunto de condições que requer do envolvido certas disposições¹⁵, que envolvem interesses, crenças, valores e que possibilitem a identificação com uma “causa”, além de competências, recursos disponíveis e acesso a oportunidades de mobilização. A literatura existente sobre processos de engajamento destaca como pontos importantes de análise tanto a dimensão estrutural, vinculada à posição social dos envolvidos, quanto a dimensão relacional, vinculada aos processos de interação. Com isto, o referencial teórico para análise do engajamento de jovens em movimentos sociais e grupos de voluntariado visa a identificar os processos de socialização dos envolvidos e a ativação e/ou inibição de certas disposições que contribuem para o engajamento em determinados contextos.

Dessa forma, esta sessão é dividida da seguinte forma: apresenta-se brevemente cada um dos conceitos utilizados e, logo a seguir, o modelo de análise que relaciona os mecanismos envolvidos na construção do engajamento e que serve para a construção das dimensões e dos indicadores da pesquisa.

3.1 O engajamento na perspectiva da sociologia do militantismo

Florence Passy (1998), em *L'Action Altruiste*, tenta compreender o engajamento político de certos cidadãos que se mobilizam com a finalidade de defender o interesse dos outros. Sua pergunta central é: o que motiva as pessoas a

¹⁵ A noção de disposições utilizada aqui está baseada em Lahire (2003).

gastar seu tempo livre para militar pelos outros? (PASSY, 1998). Segundo a autora, a literatura sobre movimentos sociais ensina que as mobilizações coletivas atuam a partir de linhas de conflito que atravessam as sociedades, que se organizam politicamente devido a clivagens. Mas isto se aplicaria às mobilizações altruístas?

Com base em Melucci, Tarrow e Tilly, a autora define que

les mouvements sociaux sont ainsi composés d'individus qui partagent des buts communs s'articulant autour d'une ligne de conflit social et qui partagent une identité. Ils s'engagent dans l'espace public par le biais de moyens non-conventionnels et cet engagement est, pas exclusivement mais fortement, façonné par les interactions successives entre le mouvement et les détenteurs du pouvoir politique (PASSY, 1998, p. 06)¹⁶.

Já o engajamento individual é encarado como um processo longo que inicia com a construção de quadros culturais, permitindo a um indivíduo que se identifique com os objetivos do movimento e que possa converter esta identificação em ação. No repertório contemporâneo, podem-se elencar duas formas de engajamento: a) engajamento organizado (que implica certa duração e se faz dentro da estrutura do movimento) e b) engajamento desorganizado (que implica espontaneidade e caráter pontual da ação).

O *engajamento diferenciado* é um fenômeno complexo, uma vez que os indivíduos não participam com a mesma intensidade na ação de uma organização e/ou movimento social. O processo de conversão da identificação em ação também não é igual. Devido a essa complexidade, a autora centra sua análise na intensidade do engajamento, pois os indivíduos se engajam com certa intensidade e não se pode analisar isso de forma homogênea.

Para Olson, a conversão da identificação com uma causa em ação não é um processo automático e, neste sentido, a (re)produção da ação coletiva é sempre um processo problemático. Para este autor, os indivíduos têm um comportamento racional e tendem a não se dedicar aos interesses coletivos, pois o indivíduo racional privilegia a estratégia do bilhete gratuito (*free rider*) que lhe permite beneficiar-se com o bem coletivo produzido pelos outros sem arcar os custos da ação. Para Olson, apenas aqueles que recebem incentivos seletivos irão converter

¹⁶ “Os movimentos sociais são, portanto, compostos por indivíduos que compartilham objetivos comuns articulando-se em torno de uma linha de conflito social e que compartilham uma identidade. Envolvem-se no espaço público através de meios não convencionais, e esse compromisso não é limitado, mas fortemente influenciado pelas sucessivas interações entre o movimento e os detentores do poder político” (tradução da autora).

sua simpatia em engajamento. Estes incentivos podem ser positivos ao corresponderem a um bem estritamente positivo e aos benefícios da ação coletiva, ou negativos quanto se fazem por meio de coerção e repressão, obrigando o ator a participar da aquisição do bem público.

Para Passy, a teoria de Olson traz três contribuições para o estudo ao levar em conta a importância da simpatia dos atores pelo movimento a se engajarem, ao evidenciar os constrangimentos relacionados ao engajamento e ao considerar a decisão racional relacionando ação coletiva à produção de bens coletivos. A teoria da escolha racional, segundo Passy (1998), vai expandir as teses de Olson ao considerar que o engajamento pode trazer benefícios claros para os indivíduos, ao distinguir entre interesses a curto e longo prazo, ao alargar a categoria de incentivos seletivos que não são só materiais, mas de relações, morais etc., e ao considerar que os indivíduos calculam os custos e os benefícios de seu engajamento em função do comportamento dos outros atores.

Dessa forma, o cálculo passa a ser em relação ao custo/eficácia da ação. No entanto, três são as dificuldades desse modelo teórico: a) o alargamento da teoria da multiplicidade dos tipos de racionalidade põe o problema da falsificação do modelo; b) a hipótese da homogeneidade, na qual os indivíduos são estáveis e similares em todo mundo e c) a teoria toma o interesse de engajamento como dado, não problematizando como o indivíduo se socializa na organização ou como ele tem contato com o movimento (PASSY, 1998).

Para apreender o engajamento individual, a autora propõe um modelo teórico estrutural e intencional no qual as interações sociais são o cerne da compreensão, compreendido em três etapas:

- 1) o indivíduo, a fim de se engajar num movimento social, deve ter certas características culturais e sociais;
- 2) o indivíduo deve evoluir em um contexto relacional específico;
- 3) e, finalmente, deve decidir – avaliando uma série de parâmetros – se ele se engaja e com qual intensidade.

Com isso, o engajamento é determinado pelo contexto sociocultural do ator, pois serão suas raízes sociais que, num determinado contexto, o incentivam ou não a aderir a uma ação e determinam em que tipo de movimento ele se vinculará. Já o

contexto relacional é o segundo elemento da dimensão estrutural do modelo. A estrutura relacional do ator tem a função de socializar o indivíduo e permitir sua inserção em redes, mediar ou recrutar e modular suas preferências. Por fim, a intencionalidade de se engajar ou não se dará com base em certos parâmetros (custos, sucesso, riscos), já que esta decisão não é livre de restrições, pois é moldada, influenciada e avaliada de acordo com as interações que se desenvolvem entre o indivíduo e seu meio social.

O contexto sociocultural determina o espaço da ação dos indivíduos. As estruturas vão determinar o capital específico acumulado e transmitido pela socialização, por meio de valores e normas do grupo social ao qual o indivíduo pertence. A interiorização dessas estruturas define o estoque de conhecimento que o indivíduo utiliza para a ação e serve de base para interagir com os quadros interpretativos dos movimentos.

As redes sociais pré-existentes são fundamentais no processo de surgimento e desenvolvimento da ação coletiva, pois fornecem os recursos materiais, simbólicos, políticos e humanos. Para Passy, é o tipo de laço que une os indivíduos e os mediadores das oportunidades de mobilização que influencia o grau de mobilização dos novos recrutados, pois as interações sociais formam o processo de decisão que conduz o ator a decidir sobre sua participação no movimento social. As redes sociais intervêm ao influenciarem os processos de definição e redefinição das preferências dos atores (PASSY, 1998).

Se o contexto sociocultural fixa as pré-condições mínimas para a participação e o contexto relacional aproxima os indivíduos potenciais prontos a se engajar numa oportunidade de mobilização, deve-se considerar que o processo de engajamento passa por uma avaliação subjetiva dos valores da ação coletiva e dos custos/retribuições individuais que ela representa. A intenção do ator corresponde ao processo de integração de estruturas sociais e de interações cotidianas, pois o indivíduo não é apenas reflexo dessas, pois ele as interpreta, dando significado às múltiplas influências externas (PASSY, 1998).

Olivier Fillieule (2001), ao estudar movimentos de luta contra a AIDS, defende que não há um modelo convincente para a análise do engajamento individual e sua evolução no curso da ação, pois isto implicaria uma análise de como um fenômeno varia em intensidade e duração, considerando-se que este fenômeno evolui de acordo com variáveis contextuais e situacionais, sejam elas sociais ou individuais.

Por causa disso, a transformação da “condição à ação” continua opaca, já que não se conhece que modalidade faz “disposição a” se traduzir em “ação efetiva” ou “não-ação” (FILLIEULE, 2001).

Para o autor, a noção de carreira permite apreender as etapas de acesso e de exercício da profissão como uma série de mudanças objetivas de posição e uma série de rearranjos subjetivos que estão associados. A dimensão objetiva se compõe por uma série de status e empregos claramente definidos, uma série típica de posições, de responsabilidades e aventuras. A dimensão subjetiva possibilita a apreensão da perspectiva segundo a qual a pessoa percebe sua existência como uma totalidade e interpreta a significação de suas diversas características e ações. Para Fillieule,

La notion de carrière permet donc, au-delà de la pétition de principe, de mettre en œuvre une conception du militantisme comme processus. Autrement dit, de travailler ensemble les questions des prédispositions au militantisme, du passage à l'acte, des formes différenciées et variables dans le temps prises par l'engagement, de la multiplicité des engagements le long du cycle de vie (défection (s) et déplacement (s) d'un collectif à l'autre, d'un type de militantisme à l'autre) et de la rétraction ou extension des engagements (FILLIEULE, 2001, p. 201)¹⁷.

Além disso, o conceito de carreira permite ainda a realização de uma análise da noção de militantismo como processo de se trabalhar o conjunto de questões sobre a pré-disposição ao militantismo, da passagem ao ato, das formas diferentes e variáveis sobre o tempo de análise sobre o engajamento e a multiplicidade de engajamentos no ciclo da vida. No entanto, o ponto crucial disso é a dificuldade em relacionar a existência de uma situação estrutural às dinâmicas pelas quais os indivíduos tomam a decisão de modificar suas ações (FILLIEULE, 2001).

Para o autor, os atores partilham de múltiplos mundos sociais, e os indivíduos das organizações militantes estão sujeitos a cumprir diferentes normas, regras e lógicas que podem entrar em conflito, sendo esta tensão constitutiva do compromisso político. Comunga do pensamento de Bernard Lahire sobre ação¹⁸, a

¹⁷ A noção de carreira permite então aplicar, além da petição de princípio, uma concepção do militantismo como um processo. Dito de outra forma, de trabalhar conjuntamente as questões das pré-disposições ao militantismo, da passagem ao ato, das formas diferentes e variáveis do tempo empregado no engajamento, da multiplicidade do engajamento ao longo do ciclo da vida (deserção ou mudança de um coletivo ao outro, de um tipo de militantismo ao outro) e a retração ou extensão dos engajamentos. (Tradução da autora)

¹⁸ A teoria da ação de Bernard Lahire coloca em cheque as abordagens que destacam a unicidade do ator e a fragmentação do ator. Para Lahire, deve-se perguntar quais são as condições sócio-

partir da reflexão sobre socialização. Segundo Fillieule, para aproveitar totalmente este ponto de vista metodológico, é necessário que se entenda o desenvolvimento das carreiras militantes em si (no passado e no presente). O desafio é o de estudar a sequência de eventos dentro de cada nível de experiência – a estrutura de cada ordem – e a influência de cada nível em todos os outros para explicar o engajamento militante.

A análise das carreiras militantes articulada à análise das trajetórias individuais requer que seja estudado também o espaço onde as atividades sociais ocorrem assim como os grupos envolvidos. Por conseguinte, quando a investigação assume uma perspectiva diacrônica, a mesma pode mostrar as mudanças na imagem pública do movimento, as estratégias que podem contribuir para modificar a identidade coletiva, o que pode vir a sobrepor diferentes gerações de militantes cujos motivos para a ação podem ter se modificado (FILLIEULE, 2001).

Wilson Oliveira utiliza a noção de carreira para apreender a dinâmica processual e sequencial nas análises do engajamento individual. Segundo o autor,

Nos últimos anos tem se observado um esforço crescente no sentido de evidenciar as vinculações entre as abordagens que focalizam a “constituição e posição social” dos militantes e as que se centram nas “dinâmicas interacionais e nas lógicas processuais” do engajamento individual. A “redescoberta” e utilização da noção de “carreira” para a análise do militantismo está diretamente vinculada a esses confrontos teóricos e à busca de alternativas conceituais e metodológicas para a integração da perspectiva diacrônica na investigação dos processos de socialização que conduzem à participação em organizações e mobilizações coletivas (OLIVEIRA, 2010, p. 53).

No movimento ambientalista, estudado por ele, os indivíduos que decidem se engajar não o fazem sem um conhecimento prévio da causa e raramente chegam na organização sem o contato preliminar com algum dos membros participantes. O autor identificou duas modalidades de militantismo entre os ambientalistas: 1) como uma forma de retomada da carreira profissional interrompida, praticada principalmente por esposas de empresários, médicos e juizes que haviam abandonado suas atividades profissionais em função de casamento e filhos; 2) a busca na defesa ambiental como uma maneira de reorientação do exercício

profissional, modalidade esta mais vinculada aos profissionais liberais (OLIVEIRA, 2010).

Gabriele dos Anjos, ao estudar o trabalho comunitário de mulheres em pastorais e comunidades católicas, baseada em Gaxie, propõe que

A militância, enquanto ação economicamente desinteressada, seja compreendida ao se considerar que ela aporta retribuições não materiais ou simbólicas, dadas pela concordância entre as respectivas ideologias, formas de ação e as disposições individuais dos engajados (GAXIE, 2005 apud ANJOS, 2008, p. 512).

Com isso, foca sua pesquisa nas motivações e interesse no engajamento e militância ao considerar quais são as recompensas ao trabalho militante, as condições de exercício da liderança e os significados e disposições presentes na atividade militante.

Conclui que existem interesses diferenciados na participação, que se dividem entre: a) inclusão em esferas de sociabilidade, certa satisfação das necessidades materiais, acesso a cursos, recebimento de donativos e serviços e b) satisfações morais, reconhecimento, incompatibilidade de ganhos materiais, benefícios para a família no que se refere a informações privilegiadas, ganhos culturais e afetivos, estes mais relacionados às líderes e aqueles mais relacionados às mulheres “bem pobrezinhas” (ANJOS, 2008).

Outro importante ponto do estudo está na identificação da mediação como importante espaço na busca por reconhecimento como líder da comunidade, visto que é na capacidade de interligar as diferentes esferas que o reconhecimento do trabalho comunitário é obtido. E é a “comunidade” a inspiradora das “lutas”, ao oferecer uma visão de mundo coerente e estruturada, que dá base a uma identidade de grupo (ANJOS, 2008).

3.2 Socialização e disposições

A socialização é um dos principais conceitos das Ciências Sociais e para o qual muitos autores se dedicaram. Nesta sessão, é feita uma pequena retomada de algumas concepções teóricas fundamentais deste debate, a partir da análise realizada por Claude Dubar (2005) sobre a socialização na psicologia piagetiana, na antropologia cultural e no funcionalismo como construção social da realidade e como incorporação do *habitus*. Logo após, apresenta-se a forma pela qual a proposta de Bernard Lahire integra o escopo da pesquisa.

A psicologia piagetiana considera a socialização como um “processo ativo de adaptação descontínua a formas mentais e sociais cada vez mais complexas” (DUBAR, 2005, p. 5) e que envolve, de forma individual e coletiva, regras, valores e signos. Dessa maneira, essa se diferencia da concepção de Durkheim, pois não a reconhece como algo transmitido pela coerção, mas sim uma construção, ativa e interativa. Mesmo que comporte uma dimensão de repressão, a socialização, para Piaget, deve desenvolver a noção de justiça nas crianças. Seguindo os estudos de Piaget, Percheron dedica-se ao tema da socialização política e a considera “como a aquisição de um código simbólico resultante de ‘transações’ entre o indivíduo e a sociedade” (DUBAR, 2005, p. 22) que se relaciona com o encontro dos desejos dos indivíduos e os valores dos grupos nos quais transitam e constroem sua identidade.

Para Dubar (2005), duas são as rupturas proporcionadas pela abordagem piagetiana: 1) rompimento com a concepção de indivíduos passivos e progressivamente modelados a partir da inculcação de regras, valores e normas; 2) e rompimento com a representação da acumulação de conhecimento como algo linear e unificado. No entanto, esta abordagem não dá conta das variações na socialização referentes a diferentes tipos de sociedade, épocas, meios sociais etc.

A antropologia cultural, ao investigar diferentes sociedades, sugere que a personalidade dos indivíduos é produto da cultura na qual nasceram. Uma vez que “a socialização da criança é analisada essencialmente como um processo de incorporação progressiva dos traços gerais característicos da cultura de seu grupo de origem, aquele que supõe que defina seu pertencimento social básico” (DUBAR, 2005, p. 50-51).

Já para o funcionalismo, é a socialização que assegura a interiorização na personalidade dos *imperativos funcionais integrados*, ou seja, a latência, a

integração, a perseguição aos fins e a adaptação. Para os funcionalistas, a socialização deve levar em conta a “adaptação das personalidades individuais ao sistema social tal como ele funciona em suas estruturas mais profundas, ou seja, as que exprimem o sistema simbólico e cultural existente” (DUBAR, 2005, p. 60).

As críticas de Dubar aos modelos culturalista e estrutural-funcionalista incidem sobre o paradigma da *socialização-condicionamento* que faz do indivíduo socializado um ser “programado” por suas experiências passadas. O autor também questiona a eficácia atribuída à cultura, como algo *sui generis*, que molda os indivíduos de maneira, em geral, inconsciente.

Contra o princípio de *unidade do mundo social* presente nas teorias anteriormente citadas, as abordagens da socialização como construção social da realidade colocam a *interação e a incerteza* no cerne da questão. Entre os autores mais representativos estão Mead, Berger e Luckmann (DUBAR, 2005).

Para Mead, o centro do processo de socialização está na interação consigo e com os outros para a construção de uma identidade social. A linguagem constitui a origem da consciência e é o “modelo” de toda a comunicação. A leitura que Dubar faz sobre Mead, coloca a socialização como uma “construção progressiva do Si-mesmo como membro de uma comunidade, participando ativamente de sua existência e, portanto, de sua transformação” (DUBAR, 2005, p. 116).

Este processo está dividido em duas etapas: no desempenho de *papéis* significativos para a criança e que funcionam como símbolos para recriar personagens socialmente conhecidos, e no momento em que a criança começa a lidar com regras, sendo capaz de compreender uma organização vinda de fora, a qual Mead nomeia como “o outro generalizado”. Segundo Dubar é

do equilíbrio e da união dessas duas faces do Si-mesmo – o “mim” que interiorizou “o espírito” do grupo e o “eu” que me permite me afirmar positivamente no grupo – depende a consolidação do processo de socialização. Para Mead, portanto, a socialização vai de par com a individualização: quanto mais se é Si-mesmo, mais se está integrado ao grupo (DUBAR, 2005, p. 118).

Berger e Luckmann, ao aprofundarem os estudos de Mead, introduzem uma distinção entre socialização primária e socialização secundária. No entanto, acrescentam a problemática dos *saberes*. Com isso, os indivíduos são socializados a partir da imersão em um *mundo vivido* que é “o único mundo existente” e que

constitui o saber básico, a um só tempo, pré-reflexivo e predeterminado e que, somando-se ao aprendizado da linguagem, constitui a socialização primária (DUBAR, 2005).

Os autores definem a socialização secundária como a “interiorização de subdivisões de mundos institucionais especializados e aquisição de saberes específicos e de papéis direta ou indiretamente arraigados na divisão do trabalho” (BERGER e LUCKMANN apud DUBAR, 2005, p. 122). Assim, alguns cenários são possíveis, desde a continuidade da socialização primária para a secundária até a total ruptura entre uma e outra. No entanto, algumas críticas são tecidas aos autores por Dubar, principalmente no que concerne a articulação entre “identidades ‘especializadas’ (profissionais, culturais, políticas...) no seio de uma identidade ‘global’” (DUBAR, 2005, p. 125).

Finalmente, a última perspectiva teórica que Dubar examina é a de Pierre Bourdieu. Bourdieu elenca alguns elementos para pensar a noção de *habitus* e sua relação com a classe social e a luta entre os campos. Dessa forma, amplia a questão ao colocar a socialização como princípio de incorporação do *habitus*¹⁹ que se refere a um “processo biográfico de incorporação das disposições sociais oriundas não somente da família e da classe de origem, mas também do conjunto dos sistemas de ação atravessados pelo indivíduo no decorrer de sua existência” (DUBAR, 2005, p. 94).

Um dos principais estudiosos e críticos da teoria da ação de Bourdieu é Bernard Lahire. O autor investiga a pluralidade de contextos sociais e as experiências socializadoras oriundas deles, capazes de constituir, nos indivíduos, repertórios de ação plurais. Critica a superposição da socialização primária e secundária, lembrando que, atualmente, é cada vez mais comum crianças frequentarem ambientes estranhos ao universo familiar desde os primeiros meses de vida. Para Lahire (2003), é possível emitir a hipótese

da incorporação por cada um dos actores de uma multiplicidade de esquemas de acção (esquemas sensório-motores, esquemas de percepção, de avaliação, de apreciação, etc.), de hábitos (hábito de pensamento, de linguagem, de movimento...), que se organizam em tantos repertórios quantos os contextos sociais pertinentes que ele aprende a distinguir – e

¹⁹ “Sistema de disposições duradouras e transponíveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípios geradores e organizadores de práticas e representações” (BOURDIEU, 1980, p. 88 apud DUBAR, 2005, p. 78).

muitas vezes a nomear – através do conjunto das suas experiências socializadoras anteriores (LAHIRE, 2003, p. 46).

Com isso, os produtos da socialização destinam-se a usos muito diferentes, que são colocados de reserva, dependendo do contexto, aguardando os desencadeadores para sua mobilização. Para Lahire (2004), existem três modalidades de socialização: a) por treinamento (na família, na escola etc.); b) por efeito difuso de uma situação (ou seja, por maneiras sugestivas de viver uma situação, por exemplo, identidades sexuadas) e c) por inculcação ideológico-simbólica de crenças (valores, normas, modelos). Sua ênfase analítica está em colocar mais peso no presente para a explicação dos comportamentos, quanto mais plurais forem os atores, pois

Quando estes foram socializados em condições particularmente homogêneas e coerentes, a sua reacção às novas situações pode ser previsível. Em compensação, quanto mais os actores forem o produto de formas de vida sociais heterogêneas, e até contraditórias, mais a lógica da situação presente desempenha um papel central na reacção de uma parte das experiências passadas incorporadas. O passado está, por isso, <aberto>, diferentemente, conforme a natureza e a configuração da situação presente (LAHIRE, 2003, p. 66-67).

Embora as teorias sucintamente apresentadas ora coloquem maior ênfase no peso do sistema sobre o ator, ora invertam essa perspectiva sobre a ação, é importante considerar que “a formação dos indivíduos contemporâneos não seria consequência redutível nem a um sistema exclusivo de determinações estruturais, nem ao simples jogo entre subjetividades” (SETTON, 2008, p. 22). Cabe às pesquisas nessa área investigar como se combinam esses elementos em contextos empíricos específicos e que, nesta dissertação, foram investigados a partir de contextos socializadores que podem condicionar/oportunizar determinados tipos de engajamento político.

A noção de socialização na qual se baseia o referencial teórico parte da proposta de Lahire ao pensar em hábitos ou esquemas de ação que são interiorizados pelos atores de forma heterogênea, visto que há uma pluralidade de mundos sociais nos quais os atores circulam. Estes universos sociais podem apresentar princípios de atuação não homogêneos e, por vezes, contraditórios (LAHIRE, 2003).

A partir do momento que um actor foi colocado, simultânea ou sucessivamente, no seio da pluralidade de mundos sociais não homogêneos, e por vezes mesmo contraditórios, ou no seio de universos sociais relativamente coerentes, mas que apresentam, em certos aspectos, contradições, então estamos perante um actor com o stock de esquemas de acções ou de hábitos não homogêneo, não unificado e com práticas consequentemente heterogêneas (e mesmo contraditórias), que variam conforme o contexto social no qual ele será levado a evoluir. Poderíamos resumir o nosso discurso dizendo que todo corpo (individual) mergulhado numa pluralidade de mundos sociais está submetido a princípios de socialização heterogêneos e por vezes mesmo contraditórios que ele incorpora (LAHIRE, 2003, p. 39).

Neste sentido, é interessante observar o processo de socialização de jovens em organizações políticas. O conceito apresentado permite que se ultrapasse uma visão normativa do ator, visto que a noção de socialização apresentada por Lahire pode apreender os meandros do engajamento ao relacionar contextos mais heterogêneos de socialização com a ativação/inibição de disposições. Além disso, a compreensão de como as motivações para participar de movimentos sociais ou de voluntariado são construídas poderão ser explicadas a partir do entendimento desse processo.

Dessa forma, é importante atentar para algumas especificidades da juventude ao considerar-se a dimensão da *experimentação* (MISCHE, 1997) na qual os indivíduos estabelecem compromissos nos diversos grupos que circulam e em que criam laços sociais significativos que trarão impactos expressivos ao longo da vida. Pensar no *homem/mulher plural* implica conhecer os vários universos sociais nos quais os atores foram socializados e quais posições eles ocupam no espaço social (LAHIRE, 2003).

Os repertórios de esquemas de acção (de hábitos) são conjuntos abreviados de experiências sociais, que foram construídos-incorporados ao longo da socialização anterior em quadros sociais limitados-delimitados, e o que cada actor adquire progressivamente e mais ou menos completamente, são tantos hábitos quanto o sentido da pertinência contextual (relativa) da sua utilização. Ele aprende-compreende que aquilo que se faz e se diz em certo contexto não se faz e não se diz num outro diferente (LAHIRE, 2003, p. 47).

A disposição é um produto incorporado de uma socialização que pode ser explícita ou implícita e que só se constitui mediante a repetição de experiências relativamente semelhantes. Quando se utiliza a noção de disposição para analisar o processo de engajamento, entende-se que é necessário um esforço para situar ou reconstruir a gênese das mesmas, pois as disposições pressupõem um processo de

interpretação para que se possa “fazer aparecer o ou os princípios que geraram a aparente diversidade das práticas” (LAHIRE, 2004, p. 27).

Segundo Lahire (2004), a noção de disposição supõe que seja possível observar comportamentos, atitudes ou práticas que contenham a ideia de recorrência, de repetição, de práticas, de série ou classe de acontecimentos; por isso, é fundamental recorrer a provas empíricas para demonstrá-las. Para o autor,

uma disposição não é uma resposta simples e mecânica a um estímulo, mas uma maneira de ver, sentir ou agir que se ajusta com flexibilidade às diferentes situações encontradas. No entanto, nem sempre a disposição consegue se ajustar ou se adaptar, e o processo de ajuste não é o único possível na vida de uma disposição. Dessa forma, ela pode ser inibida (estado de vigília) ou transformada (devido a sucessivos reajustes congruentes) (LAHIRE, 2004, p. 30).

Com isso, a noção de disposição será importante para apreender a intensidade do engajamento e sua construção a partir do encontro entre o indivíduo e a organização. A busca por respostas será no sentido de se apreender como as disposições são ativadas ou inibidas para manter-se engajado no movimento social ou no grupo de voluntariado. Identificando-se estas disposições, os momentos de tensão e as ações que são significativas para o engajamento, responde-se parte da pergunta que orienta este estudo.

3.3 A importância dos quadros interpretativos na ação coletiva

Para ocorrer uma ação coletiva, é necessária uma multiplicidade de acontecimentos. Do ponto de vista organizativo, alguns recursos são fundamentais para a emergência de ações que conectem pessoas à disposição para se engajarem dentro de organizações que defendam causas pelas quais essas pessoas aceitem agir efetivamente.

Na literatura sobre movimentos sociais, três conceitos auxiliam na análise de como as ações coletivas ocorrem: estrutura de oportunidades políticas, estruturas de mobilização e quadros interpretativos. Devido ao recorte do problema, é dada maior ênfase ao último, visto que a análise sobre oportunidades políticas e estruturas de mobilização no campo das juventudes se configuraria numa outra pesquisa.

Quadro interpretativo é um “esquema interpretativo que simplifica e condensa o “mundo lá fora”, salientando e codificando seletivamente objetos, situações, eventos, experiências e sequências de ações num ambiente presente ou passado” (SNOW e BENFORD, 1992, p. 137 *apud* TARROW, 2009, p. 143). Também é importante destacar que os quadros interpretativos se tratam de processos que dotam de sentido a ação para os atores. Nas palavras de Zald, “los marcos son metáforas específicas, representaciones simbólicas e indicaciones cognitivas utilizadas para presentar conductas y eventos de forma evaluativa y para sugerir formas de acción alternativas” (McADAM, McCARTHY, ZALD, 1999, p. 371).

No entanto, não é fácil para os grupos associativos conseguirem elaborar interpretações significativas e que produzem engajamento. O dilema enfrentado consiste em fazer a mediação entre “símbolos herdados que são familiares, mas levam à passividade, e os novos que são eletrizantes, mas podem ser estranhos demais para levar à ação” (TARROW, 2009, p. 140). Por consequência, é necessária uma interrogação sobre o *texto* produzido pelas organizações e a interação desse a partir de emoções, interesses e conflitos que suscita no *contexto* em jogo (TARROW, 2009).

Um desses mecanismos pode ser nomeado como *alinhamento identitário*. Ele ocorre quando líderes e organizadores de movimentos e associações conseguem efetuar uma conexão entre algum(ns) elemento(s) da cultura da população a ser mobilizada e dotá-lo(s) de valor, articulando-o(s) com os objetivos do movimento num dado contexto. Quando há sucesso nesse alinhamento, provavelmente se produzirá o engajamento na ação coletiva.

No entanto, Tarrow (2009) ressalta que a interação dos indivíduos com esses quadros interpretativos construídos pela organização pode ocorrer de forma inesperada, ou seja, pode haver uma assimilação das pessoas que difere da interpretação dos líderes dos movimentos. Quando a interpretação dos indivíduos se aproxima da interpretação que as elites dão para os acontecimentos, é mais difícil mobilizá-los para a ação coletiva. Portanto, é necessária uma *mobilização cognitiva* considerável que transforme esta interpretação e aja como um catalisador para o engajamento. Geralmente, as organizações utilizam dois recursos para isso: a construção de um discurso sobre o que é justo e injusto e um apelo para a emotividade dos militantes (TARROW, 2009). Nesta pesquisa, foi observado como as organizações constroem a perspectiva de justiça/injustiça e quais foram os

elementos que ativam a emoção das pessoas envolvidas no processo de engajamento.

3.4 Interação: relações sociais, retribuições e esferas de vida

As relações sociais na qual os atores estão envolvidos ajudam a construir o tecido associativo de uma organização e possibilitam que indivíduos “simpatizantes” tenham contato direto com diversas formas de engajamento, haja vista que a mediação entre sujeitos interessados em se engajar e organizações é fundamental para o desenvolvimento das ações coletivas. As organizações investem em processos de recrutamento, uma vez que sua sobrevivência depende da ampliação das bases de participação. O indivíduo que deseja se engajar em alguma organização necessita de alguém que faça essa ponte, já que, em alguns contextos históricos, o acesso a determinados movimentos só se faz baseado numa relação de confiança, visto que isso implica a segurança das pessoas envolvidas.

Com isso, identificar as tramas do engajamento ou como os jovens chegam aos movimentos dos quais participam, através de quem e quais são as transformações ocorridas nas suas redes de relacionamento após se engajarem, será fundamental para apreender o processo e a manutenção deste. As relações sociais são unidades básicas da sociedade e podem possibilitar oportunidades/constrangimentos aos indivíduos (MARQUES, 2007). Portanto, os comportamentos precisam ser explicados a partir dessa visão relacional na qual os indivíduos se ligam em *nós*. Os *nós* podem ser outros indivíduos, grupos ou corporações e são unidos por *laços*, que se referem aos fluxos de recursos, relações simétricas de amizade, transferências ou relações estruturais entre *nós* (PORTUGAL, 2007).

Estes fluxos de recursos das redes sociais estão relacionados às disposições dos indivíduos e aportam determinados tipos de retribuições (ANJOS, 2008), dadas pela concordância entre as formas de ação, as disposições e os quadros interpretativos da organização. Estas retribuições podem ser referentes a sentimentos de justiça e atuação no mundo (reconhecimento, prestígio, agir no mundo, afeto): quando o indivíduo obtém certas retribuições (que ele julga importantes) por participar de determinado grupo, esta participação tende a se tornar

mais forte e os “custos” da participação tendem a ser considerados “menores” (SILVA e RUSKOWSKI, 2010).

Passy e Giugni (2000) defendem o argumento de que os militantes estão mais propensos a permanecer envolvidos quando o seu enraizamento nas redes sociais e sua percepção sobre tais enraizamentos são coerentes e consistentemente interligados em relação às suas diversas esferas de vida. Estas esferas de vida dizem respeito a regiões distintas que possuem dinâmicas, lógicas e fronteiras próprias, porém interligadas. São marcadas pela subjetividade, significados, percepções e emoções. A interação que o indivíduo realiza para interligar as diferentes esferas (familiar, profissional, de amizade, política, religiosa) envolve processos cognitivos que moldam uma estrutura de significados.

Os autores propõem que relacionar o engajamento político a outras esferas de vida permite que os militantes estejam mais suscetíveis a se engajar por meio do processo de autointeração e da internalização simbólica, processo dificultado quando não há uma relação da esfera da militância com as outras esferas de vida de forma central (PASSY e GIUGNI, 2000). Portanto, as relações sociais, as retribuições e as suas inter-relações com as esferas de vida dos jovens engajados, sujeitos desta pesquisa são pontos de análise para que se entenda sobre o sentido da participação dos jovens em movimentos sociais e no voluntariado.

3.5 Mecanismos do processo de engajamento

A opção por se trabalhar com a noção de mecanismos como recurso explicativo do processo de engajamento dá-se pela necessidade de se construir explicações causais sobre processos, a partir de dados concretos. Assim, entende-se que mecanismos formam uma classe delimitada de acontecimentos que mudam as relações entre conjuntos especificados de elementos de forma idêntica ou muito semelhante sobre uma variedade de situações (TILLY, 2001). Conforme Tilly (2001), eles podem ter três tipos: a) mecanismos ambientais, que são gerados externamente sobre as condições que afetam a vida social; b) mecanismos cognitivos, que operam através da alteração da percepção individual e coletiva e c) mecanismos relacionais, que alteram a conexão entre pessoas, grupos e redes sociais (TILLY, 2001).

Dessa forma, o mecanismo designa um fator ou processo (físico, social, psicológico), por vezes não *observável* diretamente, através do qual *operam* os agentes dotados de poderes causais em contextos e sob condições específicas. No entanto, são *reais* porque constituem realidades ontológicas (MÁIZ, 2011).

Para Mayntz, a expressão *mecanismos sociais* deve ser utilizada para processos recorrentes que geram determinado tipo de resultado (MAYNTZ, 2004), de tal forma que os processos são sequências ou combinações de mecanismos que ocorrem frequentemente (TILLY, 2001). Os autores trabalham com o seguinte esquema: I-M-O, no qual o mecanismo M explica uma relação observada entre um contexto específico I e um resultado específico final O (MAYNTZ, 2004). Como observa o autor,

though in different ways, both the I—M—O model and Elster's (1998) definition suggest that there is something constant in mechanisms, something that may not change if the mechanism under review is not to lose its identity and become a different mechanism altogether. If inputs and outcomes are permitted to vary, it is the sequence of steps, the causal structure of the generative mechanism, that must remain constant (MAYNTZ, 2004, p. 245-246)²⁰.

Buscando avançar no debate sobre a análise das ações coletivas no Brasil, estendendo o diálogo com a literatura internacional, principalmente a vertente da *contentious politics*, desenvolveu-se um modelo de análise reunindo-se uma série de conceitos e categorias que são utilizados nos estudos realizados, mas que não se encontravam articulados. A criação deste modelo visa a articular a explicação causal das formas de ação coletiva e, ao mesmo tempo, preencher de conteúdo empírico tais processos de forma que eles não fiquem tão abstratos a ponto de perderem as singularidades que cada contexto proporciona. Considerando que

La construcción de una explicación, esto es, la producción del conocimiento de un mecanismo que produce un determinado fenómeno, implica la elaboración de un modelo del citado mecanismo, el cual, si existiera y actuara en el sentido previsto, daría cuenta del fenómeno en cuestión (MÁIZ, 2011, p. 70).

²⁰ Mesmo que de diferentes formas, tanto o modelo I-M-O quanto a definição de Elster (1998) sugerem que existe algo constante nos mecanismos, algo que não pode mudar se o mecanismo revisto não perder sua identidade e se tornar um mecanismo diferente finalmente. Se entradas e saídas podem variar, é a sequência de passos, a estrutura causal e o mecanismo gerador que devem permanecer constantes.

Com isso, é possível identificar variações neste processo de engajamento de intensidades e transformações da participação. Também se visualizam de forma concreta eventos e ações que explicam o engajamento diferenciado de sujeitos com tipos de socialização semelhantes, ou o oposto disto, ou seja, de explicar como determinados perfis tratados pela literatura como “despossuídos” de determinadas capacidades acessam às organizações e produzem o alinhamento identitário necessário ao engajamento.

A partir da revisão teórica acima, reúnem-se neste modelo duas perspectivas teóricas que separadamente analisam as condições estruturais de emergência da participação a partir de conceitos como os de estrutura de oportunidades políticas, estruturas de mobilização e quadros interpretativos. De outro lado, tem-se uma perspectiva mais subjetiva que problematiza a interação dos indivíduos frente às condições estruturais da participação. Neste caso, levam-se em consideração as disposições, recursos e capacidades originárias dos processos de socialização e o uso delas pelos indivíduos, ao se analisar a interação com as formas de atuação que as organizações oferecem, os laços construídos entre eles, as diversas motivações que os farão ou não aderir a uma causa em ações coletivas.

O processo de engajamento envolve o contato com a organização e a interação entre indivíduo e organização para a produção do engajamento, pois, para que haja engajamento, são necessárias disposições anteriormente construídas durante o processo de socialização e a identificação da pessoa com a organização. O indivíduo precisa ter contato com a organização, seja por um processo direto – mediante o recrutamento – ou indireto por meio da mediação de alguma pessoa próxima. A interação, por conseguinte, torna-se fundamental para que o sujeito decida se engajar numa causa a partir da sua rede social, mas também para que ele se torne ativo e permaneça engajado, conectando suas necessidades às do movimento do qual participa. A participação se dará quando as motivações/retribuições pessoais produzirem um alinhamento com os quadros interpretativos de cada grupo associativo.

Sequência/etapas do processo de engajamento

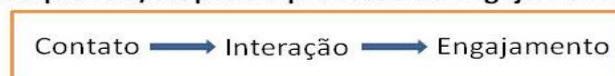


Figura 3 – Sequência/etapas do processo de engajamento
Fonte: elaboração da autora.

Neste sentido, segue-se aqui a proposta analítica, segundo a qual

explicar qualquer processo social complexo (contestatório ou não) envolve três passos: (1) descrição do processo, (2) decomposição do processo em suas causas básicas, e (3) reunião destas causas em uma explicação mais geral de como o processo acontece (TILLY, TARROW, 2007, p. 27).

Mecanismos do processo de engajamento

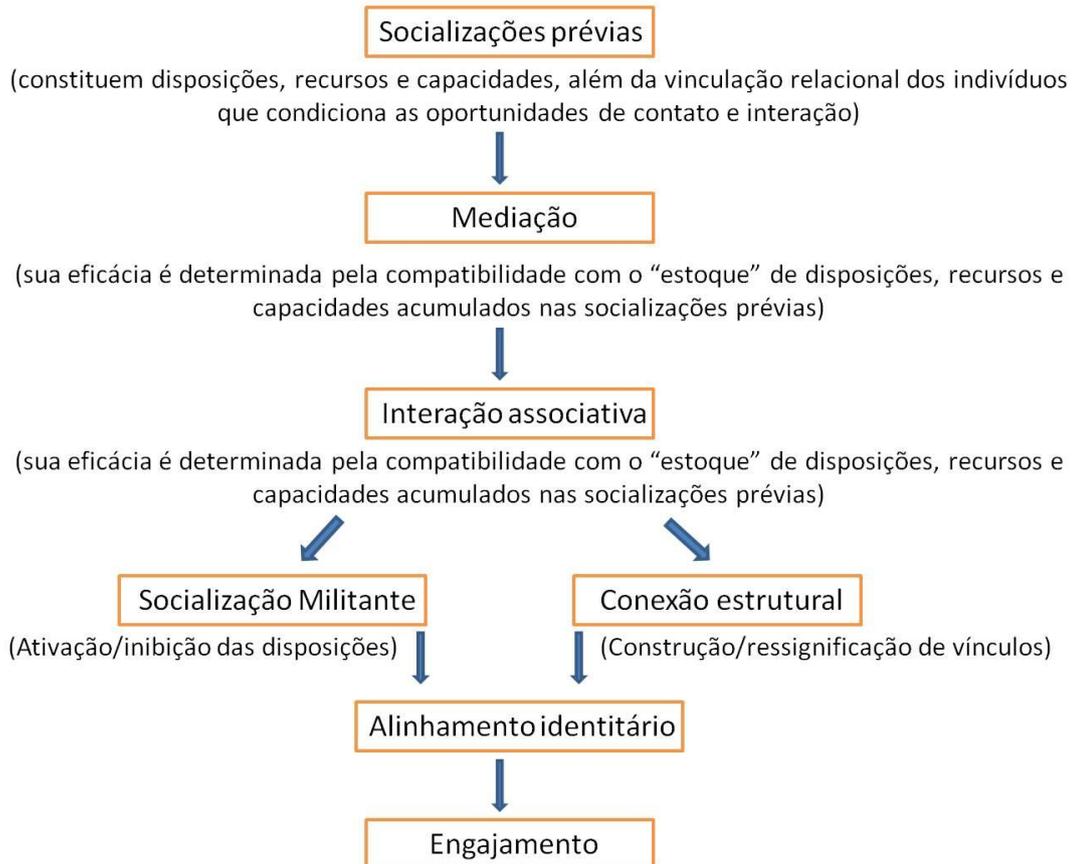


Figura 4 – Mecanismos do processo de engajamento
Fonte: elaboração da autora

A partir do exposto (Figura 4), considera-se que as socializações prévias são fundamentais para proporcionar o contato com a organização. Este contato²¹ se tornará mais eficaz na medida em que seja compatível com o “estoque” de disposições, recursos e capacidades acumuladas do indivíduo. A partir daí, a interação associativa poderá ativar ou inibir disposições e construir uma conexão estrutural que criará novos laços sociais ou ressignificará os existentes. Quando

²¹ O contato envolve o mecanismo de recrutamento da organização que não será analisado nesta pesquisa.

ocorre este alinhamento identitário entre o estoque de disposições, recursos e capacidades e as conexões associativas, produz-se o engajamento.

No entanto, este processo envolve tensões, uma vez que a socialização dos indivíduos ocorre de forma dinâmica e instável. A variação da intensidade do engajamento dependerá das alternativas que o indivíduo encontra para conciliar suas restrições ou oportunidades de recursos (materiais ou imateriais) com as restrições ou oportunidades da organização na qual ele está engajado.

Embora estes mecanismos possam ser generalizados, o conteúdo dos fluxos nesses processos é histórico-contextual e a apreensão empírica é fundamental para explicitar como se desenvolvem estas relações. A possibilidade de se comparar dois tipos de associativismo na juventude, a partir do modelo apresentado, possibilita a comparação de dimensões de engajamento diferenciadas.

4 OS JOVENS ENGAJADOS, UM BREVE PERFIL

4.1 Alcances e limites do processo de entrevista

Este capítulo tem como objetivo mostrar o aporte metodológico, a forma como as entrevistas foram realizadas, as limitações percebidas e, sobretudo, apresentar os e as jovens que participaram dessa pesquisa, traçando um breve perfil²² a partir das informações obtidas. O primeiro movimento, para realizar as entrevistas, ocorreu devido ao contato que já existia com os grupos envolvidos. Foi desenvolvido um questionário²³ que solicitava informações básicas sobre atributos sociais e envolvimento dos jovens nas atividades dos grupos, além de sondar sobre a disponibilidade de participação na pesquisa. Após esse primeiro levantamento, iniciaram-se os contatos com os entrevistados, por e-mail ou telefone.

Os critérios pensados inicialmente para a seleção dos jovens eram: tempo de ingresso no grupo (mais de 6 meses), intensidade do engajamento (maior tempo despendido nas tarefas), classe (definida pela renda familiar, escolaridade e local de moradia), gênero e raça. Esperava-se entrevistar quatro jovens, dois de cada organização, a partir dos critérios definidos acima. Além disso, já se previa a realização de entrevistas com dois jovens que tivessem se engajado no período da pesquisa, mas que não atuassem mais.

No entanto, ao se ter contato com o campo, viu-se que estes critérios de seleção seriam pouco significativos devido à limitação do número de entrevistados. Também se notou que no grupo do TTC, a heterogeneidade social não era significativa, visto que as escolas participantes eram particulares, o que pode explicar certa homogeneidade encontrada, ainda que justamente aqueles que se mostravam dispostos a participar das entrevistas eram os que estavam mais atuantes no grupo. No LPJ, por sua vez, há maior heterogeneidade social. No entanto, na análise de cada uma das “células”, percebeu-se que internamente elas são mais homogêneas.

²² Os perfis aqui apresentados foram enviados para os entrevistados a fim de fazerem correções, sugestões ou supressões. A maioria concordou de forma integral com os escritos e alguns sugeriram pequenas modificações (por imprecisão da informação ou por não se sentirem bem com determinados trechos das falas) que foram prontamente atendidas. Os nomes são fictícios para preservar a identidade dos entrevistados.

²³ Os questionários estão nas páginas 147 e 148.

No grupo de voluntariado, foi feito contato com vinte jovens, dentre os quais somente oito responderam ao email, sendo que três não puderam participar alegando falta de tempo por estarem envolvidos com provas e estudando para o vestibular. Foram realizadas três entrevistas com jovens voluntárias e duas com jovens voluntários, além de uma entrevista com a coordenadora de uma das escolas participantes da TTC.

No LPJ, entrou-se em contato com oito jovens dentre os quais sete se mostraram dispostos a participar da pesquisa. Foram realizadas, então, sete entrevistas. Cinco entrevistados (três do sexo feminino e dois do masculino) estão atuando ativamente no grupo. Também foi realizada uma entrevista com um dos coordenadores do LPJ.

Além dessas entrevistas, decidiu-se incluir no escopo da análise a entrevista com um jovem que tinha se desengajado do LPJ havia alguns meses e com uma jovem que na primeira entrevista estava engajada (maio de 2011) e durante o andamento da pesquisa se desengajou (dezembro de 2011), para se obter alguns elementos sobre o processo de desengajamento. Embora este material não tenha um peso quantitativo, foi utilizado para complexificar a análise sobre os mecanismos do processo de engajamento.

As entrevistas foram realizadas a partir de seis eixos: família, escola, sociabilidade, lazer/cultura, participação política e trabalho. O que se esperava era identificar “em que medida algumas disposições sociais são ou não transferíveis de uma situação para outra e avaliar o grau de heterogeneidade do patrimônio de disposições incorporadas pelos atores durante suas socializações anteriores” (LAHIRE, 2004, p. 32), principalmente no que se refere à manutenção ou não do engajamento.

A análise das entrevistas seguiu a proposta interpretativa de Lahire (2004) para reconstruir as disposições sociais de forma a identificar variações ou não variações de comportamentos e atitudes conforme o contexto do engajamento. A interrogação subjacente estava relacionada às atualizações e às inibições de disposições a partir de contextos diferentes. Também se levou em conta se as disposições eram suspensas ou atenuadas por limitações materiais (econômica, temporal ou espacial) e por aspectos da vida passada ou presente dos entrevistados, mas que não estavam diretamente relacionados no campo do

engajamento, mesmo que pudessem exercer influência sobre a intensidade deste engajamento.

As entrevistas ocorreram em dois momentos. Em maio de 2011 duas jovens (uma de cada organização) foram entrevistadas para testar o roteiro da entrevista. As outras entrevistas ocorreram entre novembro de 2011 a janeiro de 2012.

Todos aqui citados se mostraram muito dispostos a colaborar com este trabalho, seja abrindo as portas de suas casas, seja indo até a escola em horários diferentes de seus turnos de aula, seja indo até a casa da pesquisadora para realizar as entrevistas ou mesmo a recebendo em seus locais de trabalho. A disponibilidade de horários também foi um fator importante na negociação prévia devido às limitações impostas pelo trabalho como docente da pesquisadora. Durante o processo da coleta das entrevistas, verificou-se que seria muito difícil realizá-las em dois blocos, como havia sido previsto no projeto da pesquisa. A dificuldade de conciliar as agendas mostrou-se um fator limitador neste aspecto.

A média de duração das entrevistas foi de 50 minutos, sendo que algumas chegaram a durar duas horas e outras 30 minutos. Essa variação de tempo está vinculada à interação entre pesquisadora e pesquisados, já que algumas entrevistas ficavam muito “mecânicas”, ora porque algumas respostas não tinham um detalhamento maior, ora porque os jovens não tinham experiência naquele determinado assunto (por exemplo, experiência profissional), o que se refletiu na diferença de tempo de duração.

Outra consideração importante de Lahire (2004) diz respeito à relação de confiança que se estabelece entre os envolvidos. Assim, notou-se que as entrevistas mais longas foram com aquelas pessoas que tinham mais proximidade com a pesquisadora, seja por pertencerem ao LPJ e com isso já a conhecerem anteriormente ou, no caso de uma entrevistada da TTC, por uma proximidade de idade e profissão, além de certas características pessoais.

Por outro lado, o material de análise tem uma variação e diversidade muito interessante em termos de socialização, intencionalidades e intensidades de engajamento e de como estes jovens situam sua ação no contexto atual de sua vida. As pessoas envolvidas extrapolam as descrições aqui realizadas, pois a escrita deste perfil está vinculada à utilização de determinadas lentes que envolvem os interesses da pesquisadora em ressaltar momentos que tenham sido importantes para os percursos analisados (em sua visão). O encontro entre pesquisadora e

“pesquisados” produz uma circunstância específica e difícil pelo conteúdo da interação e o momento desta escrita torna-se mais difícil porque é solitário e dá voz a uma das partes.

Na tentativa de minimizar essa visão parcial, sempre que possível, optou-se por preservar as falas transcritas das entrevistas ou, em alguns momentos, preservar expressões que se aproximassem mais do momento como determinado assunto foi tratado. Assim, as aspas que aparecem em algumas palavras servem para sinalizar que aquela expressão está colocada literalmente como os entrevistados a disseram.

4.2 Eu sou voluntária de coração, mas no fundo tem o reconhecimento

Maria tem 26 anos, graduação em História, mora num bairro de classe média em Porto Alegre. Desde criança esteve envolvida em atividades voluntárias, principalmente em grupos de jovens religiosos e atividades de voluntariado desenvolvidas na escola que estudava. Atualmente, é professora de uma escola particular e educadora orientadora do *Projeto Parceiros Voluntários – Tribos nas Trilhas da Cidadania*.

Seus pais, pelo envolvimento das filhas, também têm uma atuação num grupo religioso e sua mãe desenvolve atividades de coordenação de projetos sociais vinculados à Igreja Católica. Maria tem uma irmã nove anos mais velha que, dentre outras coisas, a incentivou a ingressar no grupo religioso *Estudo, Piedade e Ação* (EPA) e a inspirou na escolha profissional. A família não se opôs, conforme relata:

Meu pai principalmente ele sempre disse assim: “ah, ganha mal, ok. Mas é a profissão mais digna que tem. Tu vai fazer a diferença. Então minha irmã foi e quando eu disse que ia fazer o mesmo caminho o meu pai achou legal.

A experiência escolar dessa jovem é marcada por uma constância e um sentido de pertencimento ao grupo muito forte. Coursou todo o Ensino Fundamental numa escola católica no bairro em que mora. Relata que sempre estudou com a mesma turma e que seus amigos são os mesmos até hoje. Para ela, essa experiência foi muito importante, pois a escola foi o local privilegiado para construir seus valores, como resume: “foi lá que eu aprendi a ser voluntária, foi lá que eu

aprendi a ser cidadã”. Ao ingressar no Ensino Médio, precisou estudar em outro bairro, mas numa escola da mesma rede. No entanto, como a maior parte da turma também foi estudar lá, os colegas permaneceram juntos, o que fez com que não estranhasse tanto a mudança, embora tenha reprovado no primeiro ano, o que ela qualifica como uma “marca negra” registrada no seu currículo. Seu estranhamento deu-se por ser mais “um número” numa escola maior, já que seus professores não se envolviam tanto com os estudantes para sanar suas dificuldades ou estabelecer vínculos mais próximos.

A participação no grupo de jovens da Igreja foi algo muito significativo para ela:

E eu fui pro grupo de jovens e aí foi quando eu me encontrei. Porque até então, o primeiro grupo que eu participei se chamava amiguinhos de Jesus. Foi a minha mãe que botou nesse grupo. Eu descobri que queria entrar num grupo de jovem. Eu já conhecia um grupo, porque a minha irmã já fazia parte de igreja. Eu só estava esperando chegar a alcançar a idade. [...] Eu achava que podia rezar brincando, que podia rezar cantando. Então nesse sentido que o grupo de jovens me chamou mais a atenção.

Maria é muito extrovertida, não tem dificuldade para se expressar e, em vários momentos, ressalta seu “espírito de liderança”, sua característica de “olhar para os fracos e oprimidos”. Relembra algumas situações de sua infância que contribuíram para isso:

Na verdade, os meus pais sempre foram muito voluntários, independente de eles participarem organizadamente. Eu sempre via meu pai olhando na TV coisas como enchente no Rio de Janeiro aí ele já olhava e dizia, “o que tu tem de velho me dá”, me pegava pela mão e me levava no lugar. A criança pobre e sem brinquedo, eu tinha que dar o brinquedo que eu não usava muito.

Ao ingressar como professora de história de uma escola católica, começou a acompanhar as atividades do projeto TTC. Ela já conhecia a ONG PV, pois havia participado de um projeto semelhante no Ensino Médio. Quando o antigo professor orientador afastou-se da escola, ela “naturalmente” assumiu o cargo. A professora vincula sua visão sobre educação aos valores nos quais acredita,

Eu penso que se eu conseguir mostrar pra eles a importância, eu acho que eu ensinei mais que a história do Egito, ensinei mais do que II Guerra, ensinei eles pra vida. Porque o que eles não aprenderem comigo, a vida vai ensinar. E aí eles vão ser adultos egoístas, individualistas... E se eles

puderem ser adultos do bem, se eles souberem a história pra mim não vai ter diferença nenhuma. Eles não vão precisar da história pra tudo o que eles vão fazer na vida deles. Mas eles vão precisar dos valores. Então eu priorizo muito isso.

Quando indagada sobre as dificuldades desse percurso voluntário, a entrevistada imediatamente remete-se ao namorado, que reclama de seu envolvimento. Eles se conheceram no grupo de jovens, namoram há sete anos e, atualmente, estão planejando o casamento. Curiosamente, ela diz que ele não iniciou a participação no grupo por ser religioso, mas sim porque ele queria namorar, jogar futebol. No entanto, ela acredita que ele já está mais acostumado e reconhece que profissionalmente isso é bom para ela.

No fundo, no fundo, é engraçado isso que eu vou te dizer: eu sou voluntária de coração, mas no fundo tem o reconhecimento. Porque a escola sabe que se não tiver eu, não vai ter ninguém. Então a escola gosta disso. Então no fundo ele pensa que se não for pelo voluntariado, pelo menos tu está fazendo alguma coisa decente, a escola gosta de ti...

Maria tem um percurso familiar, estudantil, afetivo e de engajamento que quase não apresenta rupturas. Quando perguntada sobre o que a levava a ser voluntária, ela responde:

Eu tenho uma opinião de que o mundo é uma merda... Aí o que eu penso: ou eu continuo fazendo que o mundo permaneça sem solução, ou eu tento ser a solução. O mundo vai continuar sendo uma droga, porque só eu sendo a solução não resolve. Mas eu também penso, se eu pensar assim, ninguém vai querer ser. Então eu penso assim: bom o meu lugar está reservado no céu, eu faço a minha parte. “ah mas o outro vai jogar papel no chão”, mas o problema é do outro. Azar é dele. “ah, mas daí a enchente vai pegar todo mundo”. É sim, vai, mas eu não criei aquilo, eu não fui a responsável por aquilo, e tu vai saber que tu foi.

4.3 E quando a pessoa ajuda é mais líder porque é tipo um professor...

Larissa é filha única e mora com sua mãe em um bairro perto da escola onde estuda, na região leste de Porto Alegre. Após a separação dos pais, não teve mais contato com seu pai. Sua mãe, formada em Serviço Social, concluiu os estudos recentemente, pois interrompeu a graduação durante o período da gravidez. Trabalha como assistente administrativa e atualmente se prepara para prestar concurso na sua área de formação.

Seu percurso escolar iniciou-se numa escola de educação infantil, pois sua mãe trabalhava o dia inteiro. Quando entrou na escola, continuou a frequentá-la até os 12 anos no turno inverso. Ingressou com bolsa de estudos em uma escola de Ensino Fundamental localizada em frente à escola infantil, onde concluiu o Ensino Fundamental. Continuou o Ensino Médio na outra escola do grupo, num bairro próximo. Após morar com a avó por um ano, sua mãe efetuou a compra de um imóvel próximo à escola. Atualmente, as duas residem no mesmo.

Diz que sempre foi “bastante empenhada nos meus estudos. Eu nunca deixei acumular matéria para o fim do ano, porque eu sei que não era melhor pra mim, e porque eu sempre tive bolsa... Daí eu sempre soube valorizar o colégio que eu tive”. No Ensino Fundamental, participou do grupo de teatro da escola apresentando-se em outras escolas. Também realizava atividades de recreação nos intervalos de aula, pois sua escola começou a participar do programa da PV. Com isso, os estudantes foram realizar atividades de recreação numa escola pública. Segundo Larissa,

A gente disponibilizava um pouco desse nosso tempo para elas porque a gente via que lá a realidade é bem diferente da nossa. E também é bem importante a gente vê que, às vezes, a gente reclama de boca cheia, porque a gente olha aquelas crianças que só de a gente chegar lá e dar um abraço nelas elas ficam felizes. Porque, às vezes, elas não têm carinho dos pais, porque, às vezes, não têm tempo, têm que trabalhar... e eles não têm a mesma condição que a gente.

A rotina de Larissa está voltada para os estudos, aulas pela manhã, cursos de espanhol e inglês à tarde, além da prática de natação e de idas à psicóloga. Durante o ano inteiro, separa um tempo para revisar as matérias estudadas, porque “a minha prioridade é a escola”. O planejamento das atividades está voltado à preparação para o vestibular. Ela irá prestar para Medicina, embora tenha ficado em dúvida em relação ao curso de Direito.

Eu estava em dúvida entre Direito e Medicina. Porque Direito, porque eu sempre gostei muito de defender os outros. Eu sempre gostei de ter uma postura de liderança, as pessoas dizem que eu tenho. Eu gosto muito disso. Mas eu também gosto muito de Medicina porque é da área da saúde, é mais das exatas e tal. [...] Na Medicina eu me identifico mais. Eu acho Direito legal, mas Medicina eu me identifico mais.

O engajamento no voluntariado começou no Ensino Fundamental, a partir de um curso de liderança juvenil, com as atividades de teatro e recreação. Ao ingressar no Ensino Médio, embora sua nova escola pertencesse à mesma Tribo, não deu prosseguimento ao voluntariado, pois “no primeiro ano, como era tudo muito novo pra mim, e como eu tinha que estudar bastante porque era uma coisa diferente, eu participei, mas não participava tão efetivamente. Mas eu participava”.

As atividades desenvolvidas giram em torno da recreação e da visita a lares de idosos. Como o envolvimento é mais esparso, a organização das atividades passa pela “coordenadora, que daí organiza as ações e nos conta, aí a gente vê quando é que a gente pode ir”.

A experiência com o voluntariado é percebida como algo importante, que não é remunerada financeiramente, “mas ele paga mais do que qualquer outro trabalho. Porque a gente se sente realizada, porque que aquelas crianças, as pessoas que a gente ajuda, elas precisavam de um abraço e de um sorriso”. Há a percepção de que ela tem uma “visão de mundo maior”, que as reclamações sobre a sua vida não se comparam aos problemas das pessoas que “não têm quase nada”. Afirma que é reconhecida como uma líder, “porque eu ajudo as pessoas que não estão tão bem. Porque eu gosto de ajudar. E quando a pessoa ajuda é mais líder porque é tipo um professor que ajuda”.

Ao ser perguntada sobre seu envolvimento em outros tipos de associativismo como grêmio estudantil, responde que até acha interessante e que participaria, “mas não tem tempo pra isso”. Também já participou de um grupo de jovens na Igreja, mas nunca teve contato com movimentos sociais. Sua opinião sobre suas ações diz que:

Eu acho que eles têm direito a lutarem pelo o que eles querem. Porque todo mundo tem direito a um lugar para morar. Eu acho importante eles fazerem isso e tal. [...] E o MST, eu acho que é importante eles lutarem. Só que eu acho que eles deveriam fazer uma nova forma de fazer isso. Eu não sei como, mas... porque o governo não dá muita bola pra isso. Eles invadem e são vistos como pessoas maloqueiras, invasores e tal. Só que, na verdade, eles estão buscando um direito deles. Só que o governo não está dando bola pra isso.

4.4 É sempre bom ajudar os outros sem pedir nada em troca, porque isso volta pra ti

Gustavo tem 17 anos e vive desde os cinco anos no mesmo bairro com o pai e os irmãos, pois sua mãe é falecida. O pai é aposentado, trabalhou no Banco do Brasil e, por conta disso, a família já morou em outras cidades do Brasil, tais como Belém, Santarém e Manaus. Estudou na mesma escola desde a 5ª série, onde concluiu o Ensino Médio. Irá prestar vestibular para Relações Públicas na UFRGS, pois “o meu pai não quer pagar particular”.

O interesse por organizar eventos e sua preferência pela área das Ciências Humanas, principalmente História e Geografia, o auxiliaram a escolher o curso de RP, pois não gosta de Matemática nem de Química, diz que “não é do [seu] interesse, não é o que [quer] seguir”. Foi incentivado por sua irmã e por seu pai, que já participaram de atividades de voluntariado, e aos dez anos resolveu ingressar no TTC:

Eles disseram que era uma boa ideia e que isso ensinaria muito valores para mim. E também é bom porque tem a ver com o que eu quisesse seguir, que voluntariado já ajuda bastante no currículo. Mas eles sempre gostaram de ajudar as pessoas. Isso principalmente porque o meu [pai] era de uma família muito carente e muitas pessoas ajudavam o meu pai.

Em um primeiro momento, a motivação era preencher um período vago no turno da tarde, mas, já no início, ao conhecer as crianças atendidas, sentiu-se comovido e com a “necessidade de ajudar alguém”. Assim, teve contato com crianças com HIV por três anos. Após esse período, participou das atividades na Creche, em Alvorada, e na ESPAAN. Para Gustavo, o que mais chamava atenção era que as crianças “mesmo elas tendo uma vida muito sofrida, porque é horrível elas têm que tomar o coquetel e tudo, elas não deixavam de ser felizes”. Este trabalho foi encerrado quando uma empresa passou a contribuir com o abrigo e o grupo preferiu priorizar outros espaços que não contavam com o mesmo tipo de auxílio.

Perguntado sobre o relacionamento no grupo e com as coordenadoras, Gustavo responde que não via nenhum conflito entre as pessoas. Explica que “todo mundo tinha aquela necessidade de ajudar, todo mundo combinava” e que as coordenadoras “sempre foram como segunda mãe pra nós”.

Mesmo apontando o tempo como uma das dificuldades para participar das atividades, pois precisava estudar para as provas, conciliar o curso de inglês, preparar-se para o vestibular e trabalhar no turno da tarde com seu pai, Gustavo relata que a principal motivação para continuar era

Ver a necessidade das crianças. Era muito ruim. Eu pensava que eu poderia estar no lugar delas. E será que alguém estaria me ajudando se eu precisasse? E aquilo era o que me motivava. Eu olhava pra elas e pensava “elas precisam de mim, não só de mim, mas de ajuda”.

Outra percepção de Gustavo sobre sua experiência com o voluntariado está relacionada às atividades profissionais, pois ele crê que ser voluntário o ajuda a ter mais organização, responsabilidade e ser mais regrado. Além disso, Gustavo teve outras experiências de participação: em uma passeata contra o ENEM e na direção do Grêmio estudantil da escola, pois tinha a

necessidade de mudar o colégio, porque o meu colégio, eu gosto bastante, vou sentir saudade, mas lá o problema é que os alunos não têm muita voz. Eles sempre passam uma folha para o professor conselheiro para ver pontos positivos, pontos negativos, e nunca adiantava nada. A gente tinha essa vontade de mudar o colégio e motivar os alunos.

Não obtive êxito na tentativa de dar voz aos estudantes. E mesmo reconhecendo a dificuldade de dar seguimento aos planos de realizar coisas diferentes na escola, não se envolvia em conflitos com a direção da escola, mesmo quando esta proibia alguma ação do Grêmio Estudantil.

4.5 Eu tinha que ver como é que a coisa era

Roger tem 18 anos e estava concluindo o Ensino Médio na época da entrevista. Foi um dos poucos a responder o e-mail que o convidava para a entrevista e isto dava pistas de que encontraria um jovem bem comunicativo. Filho de uma nutricionista e de um economista, mora num bairro de classe média, na zona norte da cidade. Relata que chegou a morar com o pai em São Paulo por alguns meses, mas teve sua guarda repassada para sua mãe. Tem três irmãos, os dois mais velhos são filhos de seu pai e o mais novo é filho de sua mãe.

Das lembranças de infância, destaca que seus pais tinham certo envolvimento em atividades voluntárias, como auxílio financeiro a uma ONG e atividades de direção no Lions Clube. Além disso, seus brinquedos eram doados periodicamente a outras crianças, fato que o desagradava na época.

Estudou em escolas particulares, exceto por um ano, pois, como relata: “rodei na oitava série... daí eu fui para um colégio público que o meu pai disse que não ia pagar pelo ano que eu repeti”. Destaca que gosta mais das disciplinas da área de Ciências Humanas e sempre foi “um pouco vagabundo” com as matérias que não gostava. Também destaca que

quando eu era pequeno no colégio eu era bem brigãozinho, mais apanhava do que batia, mas estava sempre nos bolo. Mas depois eu fui parando. Eu brigo com as pessoas, mas não de agressão física. Eu paro de falar com elas quando eu acho que eu estou certo e elas estão erradas. Nem sempre é verdade, mas é o que eu acho.

Suas atividades extracurriculares giram em torno de cursos de idiomas (inglês e, recentemente, norueguês), da participação num trabalho de pesquisa sobre Juventude e Cinema e da experiência na Junior Achievement, além do envolvimento com o TTC. Sobre a experiência na miniempresa, diz que “foi um caos total, porque eu era Diretor financeiro e dinheiro sumiu, dinheiro desaparecia e ninguém sabia onde estava. [...] daí a gente achou o dinheiro, estava tranquilo, só não sabíamos onde tínhamos colocado. Mas foi complicado”. Ao ser perguntado como foi o processo de escolha para que ele fosse o diretor financeiro, responde: “Daí a gente fez, como político mesmo faz, de dizer ‘tá, então eu vou de líder e tu vai lá’”.

Roger irá prestar vestibular para Economia e Relações Internacionais, em três universidades diferentes, sendo que o vestibular na UFRGS ele fará somente “porque o pai me obrigou”, pois teria que estudar muito as disciplinas de que não gosta. Outro argumento utilizado por ele é que o curso na PUC é melhor e resume sua escolha dizendo que “então se eu posso pagar, eu vou tentar ir pelo melhor”.

O ingresso no TTC ocorreu somente no ano de 2011, embora ele saiba das atividades desde 2009. As reuniões ocorrem geralmente às sextas-feiras, e, nos dois anos anteriores, realizava outras atividades neste dia. No primeiro ano, o impeditivo para sua participação se dava pelo compromisso em ir com seu pai até seu local de trabalho, onde passava as tardes. No ano seguinte, foi a coincidência de horário

com a aula de inglês, mas quando conseguiu conciliar o módulo do curso no horário noturno, passou a participar do TTC.

As atividades das quais participa estão vinculadas aos locais nos quais o TTC atua, ou seja, a Casa de Acolhida, uma Creche e um Asilo. Atividades de recreação, organização de lanches coletivos e comemoração de datas festivas preenchem as atividades realizadas em cada semana. A mãe o incentivou a participar, pois ele “tinha que ver como é que a coisa era”. Segundo ele,

Ela diz que eu sou muito, como é que se diz... não é hipócrita... é nariz empinado. E eu dizia que não, e não, e quando eu fui ver era verdade. Meu nariz desempinou um monte [...] Porque eu tenho um padrão de vida razoável. E eu conhecia só aquilo ali do meu meio, e só aquilo. Então eu pensava, “ah, isso não existe”; ou “pra que tu tá levando coisa lá pra eles?” Eu era bem perversinho mesmo. Não digo perverso, mas desconectado da realidade.

O compromisso que ele mantém com as atividades do TTC surge pela percepção de que o trabalho voluntário se dá num pacto com o outro e consigo mesmo, na medida em que as ações têm efeitos na vida dos envolvidos. Uma das falas expressa o sentimento de retribuição do jovem voluntário: “É muito legal e gratificante. Porque a gente sempre pensa que a vida da gente é uma merda, mas a minha vida não é uma merda, na verdade, a minha vida é boa e eu posso fazer alguma coisa boa para os outros”.

Roger aponta várias modificações em seu ambiente familiar depois da experiência no voluntariado, como ter se tornado menos consumista, ser capaz de reconhecer a opinião distinta dos outros, “julgar menos”, como coloca. Embora com os amigos não acredite ser diferente por exercer tais atividades, reconhece-se como um líder, quando fala, por exemplo, que “internamente eu sabia, mas eu nunca coloquei em palavras, mas é que eu sempre fui meio que líder do grupo”.

O voluntariado assume um papel importante em sua vida, embora não seja central. Suas opiniões demonstram que assume algumas posturas diferentes de seus pais. Em relação ao engajamento, por exemplo, sua opinião sobre o que é ser voluntário:

Pra mim, [...] não é que nem o meu pai, aquela pessoa que acha que está fazendo o bem, porque assinou um cheque [...] Voluntário não é doar dinheiro, é doar o teu tempo e as tuas emoções pra aquilo, porque é um voluntário de mão dupla, porque no momento que tu está doando, está recebendo três vezes mais de volta... quando tu vê o sorriso da criança, o

idoso... do bebê rindo pra ti em vez de chorar. É uma coisa que falta palavra pra explicar... É muito bom, é muito, muito bom. Eu fico cansado. Várias vezes eu não quero ir no inglês, entendeu. Porque eu chego exausto em casa. Mas vale a pena, eu não trocaria.

4.6 Tem que ir lá e fazer algo bom

Luiza está no 2º ano do Ensino Médio, tem 16 anos, mora com os pais e o irmão mais novo numa confortável casa na zona leste de Porto Alegre. Os pais têm Ensino Superior completo, sua mãe é psicopedagoga e o pai psicólogo. Seu percurso escolar começou na mesma escola em que sua mãe estudou, uma escola de bairro, “mais aconchegante”. Estudou lá até a 6ª série e depois passou a estudar numa escola mais próxima de sua casa, onde permaneceu por somente um ano, pois não se adaptou à estrutura “mais individualista”. No ano seguinte, passou a estudar no Rainha do Brasil, onde permanece até hoje.

Foi ainda no Ensino Fundamental que teve as primeiras experiências com voluntariado ao participar de uma atividade numa creche, quando construíram um “mosaico com velharias” e viu que aquelas crianças, mesmo sem os pais, “eram realmente felizes, e era muito gratificante”. Esse foi um dos elementos que julga fundamental na construção de seu caráter.

A mudança de escola proporcionou que retomasse o envolvimento com atividades ligadas ao voluntariado, mesmo que isto tivesse ocorrido somente no ano de 2011. Luiza participava de cursos de idiomas extraclasse, cantava e tocava no grupo de música. Recorda que sofreu “um certo *bullying*” por usar óculos e que isso não a fazia “bater boca com ninguém” porque é “pacífica”. Preza pelas amizades construídas de longa data, procurando andar sempre com pessoas legais, destaca que “todas [as amizades] são baseadas há uns sete anos que eu conheço [as pessoas]”.

No grupo musical, participava como uma das “atrações” das atividades realizadas pelo TTC. Ao dizer para a coordenadora que gostaria de participar mais ativamente no voluntariado, mesmo tendo “uma agenda difícil”, logo foi designada para cumprir uma atividade de organização de notas fiscais, num horário em que estava disponível na escola. Durante uma reunião de conscientização cujo objetivo era o de convidar os pais dos alunos a participarem como voluntários nas atividades desenvolvidas, decidiu se engajar. Mas, segundo Luiza, também serviu para

entender como a instituição funcionava, conhecer a atuação em outros lugares. Para ela,

E o interessante é que sempre que tem algum projeto de que tem que ir para algum lugar. Mas lá onde? Não importa, a gente vai de qualquer jeito. Essa é a grande coisa para a autoestima do jovem. Porque, pô, acordar cedo para ir para Guaíba... não importa a gente vai... vai se divertir.

Ao ser perguntada sobre o que a motivou a ingressar no voluntariado, diz que “sentia falta de fazer alguma coisa diferente”, mas que “não queria só fazer o bem, queria ver as outras pessoas sorrindo”. Para ela, foi fundamental a acolhida “familiar” que recebeu do TTC, que contava com uma “estrutura de amigos que davam esse apoio” para realizar as atividades e que era importante fazer algo para melhorar a vida de alguém.

As atividades realizadas proporcionam o contato com crianças e idosos e criaram disposições para o compromisso de manter as atividades voluntárias, pois sabe que essas atividades geram expectativas nas pessoas envolvidas (principalmente os idosos):

tu vê que eles precisam pelo menos sentar na frente deles, e eles começam a falar. Eles só precisam daquilo. Não precisa fazer muita coisa. Eles só precisam conversar. Por que a gente dá o apoio que muitas vezes a família não dá. Então, tanto que uma vez foi falado nas reuniões que se tu se compromete em tal dia, horário, aquela pessoa vai estar te esperando.

Outro ponto interessante é a crítica que faz aos jovens que só praticam o voluntariado para colocar no currículo, pois, para ela,

O jovem do voluntariado, ele tem que primeiro pensar nos outros para depois pensar em si. Quando a gente faz algum projeto a gente tem a consciência de que aquelas pessoas precisam da gente. Porque tem muitos outros que não dão o apoio devido as pessoas. Então a gente tem que se preparar antes. Pelo menos mentalmente. Tem que ir lá e fazer algo bom. Porque se tu for lá de má vontade, do que vai adiantar?

Luiza ressalta que uma das mudanças provocadas pelo voluntariado é que: “eu dou muito mais valor agora para minha família e para as coisas que eu tenho do que eu dava antes”. O voluntariado proporcionou que ela tivesse contato com situações de pobreza existentes em outros bairros, e isso gerou a necessidade de auxiliar aqueles que precisam, pois ela quer “fazer com que a pessoa se sint

melhor”. Além disso, ela consegue “repensar suas atitudes”, ter diálogo ao invés de brigar com alguém, “mesmo que tenha razão”, “tentar ser mais carinhoso”, diversificar as experiências e poder contar para as pessoas tudo o que viveu. Também consegue perceber atributos positivos em relação à esfera profissional

Porque tu imagina: se tu contrata alguém que foi voluntário, ela tem uma sensibilidade maior, ela sabe como tratar as pessoas, e isso nos torna mais humano, pode tratar as pessoas de um modo diferente, de modo mais amigável, não chegar grosso, estúpido. Mas sempre tentar ser mais carinhoso. Porque independente de onde a gente vá, a gente tem que viabilizar o bem.

Ao ser perguntada sobre seu envolvimento associativo, Luiza diz que não gosta de política, mas conhece algumas pessoas do Greenpeace, tendo acompanhado pela televisão as manifestações ocorridas nos últimos meses. Porém, se sente incomodada com a forma de ação escolhida, pois ela fica pensando que “se é para o bem, que seja, as pessoas estão se mobilizando. Se é para uma causa social, tudo bem... Mas eu acho que a questão é nunca usar a violência como uma solução”. Enfatiza que prioriza o diálogo em todas as suas atitudes e por isso discorda da forma escolhida pelos movimentos sociais quando geram algum tipo de violência para conseguirem seus objetivos.

4.7 Eu gosto dos movimentos, eu gosto das passeatas, eu gosto mais porque a gente não está só nessa célula...

Cristiane tem 16 anos, mora na zona sul de Porto Alegre, numa região da periferia da cidade. Há três meses mora com o namorado, que tem 22 anos e é padeiro. Antes disso, morava com sua mãe e seus nove irmãos numa casa simples, no mesmo bairro. Parou de estudar no primeiro ano do Ensino Médio, tendo reprovado duas vezes nesta série. Porém, pretende retornar os estudos, pois um de seus objetivos é ingressar na Universidade e cursar a faculdade que tanto deseja.

O fato de abandonar a escola não representa uma postura de indiferença frente à educação. Pelo contrário, suas falas fazem uma crítica ao ensino, aos professores e às propostas de modificação no Ensino Médio que estão em curso no RS.

Mas bah, eu até gosto de estudar. Só, conforme o colégio... porque tem professores que entram na metade do período, solta vinte minutos antes. A galera desconcentra, não querem saber da aula, não querem nada com nada. Agora fiquei sabendo que vai ter um período de matemática e um período de português, a semana toda. Aí assim, no meu ver, assim tu não chega na faculdade. Se tu já está assim... imagina pra galera que é do povão entrar lá dentro. Quarta-feira a gente fez uma passeata sobre a educação.

A “passeata” à qual se refere foi organizada pelo LPJ e reuniu mais de quinhentos jovens no final de novembro de 2011. Cristiane participa do grupo há um ano e três meses. Seu contato começou a partir da relação que estabeleceu com Sandra no *Ponto de Cultura*, um espaço na zona sul da cidade que oferece diversos cursos na área de produção cultural, audiovisual e tecnologia da informação para jovens.

Neste local, permaneceu durante três anos realizando diversos cursos e, no início de 2011, assumiu como assistente administrativa, cargo que ocupou por 8 meses. Após este período, decidiu se desvincular, pois “estou a fim de conhecer outras visões, porque eu estou lá desde os meus 13, eu só conheço lá. Então eu só quero sair de lá e cuidar dos bichinhos, me deu vontade de trabalhar numa pet shop”.

Durante este período no *Ponto de Cultura*, ao ouvir Sandra sempre falar “das tais reuniões” que ia, ficou curiosa para saber do que se tratava e, em 2010, teve a oportunidade de participar do Acampamento da Juventude, em Santa Maria. Em setembro daquele ano, resolveu entrar “definitivamente” no grupo. O primeiro contato quebrou um pouco com as expectativas que tinha sobre o mesmo:

E aí no fim eu fui, mas na minha visão era tudo um grupinho de terninho e gravata, sentados numa mesa. Quando eu cheguei lá era tudo diferente. Era uma gurizada, todos agitados, com roupas rasgadas. Tudo louco. E era mais homem do que guria, só tinha a Luana, a Marisa e a Priscila que já tinham entrado antes de mim.

A participação no início estava mais vinculada às reuniões, que ocorriam nas sextas à noite, pois ela estudava e trabalhava durante o dia, não havendo tempo para participar de outras atividades. Uma das atividades em que mais se envolveu foi a organização de um “pagofunk” na comunidade para integrar e chamar outros jovens para participar da célula.

O relacionamento entre os jovens da célula é um dos pontos de destaque para Cristiane, pois “a nossa célula tem um carinho”, embora existam as “fofoquinhas”, tudo é resolvido na conversa. Mesmo que haja discussões, todos eles sempre voltam a se falar, segundo conta. Para ela, o LPJ é um movimento revolucionário que

pretende mudar a comunidade onde mora, mudar, ajudar as pessoas da região. A gente lutou pra não sair essa avenida aqui, e não sair a avenida Tronco lá em cima, a divisa. Estamos sempre nessas lutas. Então eu vejo o *Levante* como um incentivo pra gurizada. E tem outra coisa... não é só amizade, tem uma coisa de família. Sempre tem um mais achegado que a gente senta, conversa, desabafa e tal. Não é só aquela pessoa de luta. Então tem todo esse movimento de carinho. É bem aconchegante.

Seu namorado não participa do grupo e acha ruim que ela participe, por conta da falta de tempo. Mas ela considera válida a tentativa de persuadi-lo a participar, pois “é bom, porque depois a gente vê o resultado. Na outra semana a gente avalia o que foi bom, o que foi ruim, e o que a gente pode melhorar, os nossos erros e acertos. Eu acho que foi bem legal”.

O vínculo com o grupo é muito forte, motivo de muitas brigas com a mãe para participar das atividades,

Quando eu não ia, eu sentava naquele quarto e chorava, chorava. Eu chorava porque a minha mãe não entendia por que. Muitas vezes eu tentava sair. A gente tentava conversar... Mas agora não tem como eu sair do *Levante*. Porque já criou um vínculo. Por mais que eu fale que não vou ir, eles falam que vão me buscar de carro...

A participação nestes espaços, o Ponte de Cultura e o LPJ, foram fundamentais para que Cristiane conseguisse se recuperar da perda do irmão e dar prosseguimento às atividades, “quando eu perdi o meu irmão eles me apoiaram a fu. Foi o meu refúgio lá o *Ponto de Cultura*. O *Levante* também foi o meu refúgio. Difícil mesmo era ir nas festas. Eu ia mesmo pra sair de casa. Porque se eu ficasse em casa eu ia enlouquecer...”

4.8 Daí que eu comecei a pensar no *Levante* não como uma carreira, mas como um futuro

Rodrigo tem 21 anos, é natural de Bagé, cidade do interior do RS, mas veio para Porto Alegre com sua família aos 2 anos de idade. De lá pra cá, já morou em diversos bairros da cidade, principalmente na zona norte e na região do bairro Cruzeiro. Tem mais três irmãos, duas sobrinhas e um irmão adotado por seus pais. Todos moram na mesma casa. Seu pai é autônomo e sua mãe trabalha com pesquisas.

Frequentou até a quarta série do Ensino Fundamental porque não sentia vontade de ir ao colégio, “na época a rua me interessava mais do que o colégio”. Sua mãe, segundo ele, preferia que ele ficasse em casa ao invés de ir para a escola e não assistir às aulas. Dessa forma, seus irmãos também não concluíram o Ensino Fundamental. Até começar a trabalhar, não se lembra de quantas vezes parou de ir à escola.

Aos 17 anos, começou a trabalhar numa empresa de segurança, na qual permaneceu por três meses. Após este período, foi trabalhar como auxiliar numa serralheria onde permaneceu por dois anos “até conhecer o *Levante*”. Seu irmão Fábio, amigo de Leandro, participava das reuniões da célula sul, e sempre o convidava a participar, mas Rodrigo não se interessava,

Ele me falava que era um grupo socialista que queria tentar mudar o Brasil, e eu “ah” esse sonho já é distante, o que tu quer se envolvendo nisso agora? Eu tinha um pensamento de trabalhar e viver a vida que o capital manda.

Numa sexta-feira, depois do trabalho e sem “nada para fazer”, resolveu acompanhar o irmão. Ao chegar à casa de Alex, encontrou mais ou menos 10 jovens reunidos. No início, achou “bem esquisito”, pois uma das meninas estava chorando e pedindo desculpa por não ter comparecido na reunião anterior.

Daí isso me intrigou. O que ela tava chorando? Daí eu me interessei pelo porque dela estar chorando. Daí que eu descobri que era por causa do *Levante*. Daí que eu fui entender o quão era importante o *Levante* pra ela estar chorando. E isso que me provocou a conhecer.

Em casa, sempre que possível, conversava com Fábio sobre a forma de organização do LPJ. Seu irmão deixou de participar do grupo pouco depois do início

da militância de Rodrigo. Mas até certo momento, Fábio teve uma participação efetiva, inclusive chegou a participar de formações no ITERRA. Mas acabou se afastando pelo seu envolvimento com drogas. Rodrigo continuou indo às reuniões, tentando entender, interessando-se cada vez mais pelo LPJ. E em julho de 2011, participou do seu primeiro Acampamento. Após isso, assumiu as atividades relativas ao stencil, que tinha aprendido com o irmão, em diversos encontros do LPJ.

Atualmente, Rodrigo é um “liberado” do grupo para organizar a célula sul. Pediu demissão do emprego por não querer seguir a profissão de serralheiro. Ao mesmo tempo, começou a pensar no LPJ “não como uma carreira, mas como um futuro”. Dessa forma, dedica integralmente seu tempo para as atividades do grupo.

A principal motivação em participar das atividades está na relação que estabeleceu com as pessoas na sua volta. Gosta muito de estar com o pessoal, de realizar as ações de rua e sente que o ingresso no grupo modificou seu modo de ver a vida. Mais especificamente:

Nessa história de indivíduo. Antes eu era totalmente indivíduo, eu não pensava muito nos outros. Eu até pensava nos outros, mas era o pessoal da minha volta, não era no geral. Nessa história do machismo, eu era muito machista. Mas sem saber, eu pensava certo. E isso foi mudando com o *Levante*. E até o pensamento intelectual, eu acho que ajuda muito intelectualmente. No estudo e no que tu aprende no dia a dia. Porque eu acho que eu aprendi muito com o *Levante* nessa história do intelectual, de pensar no socialismo, nessas histórias, e Marx e essas coisas, eu acho que é...

As principais dificuldades de Rodrigo em acompanhar as formações estão relacionadas às leituras e, um pouco, à timidez, ponto que ele diz que já melhorou muito, pois “eu fui pensando como eles e fui me soltando”. Suas relações de amizade localizavam-se fundamentalmente no bairro, era na rua e com seus amigos que conversava sobre os mais diversos assuntos. Atualmente, com o pouco tempo que sobra, vê sua vida dividida

Na verdade, virou duas vidas. O *Levante* e onde eu morava. Porque onde eu morava é uma situação totalmente diferente do *Levante*. Porque onde eu morava, tem disputas, se tu não tiver um tênis legal, tu não está no meio, tem vários preconceitos onde eu morava. E o *Levante* é diferente. O *Levante* não tem nada disso. Então ficou mais ou menos dois mundos. Eu até tento aproximar umas pessoas desse mundo para o outro, mas não deu...

Para ele, estar no grupo o ajuda na questão da “organização pessoal”, pois aprendeu a organizar a vida pessoal e as várias atividades que precisa desenvolver. Com isso, diz que desenvolveu “jogo de cintura”, importante para vários momentos da vida. Também está conseguindo se relacionar melhor com as pessoas.

4.9 Eu acho que estando nas tarefas tu aprende

Carolina tem 18 anos e mora no Morro Santa Tereza, zona sul de Porto Alegre, com sua mãe e seus dois irmãos, um de 10 anos e a outra de 8 anos. Estuda no período da manhã e trabalha à tarde. Seus irmãos estudam à tarde e sua mãe trabalha no turno da noite, num shopping da cidade, na limpeza.

Está cursando o segundo ano do Ensino Médio, tendo sido reprovada duas vezes no Ensino Fundamental por “matar muita aula”. Suas memórias escolares giram em torno de uma apatia e falta de vontade dos professores em ensinar. Além disso,

Eu brigava muito no colégio. Eu era bem mal educada. Porque eu não tinha muito contato com a minha mãe. Ela trabalhava muito, então nós não tínhamos muito contato de conviver. Daí ela chegava em casa e já estava dormindo. Daí era bem ruim. Eu brigava bastante no colégio. E acho que os professores, às vezes, não vestem a camisa. Eles estão ali como... eu acho que é a nossa segunda casa a escola, é um tempo que a gente convive mais, e deveria ter uma harmonia, só que não tem.

Com 15 anos, começou a fazer um curso de artes gráficas de segunda a sexta na “antiga FEBEM” onde “aprendeu a ter mais disciplina” e permaneceu um ano. Neste espaço também fazia atividades de lazer e uma refeição. Após a conclusão da primeira etapa do curso, Carolina resolveu não dar prosseguimento. No entanto, sua mãe impôs como condição para sua saída que “arrumasse outra coisa pra fazer”. Viu na sua escola um cartaz sobre os cursos que o *Ponto de Cultura* oferecia e começou a participar.

Lá, realizou cursos de fotografia, edição, captação de imagens. Neste período, integrou um empreendimento de economia solidária na área do audiovisual. Uma das iniciativas o curta “De repente, o mundo...” foi selecionado para o intercâmbio Geração Futura 15, promovido pelo Canal Futura.

Neste espaço, também convivía com Sandra, militante do LPJ, que sempre convidava Carolina para participar das reuniões, o que não era possível por causa dos irmãos menores, que ficavam sob sua responsabilidade. No entanto, no mesmo período em que ocorreria o Acampamento, sua mãe estaria de férias e esta foi a oportunidade para Carolina ter contato com o grupo.

Daí no acampamento tinha muita coisa, era muita informação, que a gente não tinha muito contato, como: o que era o projeto popular. Daí várias coisas, conforme foi passando... a gente foi no acampamento eu e mais duas meninas lá do Ponto [de Cultura], a Marisa e a Cristiane, e aí depois do acampamento a gente pensou que não ia dar mais pra ir, porque a gente tinha aula e várias coisas. Daí conforme foi passando a gente foi indo. Daí faz um ano e alguns meses no *Levante*.

Seu envolvimento deu-se em níveis, primeiro participava somente das reuniões, que ocorriam na casa de Leandro. Mas Carolina só comparecia à reunião acompanhada das amigas, caso contrário, deixava de participar. À medida que foi conhecendo melhor Leandro, começou a se sentir mais a vontade para ir sozinha às reuniões e foi se envolvendo em outras atividades, participando das discussões, realizando o “trabalho de base”. Neste período, o grupo estava envolvido com “o processo de luta do morro Santa Tereza”,

E aí foi que foi, que começou surgindo os trabalhos de base. De para que serve o trabalho, pra isso e aquilo. Isso tudo é pra gente aprender, pra gente se formar também. E até pra nós mesmos que moramos na vila e queremos construir muita coisa lá dentro. Daí eu fui indo junto com as minhas duas companheiras. Daí eu comecei a fazer trabalho de base também. Dentro das escolas, a planejar as coisas com a galera. Foi bem massa, nisso a gente vai se formando. Nisso a gente recebeu uns cursos de formação também um pouco. Porque na real eu ainda estou bem perdida, eu preciso estudar mais, conforme as coisas vão indo. Mas aí é isso: a gente foi aprendendo.

Quando completou 18 anos, resolveu sair do *Ponto de Cultura*, para buscar algum estágio. O LPJ conseguiu inseri-la como estagiária de uma deputada estadual, vinculada ao PT, pois ela precisava ajudar financeiramente a família e a organização sabia que se ela trabalhasse em outra atividade corria o risco de “perdê-la” devido ao pouco tempo que seria disponibilizado para as tarefas militantes.

As motivações que levam Carolina a participar do LPJ dizem respeito à “aceitação”,

As pessoas te aceitarem como tu é. Não querer te desenhar novamente. Quando eu entrei no *Levante*... eu na real, tudo que eu tenho que fazer eu tenho que levar os meus irmãos, eu não posso deixar deles. E vejo que a galera me apoiou, a galera cuida bem deles. Eles vão comigo e ninguém olha de cara feia pra eles. Então eu acho legal... é isso que me motiva a militar, a fazer as coisas, a querer sempre estar envolvida com alguma coisa. Eu acho que até pelo projeto, o projeto melhor, pra mudar muita coisa que está errada. Ajudar os jovens principalmente, que moram na comunidade e que, às vezes, estão perdidos. E eu acho legal que estejam pensando, muitas cabeças, porque tem uma galera que abre mão de muitas coisas para estar com a gente.

Sobre as atividades que mais gosta de desenvolver, ressalta que não tem preferência, o que importa é “estar aprendendo a correr atrás”, pois assim aprende a se organizar, a não ficar esperando pelos outros. As dificuldades giram em torno de questões mais teóricas, como “o que era marxismo”, da dinâmica nas formações, ao ter que “ficar sentado uma hora, duas horas, ouvindo, pegar um caderno e uma caneta e anotar as coisas que tu não entende”. Outro ponto interessante que ressalta é que a relação com a escola também mudou, pois agora “mesmo o colégio estando ruim, a gente tem que terminar, tem que estudar”.

4.10 Eu fico muito tempo aqui, porque isso consome muito tempo

Helena tem 22 anos, cursa Ciências Sociais, veio da região norte do estado do RS para Porto Alegre aos 9 anos. Mora na região norte da cidade com o irmão mais novo e os pais, que são militantes do PT. Com isso, sua infância “foi muito ligada à militância dos pais”, o que fez com que ela ficasse muito tempo com os avôs ou babás. A mudança da família deu-se em virtude do trabalho de seu pai, que foi coordenar um programa de formação para metalúrgicos, ligado a CUT. Sua mãe, após interromper por alguns anos os estudos, é técnica em enfermagem e concursada num hospital há 10 anos.

Estudou sempre em escola pública e lembra-se de vários “conflitos com os professores”, “mas também teve uma época que o meu pai era secretário da educação, então os meus xixis eram meio que amenizados. Eu sentia isso, de ‘ah, não xinga ela que o pai dela é secretário’”. Também participava das comissões eleitorais para direção, pois “fazer campanha pra direção não pegava bem”. Vez que outra envolveu-se em cursos na escola, como inglês, e até um jornal.

Ao escolher a faculdade, prestou vestibular para jornalismo, mas não passou. No ano seguinte, fez cursinho e uma amiga, que era das Ciências Sociais, apresentou-lhe algumas pessoas, “daí eu já conheci a galera do DCE, fui em festas no DCE. Daí foram os meus primeiros contatos. Porque eu queria alguma coisa mais na área das humanas também. E, por exemplo, não queria fazer Letras, nem Filosofia, nem História, daí foi meio que por eliminação”.

A necessidade de se “organizar” fez com que Helena procurasse o DCE assim que ingressou na universidade. Mesmo seu pai participando do PT, nunca foi incentivada a se envolver, o máximo que fazia era participar de alguns lançamentos de campanha, que “achava chato”. Foi participando das atividades do DCE que conheceu Rosa, uma das militantes responsáveis pelo convite para a formação das mulheres.

O primeiro contato com o LPJ veio por meio deste convite para participar da atividade de formação em razão do dia 8 de março. Esta formação ocorreu no MTD, fato que já chamou a atenção de Helena. A atividade foi separada para as mulheres e para os homens e “eu acho isso meio que me deslumbrou, porque não era uma atividade maçante. E eu achei legal porque daí tinha a mística...”

O fascínio inicial com a universidade não durou mais do que um ano e logo depois já ingressava no LPJ e “isso meio que foi me consumindo. Eu quase não tive isso de ir em festas, e DCE, e os amigos da universidade mesmo, porque eu já estava meio que deslocada desse mundo. Já estava muito em função do Levante”.

Por um período curto, participou simultaneamente do DCE e do LPJ. No entanto, os “conflitos, aquele stress todo” a afastaram do movimento estudantil e a aproximaram mais do LPJ, que ela nem sabe ao certo o que a fez ficar... “Militar não é nada fácil. É uma coisa muito maçante, toma muito tempo. Já teve muito atrito familiar em relação a isso. Mas eu acho que o que me faz continuar é a amizade. Eu tenho a segurança de que se um dia eu estiver na merda alguém vai me acolher”.

O envolvimento no LPJ deu-se a partir das reuniões que a célula UFRGS chamava para aproximar os estudantes dos movimentos sociais, principalmente em razão do fechamento, na época, das escolas itinerantes do MST. Também de encontros gerais para organizar o acampamento, que naquele ano foi cancelado por causa da gripe A.

As dificuldades em conciliar a militância, a família, o estudo e o namoro requerem muita organização e causam certa cobrança da família:

E na minha família sempre é um stress, porque daí final de semana eu não estou em casa nunca. Dia de semana também é aquela correria, saio de manhã e volto de noite. E eles têm muito claro isso que é por causa do *Levante*, não é por causa que eu estou trabalhando e na faculdade. Então eles meio que me cobram isso. “ah, não tu carrega muito o movimento nas costas e tal”. Daí eu até digo “pai, tu é o que menos pode me dizer, porque tu passou a vida inteira militando e tu nunca estava em casa”.

Helena começou a namorar um militante do LPJ logo que ingressou no grupo. Para ela é difícil namorar alguém que não seja militante, devido ao pouco tempo e à quantidade de tarefas que tem para cumprir. Acredita que alguém que não estivesse envolvido com a organização não conseguiria compreender a sua rotina. Porém, isto gera algumas dificuldades, “eu vejo várias vezes o Zé, com um monte de outras pessoas”. Também avalia que acabou se afastando dos amigos mais antigos e acaba se relacionando mais com quem participa do LPJ.

Os conflitos internos ocorrem por divergências sobre a organização e cumprimento de tarefas, mas “quando tu é muito próximo da pessoa, tudo se resolve, tudo muito fácil. É uma coisa meio que briga de pai e mãe; na hora explode mas é teu pai, e tua mãe, depois volta e se resolve”. Uma das questões que ressalta é que a partir do ingresso no LPJ aprendeu a ter mais calma, dialogar mais e se organizar melhor. Suas atividades envolvem o “trabalho de base na UFRGS e no bairro Bom Jesus”, e os setores de finanças e de projetos, o que requer uma responsabilidade e dedicação de tempo muito grande. Sua rotina diária envolve as aulas da graduação, uma bolsa de pesquisa na área da sociologia do trabalho e as atividades na sede do grupo, “eu fico muito tempo aqui, porque isso consome muito tempo”.

Para Helena, o diferencial do LPJ em relação às outras experiências políticas de que já participou está na forma como as dinâmicas são construídas e na animação das pessoas. Para ela, o grupo está sempre disposto a se divertir. Ao proporem os encontros de formação para estudarem juntos, os responsáveis “prezam pelo bem-estar” do grupo, cuidando sempre para que as reuniões não sejam “intermináveis”, propondo intervalos e música durante os encontros.

4.11 Eu queria estar mobilizado, organizado em alguma coisa, mas não sabia como

Carlos tem 25 anos, mora atualmente em Porto Alegre, mas é natural de Alegrete, região oeste do estado. Seu pai é bancário e sua mãe dona de casa, tem um irmão três anos mais velho. Sua infância foi permeada por mudanças de cidade devido ao trabalho do pai. Com a privatização do banco em que seu pai trabalhava, a família se mudou para Santa Catarina. Carlos preferiu ficar morando com a avó e seu irmão até concluir a sétima série.

Após esse período, foi morar em Florianópolis e permaneceu lá por seis anos. Estudou numa escola particular onde começou a interagir mais com os colegas e com a cidade, pois, até então, tinha vontade de voltar para Alegrete. A vivência na escola e, principalmente, o contato com um professor o ajudou a escolher o curso para o qual iria prestar vestibular.

Eu pensei, “Bah, essas coisas (desigualdade que a gente vive no Brasil, racismo, machismo) realmente acontecem e tem uma área que estuda e que pensa isso”. Até então, eu não sabia o que era Ciências Sociais, mas sabia o que era Sociologia por causa da aula dele. E ele sempre foi o professor amigo, o professor parceiro, daqueles de fazer festa na casa dele, de sair junto também. Acho que foi meio por isso também.

[...] E aí eu meio que naquele ano pensei, “Bah, vou fazer sociologia, porque é isso que eu quero estudar, eu quero resolver os problemas do mundo, eu quero mudar o mundo”. Eu achava que era a Sociologia que ia me ajudar a fazer isso. Depois a gente entra na faculdade e vê que não é nada disso. [risos]

No primeiro semestre da faculdade, teve muito pouco contato com o movimento estudantil e maior contato com partidos políticos, principalmente o PSTU, mas não participou mais ativamente por conta de uma identificação prévia com o PT,

Mas ao mesmo tempo, achava meio estranho, o PSTU era contra tudo, a galera do PSTU foi com que mais me aproximei. Eles eram contra tudo, reclamavam, faziam assembleia, faziam passeata e queriam ocupar a reitoria, só que não propunham nada. Eles não tinham nenhuma proposição de “tá vamos nos organizar para quê?”.

Por meados de 2006, seus pais já tinham retornado ao RS, seu irmão morava em Porto Alegre e Carlos estava com um tio em Florianópolis. Resolveu ir morar com o irmão e dar sequência no curso na UFRGS. Optou por realizar o vestibular no

início do ano seguinte, e, nos meses que se seguiram trabalhou num mercado, até suas aulas iniciarem.

Ingressou na universidade em 2007, junto com Rosa, mas não se lembra de terem falado sobre o LPJ durante as aulas do curso. Seu contato com a organização deu-se por conta do ciclo de amizades de Alegrete, quando um conhecido em comum veio a Porto Alegre para participar de uma atividade do grupo,

Nós tínhamos o mesmo ciclo de amizade, mas a gente não se conhecia. Um dia ele foi lá para casa e ele me falou o que era o *Levante*, o que era a viagem que ele estava fazendo. E ali, que eu pensei, “bah, que tri isso”, porque eu sempre tive essa trajetória, sempre fui mais inclinado à esquerda, mas nunca fiz nada. O mais perto que eu estive foi lá na UFSC, construir uma chapa com o DCE. Eu ficava assim, pensando, tem um monte de coisas para eu fazer, um monte de problemas, e eu não vou entrar em partido político, não vou entrar no PT ou no PSOL. E foi assim que surgiu o *Levante*.

No final de 2007, participou de uma *Marcha dos Sem*, mas não se envolvia mais nas atividades: “o Rodrigo voltou para Alegrete e eu fiquei meio perdido, não conhecia... a Rosa não me chamava direito para as coisas, sei lá porque”. Sua participação começou a ficar mais frequente quando seu irmão conheceu outra militante do LPJ e os dois começaram a participar das reuniões.

E aí eu cheguei em casa e tinha uma galera que eu não conhecia, estava o Luís, o Alex, o Zé, colando cartaz e vendo trajetos pra o que foi depois a luta nacional. Daí eu pensava, “bah, que galera essa que está aqui, loucura essa que está aqui?”, mas não me envolvi. Eles conversando, montando cartaz e eu fiquei só olhando. Eu conversava com alguns de canto, mas não... sei lá, estava esperando um convite pelo menos. Aí a partir dali que a gente saiu para colocar um stencil na rua, fazer uma pichação e aí sim que eu comecei entrar.

Essas ações eram da campanha *Levante do Povo Brasileiro* contra as transnacionais, foi uma luta nacional que em Porto Alegre teve a forma de uma marcha até um supermercado de um bairro nobre. A ação policial de repressão foi violenta, deixando muitos feridos e com mais de vinte militantes presos.

É meio que estranho pensar isso agora, porque foi animador até. Porque foi um horror né. Bah, quando eu cheguei na frente do [supermercado] Nacional, estava lá no fim da fila, já passei por um senhor com a cabeça aberta sangrando um monte e bomba e polícia, e aquela coisa toda. Mas aquilo ali dá vontade... porque tá o teu inimigo ali na frente, a polícia está representando o teu inimigo, então tu fica com raiva, tu quer gritar, tu quer xingar, tu quer atirar pedra. E de certa forma isso acaba te animando para a

luta. Claro que a repressão, apanhar na rua, não significa que vai mobilizar mais. Mas naquele momento foi... porque eu queria fazer alguma coisa. Eu queria estar mobilizado, organizado em alguma coisa, mas não sabia como. Mas aí eu vi que não, que realmente essa galera aqui é de enfrentamento, que leva a sério...

Quando morava em Florianópolis, Carlos participou das manifestações contra o aumento do preço da passagem e esse foi seu primeiro contato com a ação direta. No entanto, a ação pelo LPJ foi mais marcante, visto que havia um menor número de participantes, o que fez com que ficasse em contato direto com a repressão policial, sem ter orientações sobre o que fazer.

Quando a gente chegou que já tinha dado a peleia toda, o caminhão do som estava preso, o pessoal apanhando, não sei quem me deu uns dos escudos que era do teatro. Daí eu fiquei ali na frente. Eu, tri verde, na contenção do que pudesse vir. E foi isso. Na hora foi adrenalina de estar chegando o policial, poder atirar alguma coisa, mas não atirava porque não estava fácil para gente, a gente se dividiu em quatro grupos ali na frente do Nacional. E foi até o Harmonia. No Harmonia parece que a coisa ia se acalmar, a gente estava ali, fizeram barreira na nossa frente, e o estranho foi ver os policiais se montando e ninguém perceber. Porque do nada, chegou por trás do caminhão, tiraram o motorista do caminhão e prenderam o caminhão. E aí chegou o choque de um lado, chegou de outro lado, e eu estava olhando aquilo ali e não sabia direito o que estava acontecendo e eles foram se formando e fecharam a nossa frente. E bah! A hora que fecharam ficou aquele empurra-empurra e a gente ali com os tapumes. Daí, não sei o que aconteceu que já veio uma paulada num amigo do meu lado, bomba de gás e aí foi uma correria. Eu era muito verde na época. Estava ali, mas não tinha orientação do que fazer. Então primeira bomba que estourou saiu eu e a Rita correndo. Foi isso. Foi assustador no início. Ver o pessoal sangrando. Eu vi um bebê de colo desmaiado. Bah, foi um negócio muito violento. Foi um teste de fogo. A minha primeira mobilização de fato junto com o *Levante...*

Após a “luta”, Carlos participou do Acampamento e naquele espaço fez parte de uma mística que recontava a história da luta no Brasil, o que o “cativou bastante”. A partir daí, começou a ter um acompanhamento mais sistemático de outros militantes e ser convidado para todas as atividades, inclusive compondo a “secretaria operativa”, que é o “espaço mais orgânico”, assumindo tarefas de organização e mobilização, além da agitação e propaganda, tarefas que já realizava desde o início.

Com isso, uma de suas iniciativas e de outros jovens estudantes da UFRGS e militantes do LPJ foi a de fundar uma célula no Campus do Vale para, assim, começarem a pensar em encontros de formação e agitação e propaganda²⁴. Durante

²⁴ Foi neste mesmo processo que Helena começou a militar.

a organização da célula, vários foram os momentos de frustração devido ao fato de planejar as atividades e ver pouca aderência de outras pessoas. Com isso, o processo de motivação interno foi muito importante para “não deixar a peteca cair”.

Para ele, as aprendizagens a partir da militância deram-se a partir da prática, pois ele “deixou de falar e começou a fazer algo”. O mesmo aconteceu com a questão política, pois

Aprendi na questão política a saber que nem sempre tu trancar o pé, ou tu ter alguma posição extremamente rígida sobre determinada coisa funciona... tem que ter um jogo de cintura, tem que saber lidar com as pessoas, lidar com regras. Aprendi a selecionar algumas coisas também. Até algumas contradições que a gente sempre tem. A gente aprende a criticar tanto o Capital, o Estado, mas ao mesmo tempo a gente está próximo aos setores que estão dentro do governo, por exemplo. Pessoas próximas do PT e CUT. Eu aprendi isso, a pensar melhor essas situações, como que se dá... Pensar um pouco de estratégia, de tática. Se tem um objetivo e a gente quer chegar nele, como é que a gente vai fazer? Isso eu não fazia ideia de como pensar antes. Foi através do *Levante* que eu aprendi a pensar que a gente tem objetivos, tem que dar alguns passos para chegar a esses objetivos. Então a gente vai precisar de tática.

Carlos atualmente trabalha na RECID, como assistente administrativo, depois de ter sido jubilado por não manter frequência no curso de Ciências Sociais. Este emprego tem uma vinculação com seu percurso militante no LPJ, pois foi por meio da experiência adquirida em “trabalho de base” que conseguiu a vaga. Segundo ele, seria difícil manter a militância e trabalhar oito horas por dia e, por isso, vê neste espaço uma atuação política também, pois

O espaço que eu trabalho, embora a minha função seja mais burocrática, é um espaço de discussão política também. Porque ali estão discutindo todo um projeto que tem a nível nacional, de educação popular, de Direitos Humanos, de quais são as linhas que o projeto tem que ter, e como que as coisas funcionam. Então eu mesmo estando na parte burocrática, mas por ser do *Levante* eu consigo participar das outras discussões que acontecem. No setor pedagógico por exemplo. Quando eles fazem as formações deles, eu estou junto, eles me chamam. Diferente do resto da minha equipe. Eu de certa forma por estar nesse espaço do *Levante*, sou capaz de estar nesse espaço de discussão.

4.12 E eu via minha participação mais na parte que eu já sabia, que era desenho...

Juliano é o irmão mais velho de Carlos, e suas memórias de infância são permeadas pelas mudanças da família e trocas de escola que, para ele, são responsáveis “pela minha formação, pelas minhas relações... eu sou um cara meio tímido, não tenho desenvoltura, não tenho esse perfil de liderança”. Desde o final do Ensino Médio, trabalhou na padaria de seu tio, e depois numa lavagem de carros. Nesta época, seus pais foram para Florianópolis e ele ficou morando em Alegrete.

Estava na adolescência e, embora não precisasse trabalhar para se sustentar, gostou de ganhar seu dinheiro, comprar suas roupas e não ficar sem “fazer nada”. Na escola, seu desempenho sempre foi irregular, diz que não gostava de estudar, principalmente química, sendo que sua matéria preferida era Artes, pois gostava de desenhar. Após terminar o Ensino Médio, foi morar com os pais.

Em Florianópolis morou por dois anos, fez cursinho e prestou o vestibular; como não passou na UFSC e não tinha se adaptado bem à cidade, resolveu morar em Porto Alegre. Ao chegar, começou a trabalhar como frentista e morar com dois amigos num kitinet. No outro ano, prestou vestibular para Arquitetura, pois “eu desenhava, eu gostava de olhar prédios antigos”. Mas ao ingressar numa universidade privada, teve dificuldades para pagar a mensalidade,

Aí foi uma barra para custear esse curso, a PUC é caríssima. E aí a gente conseguiu no início porque, quando eu trabalhava no posto em Alegrete como frentista, eu tinha feito um consórcio, e esse consórcio eu consegui comprar uma máquina de sorvete, então da receita dessa máquina de sorvete é que ajudava a custear a faculdade aqui na PUC.

Já no primeiro semestre conseguiu um estágio, trabalhava seis horas e estudava à noite: “sempre tive que virar a noite fazendo trabalhos manuais enormes. Mas eu sempre adorei Arquitetura, até hoje sou viciado, e eu tirei de letra as dificuldades”.

O contato com o LPJ deu-se a partir de uma rede de amigos que saíram do interior para tentar outras oportunidades de trabalho e estudo na capital. Com a vinda de Pablo para Porto Alegre, Juliano e outros jovens de Alegrete que moravam na cidade foram num bar. Apesar dos dois serem da mesma cidade, não chegaram a se conhecer quando moravam lá, pois Pablo é três anos mais novo que Juliano.

Encontraram-se somente em Porto Alegre, sendo que Pablo nesta época já era militante do LPJ e estava na cidade para participar de uma atividade da organização. Foi ele o responsável por apresentar a organização a Juliano.

Começamos a escutar música latina, que eu sempre gostei, e ele veio com um cantor venezuelano... Bah! Eu adorei! Daí a gente já virou amigo, só por causa do som. Daí a gente começou a se conhecer. Ele contou que participava do *Levante* e tinha ligação com o pessoal do MST, conhecia bastante o MST, e nisso a gente começou a ligar as coisas. Porque eu conhecia gente de Alegrete também, por exemplo, a Luana, a Geórgia, do MST, mas isso de antes. Elas nem participavam de nada, eram mais dos punks lá de Alegrete. Daí começou a misturar as coisas. E eu conheci a galera do *Levante*.

Por ter um contato desde a infância com setores de esquerda, devido ao envolvimento do pai, Juliano diz que construiu uma “leitura mais progressista” e por isso foi fácil ingressar no LPJ. O que mais chamou sua atenção foi “o jeito que era, aquela abertura que eles tinham e até hoje têm”. No início, ficava observando as reuniões, sem falar nada, pois “eu via minha participação mais na parte que eu já sabia, que era a parte de desenho, de artes visuais, de stencil, esse negócio de grafite que eu sempre gostei de fazer”.

Dessa forma, sua participação foi intensa, a partir de sua inserção na Agitação e Propaganda do grupo, quando criou o logotipo usado pelo LPJ, fez o layout do blog e ministrou muitas oficinas de formação nessa área para outros jovens. No entanto, mesmo acreditando nas propostas do grupo, tinha muitas discordâncias sobre a estrutura de organização do mesmo,

Para te dizer a verdade, eu não gostava dessa coisa de fazer reunião para tudo, para decidir tudo. Eu acho que as coisas que se criavam, as mais legais, era quando tinha um estalo criativo de alguém e aí isso era feito. O exemplo disso foi aquela marquilha que o *Levante* usa até hoje. Aquilo não foi nem um acordo coletivo, não teve nenhuma decisão, reunião, para se falar sobre simbologia, nem nada... Foi eu fritando no computador, mexendo muito, me saiu aquilo ali. E aí mostrei para todo mundo e todo mundo adorou! Foi assim. Então... e talvez isso foi um dos motivos que eu acabei me distanciando, foi que tudo tinha que passar por uma decisão. A gente estava muito mais por sair pra rua e fazer o que desse na telha. E isso aí não era muito... A gurizada não gostava muito disso.

Juliano continua sua explicação ressaltando que algumas coisas, como campanhas de agitação, deveriam ter um melhor planejamento, com temas e símbolos pensados em reuniões, mas que

A gente também estava numa efervescência, numa vontade de sair e fazer muita coisa, e isso era meio que balizado, porque tinha que passar pela Agitação e Propaganda, que era vinculado à organização política, da consulta e tudo mais. Tudo tinha que ser decidido assim... E aí nisso eu fiquei meio assim, meio insatisfeito.

Nesse momento, o LPJ teve aproximação com outro grupo que estava se constituindo de Agitação e Propaganda na cidade, mas com integrantes vinculados a grupos anarquistas. Tentaram organizar uma “frente de trabalho” e realizaram algumas ações em conjunto, como um grafite no Campus do Vale com o questionamento “Pra que(m) serve o teu conhecimento?”, que gerou polêmica na época, alcançando a mídia em nível nacional. Além disso, fizeram a campanha “Sem Perdão”²⁵ para lembrar os torturados políticos no regime militar.

A parceria entre os grupos se desfez alguns meses depois por desavenças sobre “direito autoral” das ações. Esta situação colocou Juliano numa situação difícil, pois ele era muito próximo aos dois grupos. Esta decepção, aliada à mudança no local de trabalho para uma cidade 50 km distante do centro de Porto Alegre, mais uma retomada no curso de arquitetura, fizeram com que ele se desengajasse.

Eu vendo agora eu acho que na faculdade, o que eu acho que é normal na faculdade de arquitetura, que é que tu inicia a faculdade num ascenso, já lá pela metade, tu já não quer mais saber, tu já está de cara, já tá meio insatisfeito, e no fim tem uma retomada. E esse descenso foi bem quando eu estava ativo no *Levante* e no *Muralha*. Então as minhas notas eram mais baixas e tal. Mas não que eu me importe com isso, porque eu sempre fui bem. Nunca rodei em nada e tal. Mas foi um período que eu dei uma estacionada na faculdade, deixei um pouco. Eu tive que distribuir mais a minha atividade, o meu tempo. E era uma correria. Eu lembro que a gente estava sempre em função, e não tinha tempo pra nada. Era uma correria adoidada.

4.13 E todas essas crises ficaram por muito, muito tempo... Até eu começar a militar e dar vazão a essa energia toda!

Patrícia tem 26 anos, é formada no curso de Comunicação Social (Jornalismo), nasceu no interior do estado e veio para Porto Alegre ao ingressar na Universidade. Ingressou no *Levante Popular da Juventude* em 2009, mas antes disso, circulou por vários grupos.

²⁵ Para saber mais sobre esta campanha, no blog do coletivo existem diversos vídeos e fotos: <<http://muralharubronegrabrasil.blogspot.com/search/label/MURAI5>>

Seus pais moravam em casas de estudante, pois também vieram do interior para estudar. Sua mãe conheceu seu pai através da irmã deste, que morava na mesma Casa do Estudante que ela. Patrícia comenta que eles participavam das passeatas na época da ditadura e não se conformam com a “juventude pacata” dos dias atuais. Sua mãe foi filiada ao PT durante muito tempo e Patrícia, desde criança, participava das atividades de campanha em época de eleição. Sua mãe é professora de português e seu pai é agrônomo.

Estudou numa escola particular, que classificou como o “colégio mais caro e mais nojento” da cidade, pois os pais queriam que ela tivesse um bom ensino. No entanto, não conseguia se sentir bem na escola. O relacionamento com os colegas não era bom e ela se achava rejeitada. Diz que as colegas só se preocupavam com “roupinhas de marca” e que era discriminada a ponto de não conseguir se inserir nos grupos para os trabalhos escolares. Com isso, “acabava sempre ficando no grupo dos rejeitados, daqueles com quem ninguém queria trabalhar porque eram “burros”, apesar de eu não ter sido má aluna – não era um exemplo, mas quando me dedicava ia bem”. Foi somente quando ingressou no Ensino Médio que começou a fazer amizade com outras meninas que eram de outras cidades, dentre elas, duas irmãs, que eram simpatizantes do PT e que ela julgava “bem diferente daquelas pessoas da escola”.

Nesse momento, começou a se “identificar como esquerda”, junto com essas amigas, e conta que, na época, “brincávamos de dizer que íamos para o Iraque”. Ao chegar a Porto Alegre, em meados de 2005, via no PT uma possibilidade de militância, mas com os escândalos ocorridos naquele período, descartou essa ideia. Com isso, sua intenção em atuar em algo permaneceu em estado de latência, já que não conseguiu se envolver com nenhuma organização,

Eu queria entender as coisas que estavam acontecendo, mas daí eu não entendia, eu queria alguém pra me explicar, e não conseguia. Claro que aí vem também uma acomodação da minha parte, de não ir atrás das coisas... Acho que isso ocorreu porque não havia ninguém na minha família que tivesse se organizado, então eu não sabia direito como fazer, desconfiava de tudo e de todos, típica guria do interior... E, como não tinha com quem conversar sobre isso, nenhum dos meus colegas era organizado, por um tempo até deixei de lado essas inquietações políticas... Na verdade, eu pensava que ia encontrar pessoas parecidas comigo na faculdade. Eu entrei no jornalismo porque eu quero mudar o mundo, é claro.

Em 2007, ao frequentar um ciclo de palestras no Clube de Cultura, Patrícia começou a ajudar na organização das atividades do lugar. Desse envolvimento, conheceu uma militante do DCE da UFRGS que não pertencia a nenhum partido, “o que causou uma boa impressão”. Até então, pensava que todas as pessoas que compunham o DCE “eram do PSOL. E PSOL para mim, naquela época, era sinônimo de intransigência, já que eu conhecia umas pessoas que eram assim, e via na mídia os figurões do partido fazendo uma crítica raivosa ao governo, como se o governo Lula só tivesse coisas ruins”. Esta pessoa a convidou a participar da comitiva que iria para o Fórum Social Mundial (FSM), em Belém. A partir daí, Patrícia começou a participar de reuniões para organizar a viagem a Belém e conheceu mais pessoas envolvidas com o DCE.

No trajeto para o FSM, conheceu Alessandra, também estudante de jornalismo, e começaram a militar juntas. Patrícia a vê como “uma figura determinante” para que ela entrasse no *Levante!* do PSOL²⁶. Durante o FSM, aproximaram-se e ficavam com o pessoal do *Enlace*, chegando a participar de algumas atividades do grupo. Ao mesmo tempo, também participavam de algumas reuniões do DCE para organizar as questões relativas à comitiva que estava no FSM. Na volta do FSM, para ela, “foi uma coisa meio natural ingressar tanto no DCE quanto no *Levante!* do PSOL”.

O desgaste com o DCE se deu por causa das “reuniões intermináveis” nas quais “se sentia mal” por causa das intermináveis discussões político-partidárias e das disputas internas. Depois de participar por um tempo do *Levante!* do PSOL, optou por se desligar do grupo, pois “tinha a impressão que as coisas não andavam. Achava que ficava só na teoria, na prática não acontecia nada”. Durante o período de participação no *Levante!*, foi ao Congresso da UNE e lá conheceu Helena.

Ela foi só por ver qual era, eu acho. Daí ela ficava falando que o LPJ tem trabalho de base, que eles davam oficina numa escola, daí eu pensava que parecia legal. Eu a conhecia do DCE. Ela também foi pro FSM. Ela é meio fechada, eu não conversava muito com ela. Ali que eu comecei a conversar um pouquinho, eu não me aproximei muito. Ela largava essas. E eu fiquei meio curiosa...

Ao se desligar do *Levante!* do PSOL, viu no LPJ outra possibilidade de organização. Patrícia e Alessandra desligaram-se juntas, “pois tínhamos as mesmas

²⁶ *Levante!* É um grupo vinculado ao PSOL, faz parte do movimento estudantil e surgiu no 51º Congresso da UNE. Mais informações em: < <http://coletivolevante.wordpress.com> >

críticas, a gente se apoiava uma na outra, digamos”. Como tinha conhecido Rosa, outra militante do LPJ, na ida para o FSM, entrou em contato com ela para saber mais sobre as reuniões das células e começou a participar da organização. Convidou Alessandra, que aceitou prontamente, pois, como Patrícia, também estava sentindo a necessidade de voltar a se organizar. Entraram juntas e ficaram “muito entusiasmadas com a organização, pela franqueza dos militantes, pelo trabalho de base e pela organicidade, que parecia bem horizontal”. Mas até então, sem saber muito bem onde estava indo, que organização era essa, ressalta que o que queria era “se organizar”. Ao falar com um dos integrantes da célula, lembra que se sentiu acolhida, e que isso foi muito importante, como descreve sobre a primeira reunião da qual participou:

Na primeira reunião a gente falou da nossa trajetória, das nossas angústias e tal, e o pessoal foi bem dialogável, bem pé no chão. Eles se preocupam com o trabalho de base. Tu vê que tem alguma coisa, não é só um discurso. E mesmo o discurso ele é bem menos do que prática. A gente começou a ver isso e se apaixonou.

Patrícia atuou pelo setor de comunicação do LPJ e também na célula Universidade, desenvolvendo o trabalho de base mais relacionado ao público universitário. Participou também em algumas ocasiões de frentes de trabalho no meio popular. Mais tarde, passou a integrar também o Setor de Mulheres. Ao ser perguntada sobre qual o sentido da sua participação no grupo, responde:

Primeiro foi a necessidade de se organizar. Depois eu pensava que era necessário a gente se organizar pra transformar as coisas, que não se fazia nada sozinho. Mas depois eu ficava pensando assim, que se eu não tivesse sido bem acolhida assim, pela experiência que eu tinha com o DCE e com outro *Levante*, eu acho que eu não teria continuado. Isso foi importante. E tem uma coisa assim do LPJ de tu não ficar “ah, o socialismo, quando tiver o socialismo...” de tentar fazer alguma coisa agora, de tentar meter a mão agora. Se tu não vai conseguir tratar bem os teus companheiros agora, tu não vai conseguir tratar bem depois. E eu tinha muito essa angústia...

No final de 2012, Patrícia, após participar de uma reunião de célula, entrega uma carta na qual aponta críticas à organização e informa seu desligamento. Esta possibilidade estava sendo pensada desde o meio do ano e, em conversas com militantes de outras organizações, foi consolidando sua decisão. Os pontos argumentados para a sua saída estão vinculados a divergências sobre a forma de atuação da célula e do grupo como um todo. Questões referentes às relações

peçoais, à formação política e à relação entre LPJ e Consulta Popular, segundo ela, a fizeram se desengajar.

Num nos trechos da carta, coloca que “rotular as pessoas não tem a ver com os valores humanistas, que propagamos em nossos discursos, pois corrobora com a crença de que o ser humano é estático, que o ser humano não pode mudar...”. Complementa que tentou “fazer a crítica da maneira mais fraterna possível”.

No momento da saída do LPJ, estava terminando a monografia e por isso tinha solicitado afastamento das tarefas para poder se dedicar aos estudos. As leituras que realizava para isso acabaram servindo como contraponto de reflexão à sua prática e à da organização. Cita que, entre os teóricos que lia, estavam:

Carlos Rodrigues Brandão, que fala da pesquisa participante, Cecília Peruzzo e Raquel Paiva, da comunicação popular, e o próprio Paulo Freire, enfim, teóricos que reforçavam as potencialidades dos sujeitos, coisa que a organização desprezava na sua organicidade. Tive que me empoderar de teorias para poder dizer: “não é isso aí que eu quero”. Quero que a transformação social parta dos indivíduos para a coletividade, por mais que demore mil anos, mas quero que ela seja verdadeira... Não que o *Levante* não trabalhe também para isso, mas essa não é a preocupação central. Todos temos nossas contradições, é verdade, mas tem uma contradição que precisa ser superada, que é a da prática com o discurso.

No entanto, outras questões aparecem como foco de mudança neste mesmo momento: ela mudou de casa, devido a desavenças com uma das moradoras com quem dividia apartamento, envolveu-se mais com a rádio comunitária que estava pesquisando para o TCC. Foi nesse período que uma sequência de tentativas de trabalho de base não tinham se consolidado. Enfim, vê-se que os momentos de ruptura ocorreram também em outras esferas de sua vida.

4.14 Linearidades, Ajustamentos e Rupturas: atributos sociais, socializações e percursos de engajamento dos jovens retratados

Ao todo, doze jovens foram entrevistados, sendo sete do sexo feminino e cinco do sexo masculino, dentre os quais dez se autodeclararam brancos e dois negros. A faixa etária dos entrevistados variou de 15 a 28 anos. Do total, oito estudaram ou estudam em escolas particulares e quatro em escolas públicas, sendo que cinco estão no Ensino Superior. Pelo menos cinco têm pai e mãe com Ensino

Superior e dois têm algum dos pais com formação no Ensino Superior, dois jovens têm pais com formação de nível médio e três com o nível fundamental (Tabela 1).

As trajetórias familiares de cinco dos entrevistados envolvem processos de mudança de cidade, do interior para a capital, alguns desses especificamente para estudar. E a experiência de engajamento dos pais (político, voluntário, religioso) é destacada por oito entrevistados, dentre estes, cinco relataram que os pais tiveram alguma vinculação com o PT. Somente uma entrevistada teve um envolvimento religioso mais intenso. E dois jovens lembram-se dos pais participarem de campanhas de voluntariado.

Nome	Grupo	Idade	Escolaridade	Engajamento
Maria	TTC	25	E.S / Escola particular Pai com Ensino Médio e mãe com Ensino Superior	Participa desde o EM, na coordenação desde 2011
Roger	TTC	18	E.M / Escola particular Pai e mãe com Ensino Superior	Desde 2011
Luiza	TTC	16	E.M / Escola particular Pai e mãe com Ensino Superior	Desde 2011
Larissa	TTC	15	E.M / Escola particular Mãe com Ensino Superior	Desde 2010
Gustavo	TTC	17	E.M / Escola particular Pai e mãe com Ensino Superior	Desde 2006
Carlos	LPJ	25	E.S / Escola particular Pai e mãe com Ensino Médio	Desde 2009
Carolina	LPJ	18	E.M / Escola pública Pai e mãe com Ensino Fundamental	Desde 2010
Helena	LPJ	22	E.S / Escola pública Pai e mãe com Ensino Superior	Desde 2009
Cristiane	LPJ	16	E.M / Escola pública Mãe com Ensino Fundamental	Desde 2010
Rodrigo	LPJ	21	E.F / Escola pública Pai e mãe com Ensino Fundamental	Desde 2010
Patrícia	LPJ	25	E.S / Escola particular Pai e mãe com Ensino Superior	Desengajado – participou de 2009 a 2011.
Juliano	LPJ	28	E.S / Escola particular Pai e mãe com Ensino Médio	Desengajado – participou de 2009 a 2010.

Tabela 1 – Quadro de identificação dos entrevistados

Fonte: elaboração da autora

Legenda: E.S = Ensino Superior

E.M = Ensino Médio

E.F= Ensino Fundamental

Na análise das entrevistas, partiu-se da ideia de que é fundamental, para se entender o engajamento, analisá-lo numa dimensão temporal e que se entendam as relações estabelecidas dos jovens entre a esfera política e as outras esferas de vida (FILLIEULE, 2001; PASSY e GIUGNI, 2000), pois eventos que ocorrem nas esferas familiar, escolar, de amizade, de relacionamentos amorosos, de trabalho, de religiosidade podem explicar a maior ou menor intensidade do engajamento na esfera política. Dessa forma, para efeitos de sistematização da análise, optou-se por definir três tipos de percursos²⁷ a partir das inter-relações entre as esferas de vida e as socializações: percurso linear, percurso de ajustamento e percurso de ruptura.

O percurso linear caracteriza-se por uma trajetória na qual o entrevistado narra sua história de forma contínua, ressaltando as continuidades como positivas, destacando pontos do passado que são valorizados no presente e tentando identificar no presente fatos que se originariam nas socializações passadas. As trajetórias de Maria e Larissa exemplificam esta tipificação. As duas jovens apresentam aspectos semelhantes em relação à trajetória escolar, por exemplo. Maria, em inúmeros momentos, destaca a importância da escola no Ensino Fundamental para a formação de seus valores, seu círculo de amizades e sua integração no grupo de jovens da Igreja. Ao estar como coordenadora do TTC, numa escola da mesma rede que estudou, atualiza disposições forjadas desde a infância, o que a faz ter este sentimento de “naturalidade” ao ser convidada para desempenhar a coordenação do grupo de voluntariado.

Larissa descreve todo seu cotidiano a partir de sua preocupação com a educação, da experiência na creche ao ingresso na escola fundamental e média e a sua condição como “bolsista” que a fez desenvolver disposições para uma dedicação total aos estudos. Todos seus afazeres estão vinculados a isso (estudo de outros idiomas, teatro, voluntariado) e são realizados sempre em períodos de maior tranquilidade escolar e orientados para sua meta de passar no vestibular de medicina.

Os percursos de ajustamento, por sua vez, mostram os jovens frente a situações críticas na qual ressaltam as maneiras que encontraram para lidar com as

²⁷ Para a análise optou-se por seguir a proposta de BRENNER (2011) e adotar a noção de percursos, pois “a compreensão é a de que, no caso de engajamentos mais curtos e experiências juvenis que ainda não comportavam diferentes etapas da vida, assim como contempla o conceito desenvolvido e utilizado por Fillieule, essas experiências ainda não poderiam ser consideradas efetivamente carreiras” (BRENNER, 2011, p. 280).

mesmas, adequando suas posições frente a determinadas questões estruturais. Neste caso, o que fica evidente é a maneira pela qual as disposições entram em conflito e são inibidas ou transformadas frente a estas situações. Aqui está situada a maior parte dos entrevistados: Gustavo, Roger, Luiza, Carlos, Carolina, Helena, Cristiane e Rodrigo.

No caso dos jovens voluntários, notamos que estes ajustamentos estão vinculados às modalidades de socialização que envolvem inibições de atitudes “egoístas”. Por exemplo, no caso de Roger, o mesmo ressalta em vários momentos o quanto deixou de ser “nariz empinado”, intransigente e a experiência de voluntariado o fez se conectar com um tipo de realidade que não conhecia.

Luiza, por sua vez, também faz coro à oportunidade de ter contato com pessoas diferentes já que sabe que sua ação gera expectativa. Diz ainda que se tornou mais carinhosa ao enfrentar determinadas situações (por exemplo, o *bullying* que sofreu). Já para Gustavo, a inexistência de conflitos no grupo e a dificuldade de conciliar a demanda que os estudos geram eram recompensadas pelas relações de afeto (com as coordenadoras, com as crianças).

Os três tiveram que organizar “um tempo” em suas agendas para participarem do TTC devido a atividades extracurriculares (cursos de idiomas, música, esportes). Todos veem a importância do contato com o diferente para entender as suas próprias vidas, colocando-se no lugar do outro – “e se fosse eu?”. Ressaltam a expectativa que geram nas pessoas com as quais se envolvem, o ganho de experiência (para um futuro profissional) ao aprenderem a “usar a agenda”, gerenciando o tempo, lidando com diversas pessoas. Mas o que mais chama sua atenção é a construção da justificativa para si de que “mesmo tendo uma vida sofrida... elas não deixavam de sorrir”, ou seja, a desigualdade e a diferença são acomodadas a partir da ideia da alegria que as atividades pelas quais são responsáveis impactam na vida dos atendidos pelo TTC.

Carolina, Cristiane e Rodrigo pertencem à mesma célula do LPJ, são jovens oriundos das camadas populares e seus relatos marcam pontos de ajuste em relação a uma disposição mais agressiva, pois em vários momentos das entrevistas, ressaltam que aprenderam a não gritar, desenvolver paciência e perderam a timidez. Outro ponto em comum está na importância que a organização proporciona na esfera dos relacionamentos, pois eles se não se afastaram completamente do ambiente social que em estavam inseridos, diversificaram as redes de relações

personais, tendo a oportunidade de conviver com pessoas diferentes de seu ciclo da infância (os amigos do bairro), o que influenciou na mudança de gostos, redirecionamento de investimentos nos estudos, ou seja, perspectivas de mudanças nos seus projetos de vida.

A percepção da escola como uma esfera central, “mesmo o colégio estando ruim”, a dificuldade de expressar suas ideias nas reuniões e o reconhecimento de que é preciso ir atrás das explicações mais teóricas os fazem ativar certas disposições para o estudo. Todos compartilham de uma leitura de mundo muito mais baseada no coletivo do que no individual, embora alguns projetos individuais apareçam (trabalhar numa pet shop, fazer estágio em outros lugares). O lugar que a organização ocupa no seu cotidiano é constantemente negociado como algo importante.

Diferentemente dos três companheiros, Carlos e Helena direcionam suas expectativas em relação aos estudos de forma a não seguir o perfil do “estudante ideal”, pois têm uma crítica à Universidade e suas exigências e, por isso, muitas vezes parecem desmerecer o fato de estarem neste ambiente. Embora tivessem alguma inserção no movimento estudantil, destacam que a prática do LPJ é diferente e que precisaram criar novos modos de lidar com o público diversificado que participa da organização. Como os dois participam das instâncias de decisão que demandam muito tempo e envolvimento, a questão de conciliar as expectativas familiares em relação ao futuro profissional surge como um ponto crítico. Também certa maleabilidade política é colocada como um aprendizado importante para lidar com a conjuntura, para a construção de relações de apoio a projetos e a manifestações do grupo.

Neste caso, as próprias diferenças de ajustamentos individuais necessários para participar da organização demonstram algo que é sentido pelo grupo como uma questão expressa apenas por fatores de ordem econômica. O contraponto entre as células (a Sul e a Universidade) num primeiro momento diminui quando a interação associativa se faz mais presente e estas fronteiras ficam menos definidas. Isto ocorre na interação entre os jovens, a partir da linguagem escolhida pelo grupo com as oficinas/formações/encontros alicerçados nessa estética juvenil da periferia.

Os percursos de ruptura, por fim, colocam em destaque diversos momentos nos quais os indivíduos romperam com determinadas situações ou relações que implicavam no enfrentamento de certas disposições adquiridas. Ressaltam, na maior

parte das vezes, situações críticas ou pontos que “desde sempre” incomodavam e aos quais não conseguiram se ajustar. Por outro lado, podem enfatizar um esforço de entendimento de determinadas situações, mas que não conseguindo ultrapassar determinados limites, os fizeram optar por romper com a situação-problema. Podemos identificar este tipo nas trajetórias de Juliano e de Patrícia.

Juliano teve uma infância marcada pelas constantes mudanças de cidade, dificuldade de se adaptar nas escolas e crê que daí decorre seu jeito tímido e introspectivo. O gosto pelo desenho o influenciou a escolher o curso de arquitetura depois de ter feito vestibular para biologia e engenharia civil. Ressaltou durante vários momentos a incompatibilidade entre a estrutura de organização do grupo (reuniões para tomada de decisões, instâncias de participação, demandas vindas de “cima para baixo”) com o *impulso criativo*, forma pela qual gosta de trabalhar. Também fez uma análise sobre a relação entre o interesse pela faculdade e a participação no movimento. Uma coisa está relacionada a outra, pois o menor interesse no curso possibilitou maior engajamento, ao passo que quando o interesse pelo curso ressurgiu, o tempo ficou mais restrito e a crescente reflexão sobre os entraves na sua prática de militância o fez romper com o movimento.

Patrícia apresenta uma trajetória que apresenta muitas rupturas. Desde a escola, sua circulação entre os grupos foi marcada por sentimentos de rejeição, falta de identificação com a maioria dos colegas (o que associa ao fato de morar num local distante) e questionamentos sobre a desigualdade social, estimulado pelo fato de ter estudado em uma escola particular graças ao esforço de sua família e não ter o mesmo padrão de consumo que o de seus colegas que compravam lanche da hora do intervalo e usavam roupas de marca.

Ao ingressar na Universidade, também não se sente muito identificada com os colegas, tem vontade de atuar em alguma questão social, mas não consegue se inserir em nenhum lugar para isso. Ao procurar participar de atividades vinculadas “à esquerda” conhece militantes que a levam a participar de vários grupos (Clube de Cultura, DCE, *Levante!*-PSOL, LPJ). No entanto, em cada um desses grupos, Patrícia faz questionamentos relativos à relação entre aquilo que a organização “diz” e o que ela “faz”. Esta percepção de que existe uma incoerência entre a “teoria e a prática” a desmobilizou a participar do coletivo. À medida que aprofunda sua inserção no LPJ, não estabelece esta conexão entre alguns quadros interpretativos utilizados pela organização e a “organicidade” do LPJ.

Quando se relaciona com outros grupos (ou quando estabelece maior vinculação com o curso, pela exigência da escrita do TCC e sua inserção na rádio comunitária) ou tem apoio de amigos que compartilham das mesmas críticas ao LPJ, vê o momento de se desengajar. Esta decisão não é sentida de forma “tranquila”, pois acarreta uma série de incertezas sobre a sua identidade de “militante”: como poderia se sentir militante sem estar engajada em alguma organização?

Ao contrário de Juliano que consegue estabelecer a centralidade do “estudante/trabalhador/arquiteto” em relação a suas esferas de vida, Patrícia ainda não conseguiu desvincular o engajamento como eixo central de seu cotidiano, o que nos parece que acarretará numa nova inserção em alguma organização.

Alguns autores brasileiros têm realizado pesquisas e chamado atenção para determinados tipos de socializações, nas quais certas capacidades, certas disposições e certos recursos específicos favoreceriam o engajamento em ações coletivas (BRENNER, 2011; MORENO, ALMEIDA, 2009; SEIDL, 2009). No entanto, nenhum se detém na explicação sobre o encadeamento de tais tipos de socializações e suas vinculações com tipos de engajamento. Para Lahire (2008), é necessário dar um salto de qualidade neste tipo de interpretação, de forma a “materializar pela descrição etnográfica” (2008, p. 378), descrevendo-se as diferentes maneiras pelas quais estas disposições são vividas: se como coerção, obrigação, paixão, desejo, vontade ou rotina, por exemplo.

Pode-se dizer que existe um consenso em citar a origem familiar, a religiosidade, o percurso escolar e as relações amicais como elementos que estão fortemente vinculados a processos de socialização que favorecem o desenvolvimento de habilidades para o engajamento. Seidl, pesquisando o contexto sergipano, sintetiza esses elementos:

Observa-se que do itinerário individual até o engajamento associativo dá-se a conjugação de elementos de socialização familiar e escolar na formação dos anos de juventude que combinam fatores ideológicos e uma propensão ao ativismo: presença de políticos no grupo familiar e/ou de familiares *interessados* em política (candidatos, por exemplo) ligada a forte integração social e a uma relação localista e *concreta* com o político, pais de profissão docente, forte socialização religiosa, ligação com movimentos católicos (SEIDL, 2009, p.23).

Porém, chama-se atenção para as nuances desses processos, pois tipos de socialização semelhantes, em termos de atributos sociais, podem gerar processos de (não) engajamento muito diferentes. No mesmo sentido, como se poderia explicar

o engajamento daqueles que não possuem as disposições e/ou condições identificadas na literatura como fundamentais para o processo de engajamento? Além disso, é preciso entender a conjugação de fatores que faz com que os indivíduos se desengajem.

Patrícia e Maria têm atributos sociais semelhantes, mas experiências completamente diferenciadas no universo escolar, por exemplo. A desenvoltura de Maria, completamente inserida no ambiente escolar, sendo inclusive reconhecida como líder, se opõe à experiência de Patrícia, que se sentia absolutamente deslocada naquele universo de significação, não compartilhando quase nenhuma identificação com os colegas. As duas tiveram experiências no trabalho voluntário durante o Ensino Médio, mas cada uma se envolveu de forma específica nesse tipo de organização.

Outra situação interessante encontrada na pesquisa diz respeito aos jovens que na socialização prévia não tiveram acesso a tais disposições militantes, mas investem todos seus (poucos) recursos, até mesmo redirecionam seus projetos de vida, para incorporarem as capacidades valorizadas no engajamento, como é o caso de Carolina, Rodrigo e Cristiane. Alguns deles são, inclusive, desestimulados pela família a participar. Mas se dedicam de tal forma ao LPJ, ao ponto de mobilizarem seus investimentos de tempo, estudo e atuação profissional para a organização.

Na outra ponta, podemos pensar a forma pela qual Helena vive seu engajamento. Muitas vezes, durante a entrevista, demonstrou cansaço, desmotivação, saturação ao descrever suas tarefas e responsabilidades na organização. Mesmo tendo influência da família, que participa do PT, e ser muito identificada com os objetivos políticos da organização, ela vivencia seu engajamento de forma rotineira, quase como uma “obrigação”.

Estes *retratos* apresentados dão conta da diversidade social do universo pesquisado, mostrando que se pode realizar uma análise sociológica dos indivíduos, sem se perder de vista o social, pois “os indivíduos são aquilo que suas múltiplas experiências sociais fazem deles. Assim, longe de ser a unidade mais elementar, o indivíduo é, sem sombra de dúvida, a realidade social mais complexa a ser apreendida” (LAHIRE, 2008, p. 376). E é a partir dos modos de interiorização e atualização desses contextos de socialização que podemos compreender como as diferentes modalidades e combinações de socializações podem gerar tipos de engajamentos diferenciados.

5 A ANÁLISE DOS MECANISMOS DO PROCESSO DE ENGAJAMENTO

5.1 A mediação entre os jovens e as organizações

Boa parte da literatura indica a função fundamental de processos de recrutamento e mediação para conectar indivíduos e organizações (TARROW, 2009; LIMA, 2009). Uma das estratégias do LPJ, já verificada em pesquisa anterior, pode ser mais bem detalhada, pois existem “indivíduos que atuam como mediadores entre as estratégias da organização e os projetos dos indivíduos recrutados” (SILVA, RUSKOWSKI, 2010; RUSKOWSKI, 2009). Em algumas situações da pesquisa, estar em algum lugar como “indivíduo” facilita o desenvolvimento de novos contatos e dá visibilidade ao LPJ. A decisão de participar como indivíduos de outros espaços (por exemplo, no DCE), de transformar o seu espaço de trabalho numa possibilidade de militância (como no *Ponto de Cultura*) ou, simplesmente, em participar de eventos como o FSM, o Congresso da UNE (que não são atividades centrais de aposta para a organização, mas que congregam jovens que têm uma identificação com campos da “esquerda”) dão uma pista de processos indiretos de mediação entre os jovens militantes e a organização do LPJ.

Verifica-se isso na fala de Patrícia sobre o início de seu contato com o LPJ. Ao conviver com Helena no FSM, ela citava várias vezes algumas ações do LPJ, sempre de forma indireta. Isto despertou a curiosidade de Patrícia, que ao ficar descontente com a organização da qual estava participando – o *Levante! PSOL* – viu o grupo como uma nova possibilidade de inserção. No entanto, a porta de entrada não foi por meio de Helena, visto que as duas não tinham muita proximidade e Patrícia a achava muito “reservada”. Ana procurou Rosa, pois elas mantinham uma relação a partir das atividades do DCE, e Patrícia sabia que Rosa também participava do LPJ. Foi este vínculo com Rosa que possibilitou a conexão com a organização.

Outra forma de mediação, também já observada, é a “a apropriação das relações e dos espaços de sociabilidade cotidiana... como condutos para os processos de recrutamento” (SILVA, RUSKOWSKI, 2010, p. 36). No entanto, esta mediação depende de uma abertura dos indivíduos, seja nas esferas da amizade, da família, do trabalho ou da escola, pois é necessário que exista uma disposição dos

envolvidos em conectar ou reconectar seus projetos de vida com as possibilidades apresentadas pelo engajamento.

No caso de Helena, ao ingressar na Universidade, ela estava predisposta a participar do DCE, pois já conhecia algumas pessoas, tinha participado de festas e atividades antes de ingressar na graduação. Ao ser convidada pelo namorado da época para uma atividade do LPJ, experimentou uma metodologia diferente da que o movimento estudantil fazia e começou a se interessar pela organização. Além disso, o fato de uma das “células” se situar no campus da Universidade facilitou a vinculação das esferas da militância com a do estudo.

Foi a partir de atividades que estavam sendo propostas pela célula Universidade que Helena constituiu sua participação no LPJ. A célula, naquele momento, estava envolvida com uma série de ações para debater a relação entre a universidade e a sociedade, já que as escolas itinerantes do MST haviam sido fechadas pelo governo do Estado do Rio Grande do Sul e esta parecia ser uma oportunidade para debater a produção e o envolvimento universitário com a população mais pobre. Para isso, a célula organizou um seminário sobre o tema e a pintura de um mural numa parede de um dos prédios da UFRGS.

Juliano e Carlos, ao chegarem a Porto Alegre, organizaram sua rede de amizades a partir dos jovens que eram de Alegrete (sua cidade natal) e que também tinham vindo para cá por causa dos estudos e trabalho. Juliano teve contato com um desses jovens e foi o apreço à música latino-americana que os aproximou. Este jovem, chamado Pablo, estava na cidade para se deslocar até a Argentina, representando o LPJ numa atividade. Ao frequentar a casa de Juliano, conhece Carlos, e esse grupo de pessoas acaba por participar de uma marcha dos “sem” junto com os integrantes do LPJ, a convite de Pablo.

A partir daí, conhecem outras jovens, que são de Alegrete e integram o MST. Eles acabam participando de uma série de atividades, mas quando Pablo volta para sua cidade, Juliano e Carlos não conseguem acessar as informações para participarem das atividades do LPJ. Carlos ressalta que era colega de Rosa, sabia que ela também participava do LPJ, mas não sabia por que ela não o “convidava” para as atividades. Ele também não sabia se poderia ir “sem convite” aos encontros. Enfim, mesmo tendo interesse em dar continuidade às atividades militantes, ele não consegue fazer isto de imediato.

Após um período, alguns integrantes mais orgânicos do LPJ restabeleceram o contato e fizeram algumas reuniões na casa dos irmãos. Geralmente, os assuntos estavam vinculados a campanhas de *Agitação e Propaganda*, coisa que motivava a participação dos novos militantes. Dessa forma, eles começaram a participar de maneira mais efetiva do LPJ.

Para Rodrigo, o recrutamento ocorreu na esfera familiar, mas demorou algum tempo até que ele se engajasse no grupo, pois acompanhava com certa indiferença e desconfiança a participação do irmão no LPJ que várias vezes o irmão o convidava a participar das atividades. Nessas ocasiões, conversavam sobre o que era a organização e o que realizavam. No entanto, para Rodrigo, toda a aspiração de um “projeto popular” soava com algo ingênuo e uma perda de tempo. Numa sexta, ao chegar do trabalho e não ter “nada para fazer”, resolveu ir numa reunião junto com o irmão. Lá presenciou o depoimento de Cristiane, que tinha faltado na semana anterior, ela chorava ao falar da falta que o grupo fez e do quão importante eram aquelas pessoas para ela. Isso o comoveu e o deixou “intrigado”, quis entender o que faziam daqueles encontros algo tão importante para alguém, sendo esse o primeiro motivo que o fez continuar a participar da célula.

Carolina e Cristiane faziam alguns cursos de audiovisual no *Ponto de Cultura* e lá conheceram Sandra. Sandra é militante do LPJ e atuava neste espaço como auxiliar administrativa. A convivência com as meninas, pelas atividades do *Ponto de Cultura*, as fez criarem uma relação de proximidade e presenciarem muitas vezes os comentários de Sandra sobre algumas “tais reuniões” (Cristiane, 16, LPJ) das quais participava. Isso aguçou a imaginação das duas meninas, que pensavam que as reuniões envolviam “jovens engravatados” (Cristiane, 16, LPJ). Durante alguns meses, foram mantendo contato com o LPJ de forma indireta, pelos relatos das atividades nas quais Sandra se envolvia.

Num determinado momento, foram convidadas a participar das reuniões e, ao chegarem, depararam-se com uma organização totalmente diferente daquilo que imaginavam. Começaram a participar sistematicamente das reuniões que, naquele período, articulavam outras reuniões e manifestações em relação a uma disputa entre moradores do morro Santa Tereza e o Governo do Estado, o qual pretendia realizar uma desapropriação do território. Envolveram-se em caminhadas pelo bairro, organização de atividades da célula e foram se inserindo no LPJ.

No TTC, o processo de recrutamento é mais direto. Por se realizar na escola, todos os entrevistados apontam sua vinculação ao projeto a partir de contato com as coordenadoras, que são também suas professoras do Ensino Fundamental e do Médio. A mediação se dá a partir de palestras sobre liderança juvenil, tanto direcionadas para os jovens como para os pais dos estudantes. Uma das estratégias utilizadas é o reconhecimento dos jovens voluntários perante o grupo de alunos da escola. As escolas pesquisadas ganharam diversos prêmios de responsabilidade social e isso é utilizado como forma de atrair novos voluntários, pois estes jovens são chamados em cerimônias das instituições para receberem o reconhecimento pelo trabalho realizado. No entanto, geralmente, o ingresso da maior parte dos estudantes não é imediato. Alguns levam dois anos para conseguir conciliar seus estudos, suas atividades extraclasse e o voluntariado.

Três jovens sintetizam este processo, pois para eles a participação no voluntariado é um caminho “natural”. Duas jovens têm experiências com voluntariado desde o Ensino Fundamental. Para Maria, foi a partir do incentivo da irmã mais velha em participar de grupos religiosos, do apoio dos pais e do desenvolvimento de várias atividades na escola que ela passou a enxergar a realização das suas atividades profissionais vinculadas ao voluntariado. Tanto é que atualmente ela coordena o grupo do TTC na escola em que trabalha. Além disso, o voluntariado é um eixo central para construção de sua trajetória.

Já Larissa também demonstra reconstruir sua trajetória de forma a naturalizar sua inserção no voluntariado, principalmente vinculando-o a todo o momento a seus projetos de vida e de escolha profissional. Neste sentido, o ingresso no voluntariado deu-se pelas diversas atividades que desenvolvia no Ensino Fundamental e foi uma continuidade no Ensino Médio, com vistas a ampliar sua formação.

Pode-se dizer que Roger justifica seu ingresso no voluntariado pelo contraste em casa. Se nos dois primeiros casos apresentados anteriormente, a continuidade familiar pode justificar o desenvolvimento de disposições para o voluntariado, aliado à participação religiosa e escolar. Nesse, o mesmo é como um antídoto a certas disposições egoístas, consumistas e que não valorizam a estrutura que a família lhe possibilita. Os pais de Roger, cada um a sua maneira, participam de atividades sociais que ele classifica de direita (dar dinheiro para o pai é sinônimo de trabalho voluntário) e de um comportamento de extrema esquerda da mãe (não se mostrar contrária a ações de movimentos como o MST, por exemplo). Com isso, o incentivo

da participação estava no ambiente familiar e na escola. O contato com um grupo que o possibilitasse vivenciar, mesmo que de maneira localizada, uma realidade diferente da sua, foi visto como algo positivo para o início do trabalho voluntário.

Neste sentido, percebe-se que as socializações prévias respondem pela formação dessas disposições para o engajamento, assim como alimentam ou limitam recursos e capacidades que os sujeitos necessitam para construir seu engajamento. A eficácia do contato com a organização dependerá de certa “compatibilidade” entre essas disposições, recursos e capacidades acumulados nas socializações prévias. No entanto, pode-se perceber que estas disposições podem ser tensionadas e modificadas a partir da inserção nas organizações.

Também é possível verificar que quando o jovem tem algum histórico de pertencimento associativo na família, o processo de recrutamento das organizações é percebido como continuação. Quando inexistem experiências desse porte, a organização precisa atuar de forma mais ativa para construir pontes de significado entre as disposições individuais, as capacidades dos jovens (muitas vezes os convencendo que eles possuem tais qualidades) e suprindo determinados limites ocasionados pela falta de recursos, como tempo ou dinheiro, para efetivar sua participação na organização.

5.2 A interação associativa, a conexão estrutural e a socialização militante

O modelo de análise construído parte do argumento de que o engajamento só é compreensível quando for conjugada uma análise das inserções da rede de relações dos indivíduos com as interações com as organizações. Além disso, é importante considerar como estes indivíduos percebem a relação entre o engajamento e suas diferentes esferas de vida, pois são as

interações que nelas têm lugar que se produzem, ativam ou obstaculizam as condições [...] e operam os mecanismos que, articuladamente, possibilitam explicar não só os processos de engajamento, mas suas variações em termos de forma, intensidade, duração e mudança (SILVA; RUSKOWSKI, 2010, p. 7-8).

Dessa forma, ao se analisar as interações associativas e a socialização militante dos jovens entrevistados, mapeou-se uma série de elementos que

possibilitam apreender como as disposições são construídas e/ou ajustadas em contato com a organização e como favorecem/enfraquecem o engajamento. Também se percebe a forma pela qual a organização trabalha para estimular o desenvolvimento de certas capacidades e suprir a falta de determinados recursos e assim possibilitar maior engajamento.

A conexão estrutural foi analisada a partir das relações que vão se construindo nas atividades dos grupos, através das quais vão se estabelecendo laços significativos entre os participantes. Ou seja, o grupo vai se constituindo como um espaço de inserção composto por pessoas (algumas pelo menos) as quais o indivíduo considera importante para si. Os eventos que justificam para os indivíduos a conexão entre diferentes esferas de vida com o engajamento também foram objetos de análise nesta seção.

No LPJ, mapearam-se diversos eventos, procedimentos e relações que constroem o sentido de pertencimento ao grupo. O principal momento de aglutinar os jovens se dá no espaço da “célula” por meio do qual os jovens chegam à organização, encontram-se por afinidade, seja por pertencimento territorial ou por atividade desenvolvida, e começam a conhecer a proposta política da organização.

As reuniões das células têm uma dinâmica própria, embora sigam a fórmula já conhecida dos movimentos sociais com momentos estruturados em torno de uma pauta. Os momentos que antecedem o “início formal da reunião” são de muita descontração, geralmente com piadas em torno de alguns membros, uma parte do que ficou conhecido na organização como Levantititi (uma referência ao nome de uma revista de fofoca). Geralmente, este momento dura de 40 minutos a uma hora. A partir da chegada de todos integrantes ao local, a pessoa designada para coordenar a reunião informa a pauta e vê a necessidade de acréscimo de algum item; então, passa-se aos “informes” e à discussão dos pontos da pauta, que variam de acordo com cada reunião e podem ser mais organizativos ou de formação, com o estudo de algum texto etc.

São nas reuniões das células que chegam as demandas da “secretaria operativa” para a execução de atividades gerais como o Acampamento da Juventude, é informada a participação nas manifestações ou atividades promovidas em conjunto com outras organizações, como o Estágio Interdisciplinar de Vivência

(EIV)²⁸. Além disso, são escolhidas as pessoas que participarão de cursos de formação e são decididas as atividades locais a serem desenvolvidas, como o trabalho de base e os eventos para atrair novos militantes.

Para os entrevistados, a reunião é um momento muito importante por se tratar de um espaço no qual podem conversar sobre suas trajetórias, suas angústias, suas dúvidas e dificuldades. Também é um espaço de acolhimento de quem chega, feito de forma muito fraterna, onde os militantes mais experientes conseguem interagir de maneira mais próxima para suprimir dúvidas dos mais novos. Algumas vezes, este funciona como o primeiro espaço de formação, seja pelos estudos, mas, principalmente, quando os jovens são desafiados a coordenar a reunião, a planejar a *mística* etc. Além disso, geralmente após o término das reuniões, os jovens acabam saindo juntos (na época da pesquisa, as reuniões de célula ocorriam geralmente sextas à noite ou sábado no final da tarde). Alguns entrevistados que moram na vila Cruzeiro citam o hábito de frequentar o bairro Cidade Baixa²⁹ como uma das principais modificações de seu ambiente após o ingresso no LPJ.

O Acampamento da Juventude, conforme relatado anteriormente, é um dos principais eventos de mobilização e formação dos jovens. Tem a função de agregar, no mesmo espaço, jovens com diferentes intensidades de engajamento. Geralmente, realiza-se na cidade de Santa Maria, concomitante com a Feira da Economia Solidária do Mercosul, que se encontra na sua oitava edição. Tal fato permite que o grupo utilize a infraestrutura montada para a Feira, demandando menos custos à organização. Em contrapartida, o LPJ é responsável pela *mística* de abertura da Feira e pela limpeza do espaço.

O Acampamento inicia geralmente numa sexta-feira e segue até domingo. Durante estes três dias, os jovens têm uma intensa programação com atividades de formação, oficinas, manutenção do Acampamento e as “jornadas socialistas”. As formações visam a explicar o “projeto popular para o Brasil³⁰” e situar o papel da

²⁸ O Estágio Interdisciplinar de Vivência – EIV é uma construção do Movimento Estudantil e parceria com Movimentos Sociais do campo. “O principal objetivo do EIV é o estudo da realidade sob uma perspectiva de questionamento e crítica sobre a educação com o intuito de estimular os estudantes a organizarem-se pela busca da transformação dessa realidade”. Fonte: <<http://eivrs.wordpress.com/sobreoeiv/>>

²⁹ O bairro Cidade Baixa, em Porto Alegre, está localizado próximo à UFRGS e é conhecido por concentrar muitos bares e danceterias, sendo habitado por muitos estudantes e ponto boêmio da cidade.

³⁰ Para mais informações sobre a Consulta Popular e suas propostas para o Projeto Popular para o Brasil, consulte: <<http://www.consultapopular.org.br/projeto-popular/projeto-popular>>

juventude neste processo. De forma sintética, poderíamos dizer que este projeto está formulado a partir de uma visão na qual é necessário combater um “projeto político do imperialismo” que está colocado pela “burguesia nacional e internacional” para o país. Para isso, é necessário reunir os “setores proletários” do campo e da cidade para pôr em marcha um “processo revolucionário” capaz de colocar a “classe trabalhadora no poder”. Neste sentido, para o LPJ, a juventude tem um papel central, pois

Teria, a priori, uma predisposição maior pra contestar o modelo, pra contestar o *status quo*. Por quê? Bom primeiro que ela tá num processo de inserção nessa sociedade, então ela tá se dando conta, ela tá sendo impactada pelos absurdos que é essa sociedade que a gente vive hoje, então ela tá se chocando com isso, ela tende menos a naturalizar essas relações, ela tende menos a se conformar, né?! Ela não passou uma trajetória toda vendo as desigualdades, as opressões e tal, pra concluir que isso é algo natural, é algo dado. Então ela tá ainda sob o impacto dessa inserção na sociedade, então ela tem, tem menos envolvimento, digamos assim, com esse mundo, ela tem menos vínculos. Ela apostou menos numa trajetória numa perspectiva de ascensão, ela tem menos investimentos, digamos assim, nas opções que tão colocadas pra população em geral, né... (Alex, 27, LPJ).

As oficinas ocupam um turno e são realizadas pelos próprios participantes do Acampamento, sobre temas diversos, tais como: teatro, estêncil, muralismo, capoeira, pintura de faixas, gênero, como organizar um trabalho de base, projeto popular, bateria, agitação e propaganda etc. Elas constituem espaços de experimentação de temas vinculados à “luta”, fazendo com que os jovens desenvolvam as capacidades necessárias para realizar as tarefas de mobilização. Têm o efeito de mostrar aos jovens que eles são capazes de executar tarefas e de ensinar outros jovens. Isso lhes dá confiança para se lançarem como militantes mais “orgânicos”, assumindo cada vez mais tarefas e “se desafiando”, como no caso de Rodrigo, que foi oficineiro já no primeiro Acampamento do qual participou e na sua fala demonstra outro dispositivo utilizado pelo LPJ, ao incentivar a formação multiplicadores de saberes, seja no teatro, na bateria ou no estêncil: “Dei aula de estêncil no acampamento. Como eu sabia fazer estêncil, porque o meu irmão sabia, daí eu fui aprendendo com ele, as manhas do estêncil com ele. Daí eu consegui dar aula no acampamento de estêncil” (Rodrigo, 21, LPJ).

Cada jovem que participa do Acampamento está inserido em uma das equipes, que são utilizadas para realizar as funções essenciais de manutenção do espaço do Acampamento. Elas estão divididas em infraestrutura, segurança,

cozinha, limpeza, saúde, ciranda³¹, mística, animação, comunicação e secretaria. As equipes têm uma coordenação e devem combinar os turnos de trabalho, a fim de alternarem a participação nas atividades e a execução das tarefas. Por fim, as “jornadas socialistas” cumprem o papel de realizar alguma “mística” para cativar os jovens e proporcionar o elemento mais festivo do Acampamento.

A “mística” é o espaço no qual as organizações constroem seus símbolos e incentivam a continuidade da luta a partir de sentimentos vivenciados no grupo. Geralmente, fazem memória a pessoas ou situações que são identificadas no grupo como elementos chave no processo de luta. É um momento referido por todos como dos mais emocionantes e importantes na formação política.

Nós estamos ali pra criar o novo, e essa dimensão do lúdico é fundamental pra estimular a inventividade, a criatividade, a relação, a integração, a não competitividade, a cooperação. Então é uma dimensão que a gente trabalha, tanto nos nossos encontros, tanto nas oficinas que a gente faz nas escolas, que é super importante, pra isso, pra criar novas relações, isso é um aspecto, e nisso se aprende também né, tu aprende valores, tu aprende a como se comportar, tu aprende a perceber o mundo de outras formas (Alex, 27, LPJ).

Neste sentido, a construção dos quadros interpretativos passa por esses momentos e, ao aliar a dimensão da emoção, acaba sendo mais eficaz para construir o pertencimento ao grupo, em relação à construção de quem é “o outro”, contra quem se luta, e quem somos o “nós” com quem se luta. Com isso, as místicas recontam a trajetória “dos lutadores e das lutadoras do povo”, recriam momentos importantes da história dos movimentos sociais, apropriam-se de questões atuais para imaginar um mundo diferente, baseado na construção do “projeto popular”.

Pode-se pensar que os momentos de *místicas* são momentos de formação daquilo que Izquierdo (2006) chama de *habitus guerreiro*. Em seu estudo sobre as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC), observa dois momentos de construção de um sentimento que corresponde à esfera do social e que é necessário para estimular a luta. O primeiro diz respeito a uma ênfase da “razão de ser das lutas sociais”, na qual o indivíduo é “levado a olhar seu grupo e a reconhecer a grandeza das façanhas coletivas [...] Exaltam-se a nobreza de suas lutas e a singularidade de sua coragem” (IZQUIERDO, 2006, p. 31). No segundo momento, o

³¹ A equipe da ciranda tem a responsabilidade de cuidar das crianças que frequentam o acampamento e com isso possibilitar que seus pais participem das atividades.

grupo é incentivado a lutar contra aqueles que são os “culpados pela estagnação política, econômica e cultural do povo...” (IZQUIERDO, 2006, p. 31).

E, justamente, os jovens percebem os momentos de mística como os mais significativos, aqueles que ficam guardados na memória e que não requerem algumas capacidades exigidas em outros espaços (como domínio conceitual de determinadas teorias, conhecimento de fatos históricos ou habilidades artísticas). São esses momentos que *alimentam a luta*. São estes, também, os momentos de maior contato entre as pessoas, de troca entre os diferentes indivíduos que compõem as células do LPJ e que aproximam os jovens da organização.

A “luta” é trabalhada em dois sentidos, como o horizonte de atuação, pois a organização está atenta e se preparando para o processo revolucionário, mas é também entendida como o espaço primordial de formação: é *na luta* que os militantes se formam. Para a organização, não adiantaria toda discussão política e o trabalho de base se isto não fosse colocado em prática com o “povo na rua”. Os jovens entrevistados, ao serem perguntados sobre o processo de ingresso no LPJ, seguidas vezes referiram momentos de luta, como os responsáveis pela interação com o grupo. Num dos trechos de entrevista, pode-se ver a repressão como um fator de motivação:

É meio que estranho pensar isso agora, porque foi animador até. Porque foi um horror né... Bah! Quando eu cheguei na frente do Nacional, estava lá no fim da fila, já passei por um senhor com a cabeça aberta, sangrando um monte e bomba e polícia e aquela coisa toda. Mas aquilo ali dá vontade... Porque tá o teu inimigo ali na frente, a polícia está representando o teu inimigo, então tu fica com raiva, tu quer gritar, tu quer xingar, tu quer atirar pedra. E de certa forma, isso acaba te animando para a luta. Claro que a repressão, apanhar na rua, não significa que vai mobilizar mais. Mas naquele momento foi... Porque eu queria fazer alguma coisa... Eu queria estar mobilizado, organizado em alguma coisa, mas não sabia como. Mas aí eu vi que não, que realmente essa galera aqui é de enfrentamento, que leva a sério... (Carlos, 25, LPJ).

A “luta” também desafia os integrantes a assumirem novas funções, desenvolverem atividades com as quais eles não estavam acostumados. Carolina destaca este processo de aprendizagem ao dizer que “a gente fez uma luta sobre educação, que foi bem massa, onde a gente se testou a fu, e eu consegui falar pela primeira vez no microfone, no carro de som”. Patrícia explicita uma das formas do grupo atuar, pois “aí a gente falou sobre meio ambiente, mais eles do que eu. Eu

ficava meio que olhando, tri admirada por eles. Mas aí eu estava meio que assim, ‘o que eu faço aqui?’ Eu estava só observando”. Mesmo que o jovem não tenha “domínio” sobre a atividade a ser realizada, ele é incentivado a participar e desenvolver as tarefas e aprende na interação com os demais.

Outros espaços mostraram-se tão importantes como os descritos acima para a interação associativa. Para a célula Universidade, desenvolver suas reuniões e atividades no Campus do Vale da UFRGS com pautas em torno da educação mostrou-se um recurso estratégico para a construção do vínculo entre os estudantes e diminuiu potencialmente os custos de participação daqueles jovens, pois eles participavam das reuniões “entre uma aula e outra” (Helena, 22, LPJ) e também conseguiam levar os colegas para participarem dos encontros realizados lá.

Além disso, o Campus do Vale serviu de ponte para realizar um trabalho de base na comunidade ao lado. Isso fez com que alguns militantes tivessem essa experiência de ir para uma comunidade pela primeira vez, como no caso de Carlos, que no início do seu engajamento realizava mais tarefas vinculadas a agitação e propaganda, para articular encontros, ligar para as pessoas ou comprar materiais de que a organização precisasse. Ele crê que essas tarefas iniciais foram uma espécie de teste: “vamos ver se o guri vai cumprir a tarefa mesmo?”. Somente depois de um ano no LPJ que iniciou este trabalho de base. Carolina também crê que o trabalho de base serve para formar o militante, pois mais do que trazer outras pessoas para a organização, ele possibilita que o jovem aprenda com as tarefas que precisa executar e que conviva com os outros integrantes do grupo, como resume Helena: “Eu acho que só convivendo mesmo. Só estando junto, construindo tarefas”.

O TTC se organiza a partir das reuniões semanais realizadas nas escolas que atuam no projeto. A coordenação fica a cargo das professoras responsáveis e as divisões de tarefas e encaminhamentos das ações nos diversos locais que atendem são realizadas nesse momento. Também existem reuniões de conscientização para pais e alunos que queiram ingressar e alguns Fóruns das Tribos, eventos que reúnem diversas tribos e nos quais mostram as atividades desenvolvidas. Para uma das entrevistadas, as reuniões são “tumultuadas”, pois circulam muitos jovens no curto período que se encontram. É neste momento que escolhem as atividades que vão participar naquela semana e assinam a lista de presença da reunião. As outras combinações que forem necessárias para efetuar a atividade da semana podem ser feitas pela internet.

A inserção de Luiza no grupo ocorreu a partir de uma busca por fazer “algo diferente”. Sua participação com a banda da escola nas atividades da TTC auxiliou no contato com os jovens voluntários. Mas, inicialmente, ela tinha pouco tempo disponível para participar integralmente das atividades e sua atuação estava restrita a uma hora por semana, separando notas fiscais. Após participar de uma palestra de conscientização, efetivamente começou a integrar as atividades desenvolvidas na TTC, visitando os locais onde os trabalhos de voluntariado são desenvolvidos. Mesmo durante o período que participava pouco do grupo, tinha a informação sobre o andamento das atividades e isso a mantinha a par do que acontecia. Este caso exemplifica a forma de manter a interação com os jovens interessados até que eles queiram/consigam se organizar para participar efetivamente.

Os encontros de conscientização servem para mostrar o potencial de atuação da PV e do projeto TTC, fazendo com que mais pais participem das iniciativas e apoiem seus filhos para participar. Pelo depoimento de uma das jovens envolvidas, percebe-se que este momento é uma fonte de sensibilização, pois

ver os depoimentos de experiências, tinha eu mais uns três colegas [participando]. Então eles entendem realmente que a gente não está só para brincadeira lá. Que a gente quer se divertir, mas fazendo o bem para o próximo (Luiza, 16, TTC).

Outra atividade realizada pela PV é o curso de Liderança Juvenil, no qual são abordados os seguintes temas: Liderança, Empreendedorismo, Voluntariado Organizado e Planejamento (Plano de Ação). Esse curso foi desenvolvido para instrumentalizar os jovens voluntários a desenvolver suas atividades de forma planejada. Para uma das coordenadoras do TTC, a formação teórica e o desenvolvimento das ações durante o ano inteiro não estimulam práticas assistencialistas:

Nessas três etapas, tinham dinâmicas de liderança, de trabalho em equipe, de elaboração de projetos sociais. Eu acho que isso é uma coisa importante de frisar. A gente não estimula a prática do assistencialismo. Ou da pura coleta e distribuição de doativos, de alimentos e de brinquedos. Até tem isso. Mas não só isso. Uma coisa que a gente trabalha muito nas internas, é que as pessoas, professores e funcionários, entrem nessa cultura. Então as instituições que tu realiza as campanhas, são as instituições que os jovens trabalham o ano inteiro. Eles têm uma convivência, eles estabelecem uma relação com essa instituição, durante todo o ano (Márcia, Coord. TTC).

São as ações quinzenais, nos diversos locais, que mobilizam e produzem os maiores impactos nos jovens voluntários. Todos os jovens voluntários concordam que ir ao asilo, ao abrigo de crianças e a comunidades pobres faz com que reflitam sobre a importância de seu trabalho. Se num primeiro momento existe um choque de realidades, isso acaba gerando também um comprometimento com as pessoas envolvidas.

Na primeira vez que eu fui, eu não conseguia falar. Eu fiquei parado num canto, não falei, não bebi, não fiz nada, porque aquilo me deu um choque, aquela coisa que não é um *déjà vu*, é um open-minded, aquela coisa de estranhar. Aí eu, então... a gente tem que mudar e vamos mudar. [...] E aquilo ali foi bárbaro, porque a primeira vez eu fiquei mudo, mas a segunda eu já tava com duas crianças no colo pulando já. E quando tu começa eles sempre pedem pra ti não parar, porque as crianças se apegam muito a ti. Então é um compromisso pro resto assim, tu faz e continua... (Roger, 18, TTC).

Não precisa fazer muita coisa. Eles só precisam conversar. Por que a gente dá o apoio que muitas vezes a família não dá. Então, tanto que uma vez foi falado nas reuniões que se tu se compromete em tal dia, horário, aquela pessoa vai estar te esperando. Se um dia tu não for, ela pode ficar triste. Então tu imagina eu dizer que vou e não vou. Tu fica esperando. Mesmo que seja por uma felicidade momentânea. Daí essa é o compromisso que eu pelo menos pretendo manter, de nunca falhar também nessas missões de bem (Luiza, 16, TTC).

A interação entre os envolvidos se dá pelas atividades de recreação, lanche, arrecadação de alimentos, de produtos de higiene, de brinquedos e de roupas. Os jovens organizam-se entre as três escolas que participam da TTC e dividem as tarefas. Alguns ficam responsáveis por organizar o lanche, outros pela recreação das crianças, alguns fazem visitas aos quartos dos idosos que não podem caminhar. Esse ambiente exige um esforço emocional grande, para alguns causa um “cansaço” e, muitas vezes, é visto como uma forma de esquecer-se dos problemas pessoais.

Até porque todo mundo que está ali está querendo ajudar. Ninguém vai ali só para... até porque é perder uma tarde e se cansar. Por menos que tu faça ali, tu pode ficar ali, se tu vai na SPAAN, tu vai ficar servindo salgadinho, o cansaço emocional que tu vai ter é muito pesado. Então todo mundo que está ali está se esforçando (Roger, 18, TTC).

Então, independe de estar num dia bom ou dia ruim, eu tenho que ir lá porque eu me comprometi e aquilo vai me ajudar. Até numa das reuniões a gente comentou que “pô!” a gente sai tão feliz nos projetos que a gente faz, conseguir fazer com que as crianças sorrissem, os pais daquelas crianças estavam felizes. Mesmo que a situação deles fosse meio precária e tal, mas

eles conseguem ser felizes. Então se a gente ir em determinado período para fornecer o que eles não têm e também fazer projetos que os favoreçam também, eu vejo como uma missão cumprida (Luiza, 16, TTC).

Existem, ainda, alguns fóruns regionais que agrupam as tribos de diversas localidades para partilhar as atividades que realizam. São nesses encontros que os jovens interagem com outros voluntários e, algumas vezes, veem shows de bandas locais, aprendem noções de música e dança. Outra atividade na qual eles se envolvem é a Corrida pela Vida, evento promovido pelo Instituto do Câncer Infantil (ICI)³², no qual se vendem camisetas àqueles que querem participar da corrida, arrecadando assim fundos para o ICI. No dia do evento, ficam responsáveis pela recreação das crianças. Esta atividade tem certo status para o grupo, pois trás visibilidade ao passo que essas escolas já foram premiadas pelo Instituto pelo envolvimento com a Corrida pela Vida.

Quando se descrevem os mecanismos de interação associativa, socialização militante e conexão estrutural do LPJ e do TTC, percebem-se diferenças significativas em relação a essas duas organizações. Entende-se que muito dessas diferenças estão relacionadas ao campo de atuação de cada uma delas, mas como a intenção deste estudo é descrever esses processos de engajamento para entendê-los de maneira a produzir-se uma explicação mais geral sobre padrões, formas e intensidades de engajamento, crê-se necessário chamar atenção para alguns pontos de comparação, o que auxiliará na compreensão dos próximos mecanismos a serem analisados, quais sejam, o alinhamento identitário e o sentido do engajamento para os jovens que participam de movimentos sociais e programas de voluntariado.

O primeiro ponto diz respeito às redes de interação e circulação dos jovens. Os jovens que ingressam no LPJ têm uma profunda alteração em suas relações de amizade e nos espaços que circulam ou atividades que costumavam realizar. Independentemente de sua condição social, existem transformações profundas na vida desses jovens. Podemos observar que essas transformações são de tipos diferentes de acordo com o público envolvido.

Para os jovens de classes populares, ocorreu uma cisão e uma ampliação na circulação de espaços: desde frequentar bairros que não estavam acostumados até

³² A ação visa a arrecadar recursos para o atendimento a pacientes com câncer por meio da venda de camisetas e da participação de toda a comunidade numa corrida, ao percorrem um trecho de 3,5 km. Fonte: <<http://www.ici-rs.org.br/calendario/corrida-pela-vida>>

participar de encontros em outras cidades do estado ou mesmo fora dele. O envolvimento entre os membros da organização passa a ser tão intenso que muitas vezes é percebido como se uma nova vida passasse a existir,

Na verdade virou duas vidas. O *Levante* e onde eu morava. Porque onde eu morava é uma situação totalmente diferente do *Levante*. Porque onde eu morava, tem disputas, se tu não tiver um tênis legal, tu não está no meio, tem vários preconceitos onde eu morava. E o *Levante* é diferente. O *Levante* não tem nada disso. Então ficou mais ou menos dois mundos. Eu até tento aproximar umas pessoas desse mundo para o outro, mas não deu... (Rodrigo, 21, LPJ).

Mas essa modificação na circulação de espaços também ocorre com os jovens de classe média: se antes o horizonte estava orientado para o desenvolvimento de projetos vinculados à formação acadêmica, após o ingresso no LPJ, este projeto é modificado. Em alguns casos, é possível conciliar esses dois mundos paralelos, mas em outros, isto não é possível, como no caso de Carlos que abandonou a universidade devido ao crescente desinteresse pelo curso de Ciências Sociais e o maior envolvimento com a organização. Consequentemente, seu círculo de amizades também se alterou, pois “hoje as pessoas que eu me relaciono mais são pessoas do *Levante*, ou grupos que estão na volta” (Carlos, 25, LPJ).

Com Helena, ocorre algo semelhante, mas de alguma forma ela consegue conciliar esses ambientes, embora a universidade tenha perdido bastante espaço em sua vida. Um dos pontos de contato entre os dois universos é justamente o fato de sua melhor amiga da graduação também ser militante do LPJ,

Daí depois já entrei no *Levante* e isso meio que tirou a minha vida da universidade. Mas daí eu tive contato com a Geórgia e ela acabou entrando no *Levante*. Ela era a minha melhora amiga ali na Sociais. Com o resto dos meus amigos eu perdi o contato total (Helena, 22, LPJ).

Aliado à mudança de espaços e hábitos, muitos relatam que não têm mais tempo para ir ao cinema (hábito que era frequente antes do ingresso no LPJ), e que existe uma modificação na rede de amizades. Os amigos e os namoros acabam muitas vezes sendo do mesmo círculo de pessoas que participam dos movimentos próximos ao LPJ. Helena namora um militante e reconhece que o principal para que ela se mantenha na organização são as relações de amizade que construiu.

Mas eu acho que o que me faz continuar é a amizade. Eu tenho a segurança de que se um dia eu estiver na merda alguém vai me acolher... Eu acho difícil namorar alguém que não está na mesma organização, deve ser muito complicado (Helena, 22, LPJ).

Estas relações de confiança são a base para muitos jovens no processo de engajamento no LPJ, pois estes se sentem “acolhidos” no grupo, podendo estabelecer relações diferentes das que estão acostumados, como anteriormente enfatizou Rodrigo, ao falar sobre a competição entre os amigos do bairro. Este tipo de vínculo cria abertura para que os processos de inserção na organização se deem de forma mais ativa, fazendo com que os processos de aprendizagem ocorram, para os jovens, de forma mais solidária, como declara Carolina: “eu acho que agora é bem mais fácil, porque conforme o tempo foi passando eu fui conhecendo as pessoas, com quem eu posso contar, com quem eu não posso contar, se eu posso perguntar para aquela pessoa”.

Também foi possível notar que embora haja um relacionamento fraterno entre os integrantes do LPJ, existe uma “rotulação” entre as células. A célula Universidade e a célula Sul expressam a diversidade sociocultural do LPJ. Cada uma a sua maneira acaba sendo vista a partir das classificações associadas aos “estudantes universitários” versus “os jovens da periferia”. Embora exista todo um investimento para combater esses rótulos, sendo que, na prática, muitas vezes eles não são reais, pode-se perceber a *violência simbólica* quando se nota que os jovens da célula Sul reconhecem como legítimo algo que eles não possuem, o capital cultural, para se usarem os termos clássicos de Bourdieu.

Porque a gente da sul é bem complicado, a gente não tem o hábito de ler muito. Porque a gente é dividido em células. E daí digamos que do centro, da universidade [tem o hábito], a gente não costuma ler muito, não é um hábito pegar um livro e ler, e como que a gente faria isso dentro das células? (Carolina, 18, LPJ).

Para os jovens voluntários não há uma significativa alteração nos espaços que circulam ou nas redes de amizade. Por mais que os locais nos quais desenvolvem suas atividades voluntárias não fossem frequentados anteriormente, eles não se referem ao espaço como algo que tenha alterado sua rotina, pois continuam realizando suas atividades de lazer, como ir a shoppings, cinemas, praças e mantém as amizades de longo período.

Este ponto é interessante, pois quase todos os jovens voluntários fazem

referência a um círculo de amizades construído a mais de cinco anos, no qual realizam encontros regulares, mantém contato telefônico ou pela internet, mesmo com amigos que não moram mais na cidade.

Os meus melhores amigos foram os meus colegas até hoje. Eu costumo brincar que eu nunca estudei com ninguém diferente, porque os meus colegas que entraram na educação infantil comigo foram os mesmos que se formaram comigo no terceiro ano. Eu a vida inteira convivi com as mesmas pessoas (Maria, 25, TTC).

Outro ponto que chama atenção é a ausência de conflito no grupo de voluntariado. Nenhum dos entrevistados lembrou momentos envolvendo algum tipo de conflito interno ou com a coordenação. Já no LPJ, os entrevistados relataram que as brigas ocorrem, mas são resolvidas e “é bom que quando tu é muito próximo da pessoa, tudo se resolve tudo muito fácil. É uma coisa meio que briga de pai e mãe; na hora explode, mas é teu pai, e tua mãe, depois volta e se resolve” (Helena, 22, LPJ). Esta forma de relacionamento nas organizações pode trazer elementos para se pensar a socialização militante dos jovens, pois a maneira de *enxergar* a realidade para um grupo é a partir do conflito, da desigualdade, da transformação, a passo que para o outro é a partir da conciliação, da ajuda, da individualidade.

Os depoimentos dos jovens voluntários ressaltam a questão emocional (felicidade) como ponto de equilíbrio e indicador de igualdade entre eles e o público-alvo do projeto.

E naquela região, assim como tem gente muito pobre, tem gente muito rica... Porque é uma região priorizada... “pô”, imagina ter o Guaíba³³ na frente que tem uma paisagem linda no pôr do sol e no amanhecer. Então, claro que tem muita gente indo pra lá do que indo para Porto Alegre. Mas, poder sentir que elas [as crianças] estão bem mesmo naquela situação, e saber que tu permitiu que elas se sentissem bem, isso é muito bom (Luiza, 16, TTC).

As crianças com AIDS é que... Mesmo elas tendo uma vida muito sofrida, porque é horrível elas tem que tomar o coquetel e tudo, elas não deixavam de ser felizes. Elas pareciam que eram crianças normais (Gustavo, 17, TTC).

Já os jovens do LPJ destacam em certas situações a injustiça que se coloca nas realidades vivenciadas, como na ameaça de desocupação de uma vila na zona

³³ A entrevistada refere-se à Ilha da Pintada e arredores. Uma região que faz parte de Porto Alegre e que congrega habitações irregulares, sem saneamento básico, por exemplo, ao lado de mansões, localizadas em condomínios fechados, que aproveitam as belezas naturais da região das ilhas.

Sul, o quanto foi “doloroso” o pessoal conseguir as casas e “chega as pessoas que não sabe” [os governantes] e que o “o povo tinha que sair pra rua, pra falar do seu direito pela moradia” (Carolina, 18, LPJ). No entanto, esses jovens também carregam a experiência da repressão ao saírem às ruas, o que também acaba alimentando esta visão da injustiça e das hierarquias de poder na relação deles com o Estado

E aí chegou o [polícia de] choque de um lado, chegou de outro lado, e eu estava olhando aquilo ali e não sabia direito o que estava acontecendo e eles foram se formando e fecharam a nossa frente. E bah! A hora que fecharam, ficou aquele empurra, empurra e a gente ali com os tapumes. Daí não sei o que aconteceu que já veio uma paulada num amigo do meu lado, bomba de gás e aí foi uma correria... Eu era muito verde na época. Estava ali, mas não tinha orientação do que fazer. Então primeira bomba que estourou saiu eu e a Rita correndo. Foi isso. Foi assustador no início! Ver o pessoal sangrando... Eu vi um bebê de colo desmaiado. Que até depois na mídia [apareceu]. Bah! foi um negócio muito violento (Carlos, 25, LPJ).

Descrever estes processos de conexão estrutural e socialização militante, a partir das interações associativas que se dão no interior das organizações, decompondo as etapas dos mecanismos trabalhados no modelo de análise de forma empírica ajuda na compreensão das nuances que determinados percursos de engajamento assumem, com diferentes intensidade e formas, e a atuação das organizações neste processo. Mas como já havia sido ressaltado, esta análise parte de um ponto de vista individual para explicar de forma não individual o engajamento. Com isso, é necessário focar em como se realiza o “alinhamento identitário” entre as disposições individuais e os quadros interpretativos (SNOW et al., 1986) das organizações para se explicar o engajamento de forma mais geral.

5.3 A eficácia do alinhamento identitário

A literatura sobre alinhamento identitário e quadros interpretativos (SNOW et al., 1986; BENFORD e SNOW, 2000) aponta esse processo como *condição* necessária à participação. A ponte entre as organizações e os indivíduos se dá a partir da ativação das disposições para se engajar, requerendo a construção de laços significativos entre os dois, a partir da mediação ocorrida e explicada anteriormente. É necessário ressaltar que a mediação torna-se mais ou menos eficaz de acordo com a existência

de compatibilidade entre o “estoque” de disposições, recursos e capacidades dos jovens e os quadros interpretativos das organizações.

Os autores chamam atenção para o perigo de se interpretar esse processo a partir de uma relação automática, na qual se considera de forma direta a interpretação ou o sentimento dos indivíduos sobre suas queixas do mundo e a suscetibilidade de se engajar numa organização. Com isso, ignora-se a forma como são construídos os vínculos que direcionam a interpretação das queixas e os objetivos ou ideologia das organizações. Resumidamente, os autores apontam seis aspectos que necessitam ser considerados ao se analisar a participação em organizações de movimentos sociais:

First, participation in SMO activities is contingent in part on alignment of individual and SMO interpretive frames. Second, this process can be decomposed into four related but not identical processes: frame bridging, frame amplification, frame extension, and frame transformation. Third, initial frame alignment cannot be assumed, given the existence of either grievances or SMOs. Fourth, frame alignment, once achieved, cannot be taken for granted because it is temporally variable and subject to reassessment and renegotiation. As we have noted, the reasons that prompt participation in one set of activities at one point in time may be irrelevant or insufficient to prompt subsequent participation. Fifth, frame alignment, in one form or another, is therefore a crucial aspect of adherent and constituent mobilization. And sixth, each frame alignment process requires somewhat different micromobilization tasks (SNOW et al. 1986, p. 476)³⁴.

O que é importante ressaltar é que por ser uma condição para o engajamento, o alinhamento identitário orienta a ação dos indivíduos no quadro interpretativo que a organização constrói. São a partir dessas relações que os sujeitos podem estabelecer conexões e buscar situar suas experiências de ação ou desengajamento (quando ocorre algum tipo de incompatibilidade entre as disposições individuais e as propostas interpretativas das organizações).

³⁴ Em primeiro lugar, a participação nas atividades das organizações de movimentos sociais (SMO) é contingente, em parte, ao alinhamento individual e aos quadros interpretativos das SMO. Segundo, este processo pode ser decomposto em quatro relações, mas não em processos idênticos: transição de quadros, amplificação de quadros, extensão de quadros e transformação de quadros. Em terceiro lugar, o alinhamento de quadro inicial não pode ser assumido, dada a existência de queixas das SMOs. Quarto, o alinhamento de quadro, uma vez alcançado, não pode ser tido como certo, porque é temporalmente variável e sujeito a reavaliação e renegociação. Como já observamos, as razões que solicitarão participação em um conjunto de atividades em um ponto em tempo podem ser irrelevantes ou insuficientes para se solicitar participação posterior. Em quinto lugar, o alinhamento de quadro, de uma forma ou de outra, é, portanto, um aspecto crucial de mobilização aderente e constituinte. E sexto, cada processo de alinhamento de quadro requer tarefas um pouco diferentes de micromobilização.

As quatro categorias sugeridas pelos autores (1) *frame bridging* 2) *frame amplification* 3) *frame extension* e 4) *frame transformation*) são interessantes para que se compreenda como estes processos de alinhamento identitário ocorreram nas organizações estudadas. Após a breve descrição de alguns processos empíricos, as mesmas são retomadas para se analisar a trajetória dos jovens entrevistados.

Os jovens voluntários situam sua experiência de engajamento dentro dos quadros interpretativos do trabalho voluntário. Ou seja, eles valorizam a participação individual, seus envolvimento são quase profissionalizados, com horários e atividades específicas a serem desenvolvidas numa causa pontual. A ideia de proporcionar o bem-estar do outro, a busca por “praticar o bem” e propagar os benefícios dessa ação aos próprios envolvidos são recorrentes em seus discursos. Para Larissa, “todo o tipo de trabalho de voluntário eu acho que faz bem, não só para as pessoas que a gente está ajudando, mas para nós mesmos. A gente vira pessoas melhores, mais sensíveis, mais responsáveis também”. Roger, embora reconheça o desgaste provocado neste envolvimento, também vê benefícios em ser voluntário,

Voluntário não é doar dinheiro, é doar o teu tempo e as tuas emoções pra aquilo, porque é um voluntário de mão dupla, porque no momento que tu está doando, está recebendo três vezes mais de volta... Quando tu vê o sorriso da criança, o idoso, do bebê rindo pra ti em vez de chorar. É uma coisa que falta palavra pra explicar... É muito bom, é muito, muito bom. Eu fico cansado! Várias vezes eu não quero ir no inglês, entendeu, porque eu chego exausto em casa. Mas vale a pena, eu não trocaria (Roger, 18, TTC).

Os jovens engajados em organizações de movimentos sociais, pelo intenso processo de enquadramento desse tipo de organização, acabam por orientar ou readequar seus projetos de vida. Muitas vezes passam a articular as esferas de trabalho, estudo, amizades em torno da organização, como se pôde perceber pelos perfis descritos (capítulo 4). Para alguns, a formação de uma carreira profissional, por exemplo, não é um caminho cogitado como algo isolado, “de projeto eu acho que é mais essa coisa de querer militar para o resto da vida. Saber que não importa o que eu vou seguir enquanto profissão, mas é uma coisa que me realiza” (Patrícia, 25, LPJ). Outros se vinculam de tal forma à organização que passam a se dedicar integralmente, pois “agora eu virei um liberado³⁵ do *Levante*. Eu comecei a me

³⁵ Ser um *liberado* significa que a organização desembolsa uma ajuda de custo para que a pessoa dedique integralmente seu tempo às tarefas da organização.

dedicar mais. Na verdade eu dedico o meu tempo integral para o *Levante*. Eu estou liberado e a minha tarefa é com a Zona Sul” (Rodrigo, 21, LPJ).

Também podemos perceber que as formas de atuação nos dois grupos se opõem: de um lado, um modelo mais vinculado à atuação individual e não contestatória e, de outro, uma proposta de ação calcada no coletivo e na contestação. Novamente, as falas dos entrevistados mostram que aqueles que aceitam participar de ações mais contestatórias já apresentavam disposições propícias ao conflito (antes direcionadas para a escola, a família etc.) enquanto este tipo de ação não é aceitável por parte dos jovens voluntários. Mesmo que alguns refiram concordar com as pautas dos movimentos (como a luta pela terra, praticada pelo MST), não aceitam a forma pela qual o MST reivindica suas ações.

Quando perguntados aos jovens se eles conheciam e quais suas opiniões sobre o voluntariado e o movimento social, as respostas dos voluntários se concentraram em não concordar com as formas de atuação do MST (geralmente o único movimento social que citam). Para Larissa,

o MST, eu acho que é importante eles lutarem. Só que eu acho que eles deveriam fazer uma nova forma de fazer isso. Eu não sei como, mas... porque o governo não dá muita bola pra isso. Eles invadem e são vistos como pessoas maloqueiras, invasores e tal (Larissa, 15, TTC).

Para os jovens do LPJ, o trabalho voluntário está vinculado ao assistencialismo. Além disso, aparece nas falas uma recusa à ação individual e uma preocupação com o “depois”, aquilo que eles chamam de “desencargo de consciência”, como expressam Patrícia e Carlos:

Mas depois a gente pensou, “ah, o que adianta fazer isso, sabe?”. Aquelas crianças vivem tri mal lá. Aí a percepção que eu tinha do trabalho voluntário era isso, era desencargo de consciência assim. É “Vai lá, não importa o depois, mas eu estou fazendo alguma coisa para as pessoas”. Eu, o individuo né... (Patrícia, 25, LPJ).

Muitas vezes empresas se utilizam de trabalhos voluntários para terem certa consciência, é por desencargo de consciência, às vezes. Mas tem também trabalhos voluntários que são importantes, são trabalhos que vão ajudar comunidades a conseguirem se organizar, a terem uma estrutura mínima. Mas agora aquele trabalho voluntário que é ir lá limpar um chão de um asilo, para mim só serve mais como desencargo de consciência do que realmente querer ajudar. Isso é o que penso (Carlos, 25, LPJ).

Neste sentido, as organizações estudadas constroem em seus quadros interpretativos explicações sobre o mundo e a posição/relação de cada um nesse mundo. Dessa forma, perceber aquilo que é aceito como justo ou injusto parece crucial para compreendermos as possibilidades de engajamento oferecidas. Para a coordenadora do TTC, a importância do voluntariado está em proporcionar uma visão privilegiada aos jovens, pois

Quando a gente fala que eles são crianças privilegiadas... Eu uso uma expressão de que eles vieram ao mundo com um pacote *top confort*. Eles ganharam um pacote luxo, porque muitas vezes eles acham que o pacote deles é o básico. Toda a criança tem. Mas não é verdade! Então é dar a chance deles também estabelecerem uma relação com talentos que eles nem sabem que tinham. Esse jovem pode se mostrar extremamente competente. Às vezes tu rotula o jovem porque ele não consegue tirar média 6 lá em matemática, mas ele consegue ser uma grande liderança num grupo de voluntariado. Ele aprende a trabalhar em equipe. Ele aprende a resolver problemas de forma criativa, porque tu tem que ter muito jogo de cintura para resolver como tu vai gerenciar os teus projetos. Bom, ele é um empreendedor porque aprende a captar recursos, a gerenciar fundos. Ele aprende a trabalhar com as diferenças. Tudo isso num projeto de voluntariado. E com certeza ele é um jovem que vai valorizar muito mais o que ele tem em casa. Mas não só isso, ele vai vivenciar a sua comunidade (Márcia, Coord. TTC).

Dessa forma, o trabalho que cada um realiza ganha amplitude neste tipo de ação, independente do que o outro faça. Também se questiona uma perspectiva mais “materialista” e se aposta num olhar no qual as estruturas só mudarão se tiverem pessoas mais sensíveis nos postos de comando. Este tipo de argumento ganha relevância no discurso utilizado e é conjugado com a ideia de que as ações pequenas podem desencadear outras ações. Essas ações, necessariamente, não precisariam ser orquestradas em conjunto, pois seriam fruto de um efeito em cadeia.

O mundo está acabando porque as pessoas vão acabar se matando por nada. Então é isso que eu tento mostrar. Que separar o lixo pode ser a coisa mais pequena. Pode ser a menor coisa do mundo. Se não mudar na tua vida, vai mudar na vida do catador de lixo, vai ter alguma coisa reciclável pra ele usar de repente. Então eu trabalho muito com essa ideia de pequenas coisas. E como é que eu falo isso para os meus alunos. É uma característica familiar também (Maria, 25, TTC).

Assim, os jovens voluntários valorizam muito mais as emoções despertadas nesses pequenos gestos, que desencadeiam outras emoções nos envolvidos e que não visam a dar conta de resolver a situação precária deles, pois, neste contato, o que os jovens aprendem é que *apesar* do abismo social que os distancia, naquele

momento de interação se constrói uma relação entre iguais. E é a partir dela que o alinhamento identitário se dará com o TTC.

Eles só precisam daquilo. Não precisa fazer muita coisa. Eles só precisam conversar. Por que a gente da o apoio que muitas vezes a família não dá. [...] Mesmo que seja por uma felicidade momentânea. Daí essa é o compromisso que eu pelo menos pretendo manter, de nunca falhar também nessas missões de bem (Luiza, 16, TTC).

O trabalho de uma organização de movimento social, por outro lado, está em construir um quadro interpretativo que instigue aqueles que contam com poucos recursos em poder acreditar que é possível mudar a realidade da qual fazem parte e, mais que isso, que “vale a pena” fazê-lo, já que passa a ser inaceitável viver no modelo de sociedade que temos. Com isso, investem os poucos recursos que dispõem (tempo, dinheiro), mas principalmente, dedicam suas vidas para realizar ações que façam oposição a este modelo hegemônico, pois isto é o mais justo. Este tipo de alinhamento identitário possibilita e sustenta as ações contestatórias.

A importância de um movimento social é, primeiro, de estar organizando a população e de estar minimamente dando alguma condição e alguma esperança de melhoria de vida dentro da bandeira daquilo que o movimento está em busca. Então, o movimento cumpre muito isso, de ser o primeiro pontapé para organizar o que está precisando... Eu acho que trabalho voluntário me parece ser uma forma de estar ajudando, mas que mais vai para a tua consciência, para ti dormir tranquilo à noite, do que vai para estar mudando a realidade de alguém mesmo (Helena, 22, LPJ).

Eu acho que se luta contra o capitalismo. As pessoas né... Porque é tão injusto uma dúzia ter muita coisa e um milhão de pessoas viverem na miséria, eu acho que é absurdo tu passar fome no Brasil, morrer de fome no Brasil sendo que tem muita comida. E outros países também, eu creio. Porque bah! Pelo amor de Deus! Tu pagar pela bebida que tu bebe? Bah! Tu privatizar a água e a comida? Eu acho que isso é imperdoável! Tu comer lixo, sendo que tu não tem necessidade de estar ali. Eu acho que é por isso que se luta. Se luta por uma igualdade. Bah! Imagina tu morar numa casa caindo aos pedaços e uma outra pessoa ter uma mansão, que nem vai se usufruir de tudo aquilo. Eu acho que é contra isso que se luta. Se luta pela desigualdade de uns terem muito e outros terem poucos (Carolina, 18, LPJ).

A partir dessas breves descrições, pode-se perceber que os jovens engajados transitaram pelos diferentes tipos de alinhamento identitário, classificados por Snow et al. (1986). O alinhamento identitário de Helena pode ser classificado como *frame bridging*, que significa que o indivíduo tem a reclamação, mas não como/onde se organizar. Com isso, a ponte se estabelece quando se ligam os elementos

ideologicamente coerentes, mas que estão estruturalmente desconexos (SNOW *et al.*, 1986).

No caso citado, ela apresentava elementos de socialização prévia, principalmente pela influência dos pais, que possibilitavam uma aproximação com um discurso mais contestatório, “de esquerda”, mas a mesma não vislumbrava possibilidades de atuação no mesmo tipo de organização partidária de seus pais. Para ela, ter contato com a organização por meio de um evento do qual participou e pela aproximação com uma colega, que era militante, possibilitou estabelecer a ponte entre suas disposições para militar e a organização que ofereceu uma forma de atuação que a interessou.

Antes do *Levante*... Por exemplo, o meu pai nunca me incentivou a entrar no PT. Então o contato que eu tinha de militância era isso. Era muito de ir em alguma janta com o meu pai, de lançamento de alguma campanha, que é muito chata... e que também na minha adolescência eu nem queria saber muito disso. Quando eu entrei na UFRGS que daí me aproximei do DCE, que foi a partir daí que eu conheci a Rosa também. Eu já tinha ido em lutas, mas era mais envolvida com o DCE (Helena, 22, LPJ).

Já as situações dos jovens voluntários Gustavo, Maria, Luiza e Larissa podem ser enquadradas como *frame amplification*. Este tipo de categoria requer o fortalecimento de alguma estrutura interpretativa, ampliando valores e crenças. O que ocorre é uma interpretação sobre modos de conduta ou estados de existência que são pensados como dignos de serem protegidos e promovidos (SNOW *et al.*, 1986). Tal fato demonstra a importância da escola como uma das fontes de recrutamento, forjando valores durante o ensino confessional dos jovens e os possibilitando a ampliação do escopo de atuação a partir do projeto de voluntariado oferecido.

Maria, que é uma das coordenadoras, trabalha com seus alunos de forma a motivá-los a participarem das atividades do TTC. Com isso, gosta de explicitar o aumento da participação que vem conseguindo.

Na última Corrida do Diabetes eu consegui levar 20. Aí tu vai me dizer, que eu tenho 60, mas no ano passado foram 2. Então eu consegui levar 18 a mais. Foram só vinte, mas foram vinte que compraram a camiseta, foram 20 que ajudaram as crianças com diabetes. Quem sabe na próxima sejam 30, e na próxima sejam 40. Então eu não tenho muito essa preocupação (Maria, 25, TTC).

Luiza e Larissa, em suas falas, mostram que a ampliação de crenças e valores existentes, quando são redirecionados e ganham significação na estrutura de ação das organizações, produzem certos tipos de engajamento.

Eu sempre desejei não só pensar em mim. Eu sempre penso quando vou fazer alguma coisa o que vai acarretar para mim, e o que vai acarretar para outra pessoa. Tem que sempre pensar antes de fazer as coisas. Então, isso que eu acho que a gente tem que ter um diferencial. O jovem do voluntariado ele tem que primeiro pensar nos outros para depois pensar em si. Quando a gente faz algum projeto a gente tem a consciência de que aquelas pessoas precisam da gente (Luiza, 16, TTC).

A gente disponibilizava um pouco desse nosso tempo para elas [as crianças], porque a gente via que lá a realidade é bem diferente da nossa. E também é bem importante a gente ver que, às vezes, a gente reclama de boca cheia, porque a gente olha aquelas crianças que só de a gente chegar lá e dar um abraço nelas, elas ficam felizes (Larissa, 15, TTC).

Um *frame extension* decorre da necessidade da organização alargar as fronteiras de seu *master frame* para englobar interesses ou pontos de vista que são incidentais aos seus objetivos primários, mas de importância considerável para os adeptos em potencial (SNOW et al., 1986). Isto nos coloca a questão de que existem diferentes intenções no engajamento e que este processo é constantemente negociado e redefinido. A participação se sustenta a partir de uma mudança na estrutura interpretativa e pode ser o primeiro passo para uma mudança mais profunda de alinhamento, para alguns.

No entanto, isso exige uma série de ações de micromobilização que proporcionem esta transformação. Na pesquisa, identificaram-se três situações deste tipo: Carlos, Juliano e Patrícia, sendo que os dois últimos desengajaram-se, alegando justamente incompatibilidades interpretativas sobre os rumos do LPJ. Para Carlos, existe um processo constante de mobilização e redirecionamento para que seu engajamento se sustente. Uma das questões que aparece em sua entrevista é um processo de avaliação sobre os rumos da organização, que o faz constantemente vislumbrar outras possibilidades de atuação e o que o faz permanecer mobilizado. Segundo ele, “no processo de avaliação, a gente vê no que errou, e aí vamos pensar em outras atividades, não vamos poder errar em outras coisas. E na persistência, sempre insistindo” (Carlos, 25, LPJ).

Para as situações de Roger, Rodrigo, Carolina e Cristiane, pode-se inferir um processo de *frame transformation*, pois ocorreu uma transformação em domínios

específicos (para Roger) e de quadros mais amplos (para Rodrigo, Carolina e Cristiane). Houve uma modificação na percepção sobre a gravidade da situação das condições de existência, que passaram a figurar como um quadro de injustiça que necessita uma intervenção (SNOW et al., 1986).

No caso de Roger, o que ocorreu foi uma mudança de interpretação sobre a sua situação no mundo, pois ele deixou de ser “consumista” e sofrer por não ter os equipamentos eletrônicos de última geração, como ele diz. Quando teve contato com uma realidade totalmente diferente da sua, foi motivado para ser voluntário e atuar nos projetos sociais. No entanto, por mais que seu discurso destoe dos amigos com os quais convive, o que demonstra esta transformação interpretativa sobre a realidade, esta transformação discursiva passa por uma esfera específica de sua vida, não abrangendo outras.

Bah, bem melhor. Não tem que estar com aquela função de todo dia ter que olhar qual é o último grito da telefonia móvel. Claro que eu ainda sou apaixonado pelo *Iphone*, mas não sou aquela pessoa precisa ter um *Iphone* (Roger, 18, TTC).

Para os integrantes do LPJ, a transformação discursiva é mais ampla, alcançando várias esferas de vida e deslocando a esfera de atuação política para integrar outras esferas como a do trabalho, das amizades, dos estudos. Rodrigo, Carolina e Cristiane tiveram suas percepções sobre o mundo modificadas a tal ponto que a ação contestatória se sustenta e é a base de alinhamento entre a organização e suas disposições para o engajamento.

Eu tinha um pensamento de trabalhar e viver a vida que o capital manda [...] Depois que a pessoa entende o projeto que está defendendo, eu acho que isso mobiliza muito. Porque daí tu tem que ir lá para fazer o projeto, e se eu não for, quem vai fazer, e eu acho que isso é muito mobilizante (Rodrigo, 21, LPJ).

Para Snow (1986) este tipo de processo de alinhamento pode ser uma condição necessária para a participação de alguns indivíduos em uma matriz de movimentos e, sem dúvida, é mais fundamental para a participação em alguns tipos de movimentos do que em outros. A comparação entre os processos de alinhamento identitário no TTC e no LPJ nos mostra diversas possibilidades, mas se concentram em dois tipos analisados. A eficácia da ampliação dos quadros interpretativos para

os jovens voluntários e a transformação dos quadros interpretativos para os jovens militantes.

5.4 Dimensões do engajamento em movimentos consensuais e conflituosos: do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória

Seguindo o modelo de análise proposto, viu-se que o alinhamento identitário produz o engajamento, o qual é constantemente negociado, avaliado e ressignificado, de tal forma que o indivíduo tenha de lidar com as tensões apresentadas ao longo da socialização militante e sua relação com a organização. Para finalizar os mecanismos analisados, apresentam-se alguns dados referentes ao que os jovens pensam ser as maiores motivações, aprendizagens, dificuldades e retribuições que a participação nas TTC e no LPJ lhes trouxe. Pensa-se que essas dimensões do engajamento propriamente dito precisam ser conhecidas para que se entenda em quais momentos ocorrem mudanças de intensidade ou de percursos na construção de carreiras militantes ou, até mesmo, que ocasionem o desengajamento.

As motivações relacionadas pelos jovens voluntários diferem pouco. Para Gustavo, tratava-se inicialmente de uma oportunidade de preencher um tempo livre; depois, ele sentiu “necessidade de ajudar”, pois se colocava no lugar das crianças e pensava que se fosse ele quem estivesse naquela situação, seria importante que alguém fizesse o trabalho que ele realiza. Larissa acredita que a maior motivação são os grandes impactos gerados pelos gestos “simples” que ela realiza. Roger sempre pensou que sua vida era ruim e quando viu “como a coisa era” e que podia realizar algo bom para os outros, dedicou-se mais ao voluntariado. Já a intenção de Luiza era ver as pessoas sorrindo, “uma vontade que eu não sabia o que era” e como precisava de “uma estrutura de amigos”, de pessoas que “realmente” quisessem participar, sentiu-se muito acolhida no projeto e isso a empolgou mais ainda. Para Maria, uma pessoa só não resolverá a situação do mundo, mas “seu lugar está reservado no céu”, pois faz sua parte, cabendo aos outros assumirem a responsabilidade pelos erros que cometem.

Por outro lado, as motivações dos jovens do LPJ concentram-se na ideia de se organizar para transformar. Para Carolina, o projeto de melhorar a vida dos

jovens, o fato de que muitas pessoas abrem mão de outras coisas para lutar por isso e a aceitação que existe no grupo, de “não quererem te desenhar”, são os principais motivos de sua participação. Patrícia tinha “necessidade de se organizar” e de fazer algo “agora”, com pessoas que se tratavam muito bem; além disso, os atos de rua, com as músicas, as diversas pessoas unidas por uma causa, alimentam seu engajamento. A desilusão com o curso de Ciências Sociais e com a possibilidade de atuação em partidos políticos foi uma das motivações para procurar outras formas de ação para Carlos, assim como para Helena, que acredita que a “razão de militar é acreditar que algum dia alguma coisa possa mudar”. Juliano foi motivado por ter a possibilidade de colocar em prática seu conhecimento artístico a favor de uma discussão sobre os problemas do mundo, “deixando de não fazer nada” em relação a isso. Cristiane e Rodrigo foram motivados pelo vínculo construído com as pessoas de outras células, pelas manifestações e pelo projeto de transformação social. “Se eu não for, quem vai fazer?” (Rodrigo, 21, LPJ).

Refletir sobre as aprendizagens e as dificuldades proporcionadas pelo engajamento dão pistas sobre as disposições que são ativadas, ajustadas ou inibidas no contato com a organização e quais são as capacidades e recursos valorizados ou necessários em cada um dos grupos estudados. Os jovens voluntários ressaltam questões mais atreladas à mudança da percepção sobre sua realidade social, e os jovens do LPJ ressaltam mudanças de postura política.

Uma vez que Luiza dá mais valor para a família e para as coisas que tem, consegue se colocar no lugar do outro e tem mais desenvoltura ao falar, pois aprendeu a ser mais descontraída e ter jogo de cintura para lidar com as situações. Larissa diz que é uma “pessoa melhor, não reclama de boca cheia”, aprendeu a se preocupar com o outro, ser mais sensível aos problemas do mundo, disponibilizar seu tempo e fazer algo ao invés de “só falar”. Roger segue na mesma linha, diz que não é mais “nariz empinado”, que vê o quanto era desconectado da realidade e consumista, “agora é uma pessoa melhor, que julga menos os outros”. Gustavo levanta outra perspectiva, pois agora aprendeu a “usar a agenda” e precisa gerenciar seu tempo para fazer todas as tarefas que compete. Finalmente, para Maria, o aprendizado de “como ser voluntária” já se deu, agora ela está ensinando seus alunos o que aprendeu.

Com efeito, para Patrícia, a inserção na organização a fez se desafiar, aprender a fazer coisas, “eu consigo me virar, não é só para os entendidos”.

Também diz que começou a pensar o ser humano como um todo e a fazer coisas relacionadas a outros âmbitos que não só o profissional. Helena teve de amadurecer para lidar com as diferentes pessoas, aprendeu a ficar mais calma e a negociar mais; devido à grande rotina de atividades, disse que aprendeu a se organizar melhor também. A paciência foi novamente ponto de aprendizagem para outra jovem, Carolina, que começou a perceber a importância de “se formar” e do estudo, pois “embora não pareça fazer sentido” é importante estudar e não “se alienar”. Assim como para Cristiane, que ressalta que “as coisas não são só brincadeiras”, que aprendeu a “se soltar mais”, a ter contato com adultos e conversar mais com as pessoas.

Os três homens apontam as questões de gênero discutidas dentro da organização como um dos aprendizados mais importantes. Além disso, Carlos desenvolveu jogo de cintura ao lidar com questões políticas que envolvem a relação governo-movimentos sociais. Já Rodrigo diz que aprendeu a ser “menos indivíduo” e se “soltar mais, perder a vergonha de falar”, sentindo-se estimulado intelectualmente no grupo a se desenvolver mais. Ironicamente, o maior aprendizado para Juliano foi entender o pensamento político que sustenta a organização e, ao experienciar isso, se deu conta que não concordava com a proposta política seguida. Também se refere ao uso da agenda como algo que até hoje é importante em sua vida.

Enfrentar as tensões que são geradas pelo engajamento implica otimizar o tempo, organizar a rotina, equilibrar a participação em eventos sociais e familiares, lidar com outras pessoas, etc. Estas ações, embora simples, muitas vezes são percebidas pelos jovens como difíceis de se executar. Neste momento, as dificuldades do engajamento ganham corpo e podem ser acionadas para a desmobilização. A seguir, seguem alguns dos pontos identificados pelos entrevistados sobre as principais dificuldades que enfrentam em seu cotidiano.

A reclamação da ausência das jovens na família é uma dificuldade compartilhada por Patrícia e Helena. Sobra pouco tempo para ficar com os familiares, pois as atividades ocorrem, geralmente, nos finais de semana, sendo que durante a semana elas dedicam-se aos estudos. Além disso, Helena precisa ainda conciliar as tarefas da militância e o namoro. Ela e o namorado participam do LPJ e, em algumas situações, precisam saber dividir o pouco tempo que passam juntos com os outros jovens nas atividades da organização. Também evitam coordenar tarefas em conjunto, a fim de evitar discussões. Ela, muitas vezes, tem a sensação

de não conseguir dar conta de todas as tarefas que lhe são dadas, principalmente aquelas relacionadas ao setor de finanças.

Para Carolina, que tem a incumbência de cuidar das tarefas domésticas e dos irmãos mais novos, arranjar uma forma de eles participarem com ela das atividades é sempre um desafio. Além disso, diversas vezes referencia a dificuldade em ler os textos de formação política, a dificuldade de “ficar sentada na reunião e escrever”. Rodrigo também enfrenta os mesmos problemas gerados pela falta de hábito de leitura e diz que sentia “muita vergonha de estar no espaço e falar coisas que não sabia”, tinha medo de “falar besteira”. Cristiane não conseguia entender a que se propunha o LPJ e somente depois de algum tempo de participação nas reuniões e de presenciar a explicação sobre a organização para outros jovens por diversas vezes é que conseguiu compreender. Para ela, o cansaço ocasionado pelo estudo e trabalho diário e o descontentamento do namorado com sua participação nas atividades são situações difíceis de enfrentar.

Carlos, surpreendentemente, disse que sua maior dificuldade foi receber um convite para se inserir na organização. Após esse período de inserção, enfrentou o término do namoro e, como a namorada tinha ingressado junto com ele no LPJ, teve que suportar o processo de separação convivendo com ela nos diversos encontros e reuniões. Por fim, aponta a desmotivação que ocorre quando alguma atividade planejada não alcança a expectativa ou o trabalho de base não se desenvolve como o esperado. A principal dificuldade enfrentada por Juliano foi a falta de tempo para realizar as tarefas de trabalho, estudo e engajamento, assim como, a partir de certo momento, a discordância sobre a forma de condução política da organização.

Dos cinco jovens voluntários entrevistados, dois dizem que conciliar o estudo com as atividades no TTC é a principal dificuldade pelo tempo que é exigido nas tarefas. Para Roger, o “choque entre dois mundos” que sofreu ao iniciar sua participação foi o maior desafio. Luiza traz outro aspecto para análise: a falta de confiança no trabalho da juventude. Ela diz que enfrentou preconceito de outros jovens ao saberem que era voluntária. Maria é a única a levantar a desmotivação que sente em alguns momentos: sabe que é necessário enfrentá-la, mas muitas vezes essa desmotivação é provocada pelos constantes questionamentos do namorado em relação à dedicação de seus finais de semana para o trabalho voluntário.

Neste caso, o antídoto para convencer e justificar o “sacrifício” realizado por ela se dá pelo reconhecimento da escola, já que foi a escolhida para assumir a coordenação do projeto quando o antigo coordenador deixou o posto. Uma vez que se sente “o exemplo”, é esperado que consiga superar as barreiras impostas. Todos os jovens voluntários concordam que um dos motivos para participar do voluntariado é o incremento que este tipo de ação dá ao currículo. Sentem que a experiência poderá ser um diferencial quando vierem a disputar uma vaga no mercado de trabalho. Mas para eles, esses projetos também são “um ‘limpa alma” (Luiza, 16, TTC), na medida em que reconhecem a importância de “ajudar os outros sem pedir nada em troca, é que um dia isso volta pra ti” (Gustavo, 17, TTC).

Os jovens vinculados ao LPJ não apresentam respostas homogêneas em relação a possíveis retribuições que o engajamento lhes proporcione. Dois jovens conseguiram estágios pela experiência de trabalho proporcionada pelo LPJ ou pelo contato com redes próximas à organização. Outro atribuiu um ganho na organização pessoal e que lhe proporcionará mais opções de escolha no futuro profissional. Para Helena, a militância também é uma possibilidade para estudar autores que na sua graduação não foram abordados. Juliano enfatiza a mudança em relação a não tolerar mais certos comportamentos (machistas, racistas) em outros círculos de convivência.

Uma reflexão interessante para se pensarem as diferentes possibilidades de processos que envolvem movimentos sociais e ações coletivas de forma geral é apresentada por Diani e Bison (2010) ao proporem uma tipologia dos processos de ação coletiva que envolve a combinação de três propriedades na análise: se as redes informais são densas ou esparsas, se a identidade é de rede ou organizacional e se a ação é conflituosa ou consensual. Os autores ressaltam que os casos empíricos não correspondem inteiramente aos tipos apresentados, mas apreender a interação entre essas propriedades é fundamental na análise (DIANI, BISON, 2010). Embora, as tipologias sirvam mais como orientação para análise do que expressão direta do “real”, as definições de certas características de *processos organizacionais consensuais* e de *processos organizacionais conflituosos* auxiliaram a reflexão sobre a existência de dois padrões de engajamento nos grupos estudados.

Para os autores, os processos organizacionais consensuais são definidos por compartilharem uma interpretação de mundo e práticas de solidariedade que são

sustentadas sem a necessidade de identificar um elemento conflituoso. As ações são desenvolvidas no interior das organizações nas quais a oferta de serviços ou bens públicos é produzida na maior parte do tempo e resulta no estabelecimento de vínculos com órgãos públicos ou patrocinadores privados (DIANI, BISON, 2010). Dessa forma, as TTC cumprem um papel ao mostrarem aos jovens a situação de desigualdade social, produzindo um *incômodo* com a situação vivenciada em nossa sociedade e incentivando ações beneficentes, sem, no entanto, identificar um inimigo/responsável ou disputar recursos específicos.

O que caracteriza os processos organizacionais conflituosos diz respeito à legitimidade que eles têm para promover mobilizações por meio das organizações. Existem poucas oportunidades para os indivíduos exercerem qualquer papel de forma independente da organização, pois é necessário conhecer os critérios de participação, as normas e as questões determinadas pelas quais se lutam por recursos e as atividades de campanha, já que as ações geralmente são desenvolvidas no interior das organizações (DIANI, BISON, 2010). Portanto, a socialização militante canaliza a *indignação* dos jovens, oferecendo uma possibilidade de inserção na organização e nas ações contestatórias, disputando recursos específicos a partir da identificação de um inimigo comum.

Utilizando essas duas tipologias para pensar as organizações estudadas, vê-se que as análises realizadas até aqui permitem que se infiram algumas dimensões do engajamento que canalizam o *conflito* e o *consenso*. A incorporação dos quadros interpretativos e o ajustamento necessário das disposições individuais são responsáveis pelas diferentes intensidades e repertórios de ação para o engajamento dos jovens na “passagem da condição à ação” militante nas duas organizações estudadas. Com isso, é possível identificar algumas diferenças do engajamento a partir destas cinco dimensões: 1) Altruísta x Pragmático; 2) Conflitivo x Consensual; 3) Global x Pontual; 4) Coletivo x Individual e 5) Ruptura x Continuidade.

O engajamento nos dois grupos estudados pode ser caracterizado como altruísta; embora haja elementos importantes de pragmatismo, este tende a ser secundarizado ou oculto, pois as organizações geralmente enfatizam a dimensão desinteressada da ação para legitimá-la (BOURDIEU, 1996). No entanto, é necessário ultrapassar as visões que opõem a economia da política, a razão material da razão ideológica e/ou moral e analisar “esse *envolver-se* — que, uma

vez mais, não podemos rotular nem como “econômico” nem como “político” — um lugar analítico próprio, não só no estudo da ação coletiva, mas também no do engajamento em sentido amplo” (QUIRÓS, 2009, p. 145). Neste sentido, fez-se o esforço de não se produzir uma visão normativa dos processos descritos pelos jovens entrevistados.

No que diz respeito aos tipos de ação, vimos que a inserção na organização em ações beneficentes ou contestatórias está vinculada àquilo com que os jovens aceitam ou não se envolver. Neste sentido, a análise das socializações prévias indicou que muitos jovens, nos mais diferentes âmbitos, envolviam-se em conflitos. Coube à organização ter a capacidade de direcionar esta disposição e construir interpretações sobre aquilo que é *justo* ou *injusto*, justificando para os indivíduos a validade das ações contestatórias. De outro lado, as TTC trabalharam no sentido de ampliar ou transformar quadros de interpretação sobre o mundo que geralmente estavam vinculados a interpretações religiosas, além de incentivar as ações consensuais.

Outra dimensão importante de se levar em conta é o “tamanho” que o engajamento pode assumir na vida dos jovens. Dito de outra forma, significa a inter-relação que o indivíduo está ou não disposto a fazer com as esferas de vida (PASSY, GIUGNI, 2000). Para muitos, esta relação assumirá uma dimensão global, pois se realizará toda uma conexão entre estudos, amizades, lazer, trabalho e a inserção na organização. Já para outros, o engajamento será uma dimensão pontual, quer dizer, a relação que ele mantém com a organização não terá muitas conexões com essas outras esferas de vida.

Essa dimensão se ligará a outra: se o jovem percebe seu engajamento como individual ou coletivo. Com isso, muitos jovens militantes acabam por redirecionar seus projetos de vida ao se verem como pertencentes a um coletivo e entendendo sua atuação como parte do LPJ. Para os jovens voluntários, o engajamento é vivenciado como algo individual, independente da ação de outras pessoas, e demonstram vontade em continuar a desenvolvê-lo, mesmo depois de terminarem os estudos.

A última dimensão está vinculada aos percursos dos jovens, que pode ser de ruptura ou de continuidade. Podem-se identificar rupturas ou continuidades em relação aos espaços que os jovens frequentam e aos tipos de atividades que desenvolvem a partir do ingresso na organização. Assim como a própria maneira

como interpretam e explicam seu envolvimento nos grupos demonstra se veem o engajamento como uma continuidade daquilo que já realizavam ou se o momento do engajamento representou algum rompimento em relação a hábitos anteriores.

Mais que certas, os dois casos estudados demonstram tendências sobre o engajamento no LPJ e nas TTC. O que se coloca como possibilidade para os jovens participantes das TTC é um engajamento altruísta, consensual, pontual, individual e de continuidade. Já a possibilidade construída entre os jovens do LPJ e a organização se dá a partir de um engajamento altruísta, conflitivo, global, coletivo e de ruptura.

5.5 O desengajar-se

O desengajamento de uma organização pode ser fruto de uma situação contingencial ou de uma decisão deliberada do indivíduo. Por isso, ao se compreenderem os mecanismos de engajamento, também se pode compreender em quais momentos ocorre alguma ruptura que poderá ocasionar o desengajamento. A pesquisa proporcionou o contato com dois jovens que não atuam mais na organização LPJ. Um entrevistado já estava desengajado quando se realizou a entrevista e a outra jovem se desengajou no decorrer da pesquisa. Com ela, houve a oportunidade de realizar uma entrevista quando ela estava engajada, sendo que depois ocorreu uma conversa informal sobre o processo do desengajamento.

Percebe-se que, assim como o ato de engajar-se, o desengajar-se requer um tempo de amadurecimento da ideia para os envolvidos e algumas etapas na construção de “justificativas” para tal ato. Nos dois casos, não se tratou de um ato precipitado, fruto de impulso motivado por sentimentos de raiva, etc... Os jovens, durante as entrevistas, buscaram pistas para explicar o processo de desengajamento a partir do relato sobre divergências pessoais ou sobre o rumo político da organização, descontentamentos com a metodologia de trabalho e assim por diante.

Muitas vezes, alguma quebra no mecanismo da interação associativa pode provocar o rompimento com a organização. Ou ainda, a eficácia da socialização política, oportunizando a construção de um arcabouço teórico-prático na política, pode levar os jovens a acusar a organização de ser “contraditória” no curso de sua

ação. Além disso, ao terem contato com outros grupos que compõem o movimento social, constantemente emerge a possibilidade de comparação com outras formas de atuação. Por consequência, a busca por certos tipos de retribuições começa a entrar em choque com as possibilidades ofertadas pelo LPJ, demandando do jovem a decisão de deixar a organização.

Por outro lado, é possível que o jovem queira experimentar outras possibilidades de atuação e tenha que optar. No entanto, ele poderá levar as disposições construídas num ambiente para o outro, como parece ser o caso de Juliano. No início do engajamento, a mediação se deu a partir de amigos comuns e a motivação dele para exercitar a técnica do desenho com finalidades políticas o aproximou da organização.

Com o passar do tempo, este tipo de desafio já não o mobiliza mais, e ao mesmo tempo, na esfera profissional, ele é convidado a ministrar cursos para o uso de um software de arquitetura. A formação que teve relacionada a gênero, principalmente, o coloca numa outra posição nos mais diferentes ambientes, pois agora ele não aceita comportamentos “machistas e preconceituosos” no seu espaço de trabalho.

Outro fator secundário, mas que é interessante para visualizar a transferência de disposições de um domínio a outro, está na forma pela qual ele aprendeu a se organizar e levar em conta como os compromissos assumidos precisam ser executados, pois ele está comprometido com as tarefas do curso, e fica difícil envolver-se em atividades pontuais do LPJ quando é chamado para tal.

Gostaria de fazer isso aí de novo. Mas agora meio que criou essa indisponibilidade de cada vez mais estar sem tempo. E aí coisas que acaba sendo compromisso. É que nem como foi no *Levante*. Eu tinha um compromisso com o *Levante*. Eu marcava datas. Eu tinha agenda e tudo. E o *Levante* me ensinou a usar agenda. Eu nunca usei agenda na vida. Agora eu uso agenda por causa do *Levante* (Juliano, 28, LPJ).

Para concluir, foi possível perceber que as diferentes motivações, aprendizagens, dificuldades e retribuições associadas ao engajamento apresentadas no LPJ e no TTC demonstram a variedade empírica desse processo e auxiliaram na compreensão de processos de desengajamento também. O aporte teórico ressalta o caráter relacional e processual e os dados empíricos colocam algumas questões sobre determinadas dimensões que acabam por separar os jovens voluntários dos

jovens militantes sociais. Por mais que os mecanismos do processo de engajamento sejam semelhantes, os conteúdos dos fluxos desses mecanismos mostram uma conformação bem distinta entre os diferentes perfis dos indivíduos e das organizações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa investigou os processos de engajamento, analisando as condições e os mecanismos que operam na construção do engajamento nas *Tribos nas Trilhas da Cidadania* e no *Levante Popular da Juventude*. A partir da perspectiva teórica da *contentious politics*, priorizou-se descrever os processos de engajamento dos jovens voluntários e dos jovens militantes sociais e decompô-los a partir da identificação dos seguintes mecanismos: mediação, interação associativa, socialização militante, conexão estrutural e alinhamento identitário. Após, tentou-se organizar a análise de forma a se demonstrar empiricamente como o processo de engajamento ocorre entre os indivíduos dos dois grupos estudados a partir da articulação entre os diferentes mecanismos.

A hipótese geral deste trabalho partiu do argumento de que o processo de engajamento dos jovens apresentaria etapas e mecanismos similares. O que se viu com a realização do trabalho empírico confirma esta hipótese. Neste sentido, houve o esforço de se demonstrar como cada um dos mecanismos citados no modelo de análise contribuiu para explicar o engajamento dos jovens entrevistados.

A mediação entre os jovens do LPJ ocorreu a partir de dois processos de recrutamento, nos quais os indivíduos atuam como mediadores entre a organização e os jovens e a partir da apropriação de relações e espaços de sociabilidade cotidiana, ocasionando um processo indireto de mediação. Nas TTC, a mediação ocorre de forma direta, a partir da interação na escola entre coordenação e estudantes. Este é percebido, muitas vezes, como um caminho “natural” de inserção no voluntariado.

A compatibilidade entre o “estoque” de disposições, capacidades e recursos e os repertórios de ação é fundamental para a aproximação entre os jovens e a organização. Mas estas disposições podem ser tensionadas e modificadas. Algumas vezes, são vivenciadas com paixão e outras, como rotina. Quando não existe nenhum histórico de participação associativa na família do jovem, é necessário que a organização atue de forma mais efetiva na construção de pontes entre os indivíduos e os objetivos propostos em cada uma das organizações.

Por consequência, perceberam-se diferenças significativas durante a análise da interação associativa, da socialização militante e da conexão estrutural de cada um dos grupos estudados. O primeiro ponto que chamou atenção refere-se às redes

de interação e circulação dos jovens. Os jovens do LPJ, de acordo com seus atributos sociais, têm uma alteração nas redes de relacionamentos que, para os jovens de classe popular, ocorre a partir de uma cisão após o ingresso no LPJ. Eles se percebem tendo uma *nova* vida. Para os jovens de classe média, observa-se uma redefinição de projetos de vida que influencia principalmente a esfera do estudo com uma restrição do círculo de amizades e perda de hábitos de lazer. As relações no grupo, embora sejam, na maior parte do tempo, fraternas, geram muitas discussões entre os envolvidos. Todos relataram já terem se envolvido em algum conflito dentro da organização.

Em contrapartida, os jovens voluntários não sofrem modificações significativas nos espaços frequentados, nas relações de amizade ou nos hábitos de lazer. Uma característica desse grupo é a manutenção de amizades de longa duração e a ausência de conflitos internos. A relação entre os jovens voluntários e o público com o qual realizam as atividades das TTC (crianças e idosos) se estabelece a partir de um sentimento de *ajuda*. Para os jovens, é fundamental se perceberem como os responsáveis por proporcionar momentos de *felicidade* para aquelas pessoas.

O exame dos quadros interpretativos e dos repertórios de ação das organizações estudadas permitiu o entendimento do processo de alinhamento identitário realizado pelos jovens e que orienta sua participação. Seguindo a classificação proposta por SNOW et al. (1986), identificou-se um processo de ampliação dos quadros interpretativos (*frame amplification*) para a maioria dos voluntários. Entre os militantes sociais, ocorreram três situações que se classificam como transformação de quadros interpretativos (*frame transformation*) e três situações de extensão de quadros (*frame extension*), sendo que duas delas ocasionaram desengajamento.

Na segunda hipótese, chamava-se atenção para o condicionamento que as socializações precedentes realizariam na eficácia desses mecanismos anteriormente citados, de tal forma que o estoque de disposições, recursos e capacidades do indivíduo preencheria significativamente o conteúdo dos fluxos que perpassaram as relações sociais e os levaram às organizações. Dessa forma, os repertórios de ação das organizações deveriam ser compatíveis com as disposições de se engajar dos jovens.

A partir da construção dos perfis dos jovens pesquisados, foram sendo reconstruídas as socializações prévias de cada um. Com isso, foram identificados

aqueles que possuíam as disposições, os recursos e as capacidades que favoreciam o engajamento, características estas amplamente discutidas na literatura sobre o tema, tanto em pesquisas nacionais como internacionais. Além disso, verificou-se que alguns dos entrevistados apresentaram uma diversidade maior e, no limite, ausência de muitas das disposições e/ou condições consideradas fundamentais para a participação em ações coletivas.

Com a investigação desses percursos juvenis foi possível distingui-los em três tipos: os percursos lineares, os percursos de ajustamento e os percursos de ruptura. Acredita-se que isso auxiliou a identificação de como as disposições atuaram em contextos diferentes, ora sendo ajustadas, ora inibidas. Com isso, percebe-se que, mesmo entre jovens com atributos sociais muito similares, as formas as quais o engajamento assume podem apresentar diferenças significativas.

Por fim, na terceira hipótese, enfatizou-se que a diversidade de formas de engajamento se daria também em função das estruturas de mobilização, repertórios de ação e *frames* distintos de cada uma das organizações na intersecção com os jovens. Embora os mecanismos do processo de engajamento fossem os mesmos no movimento social e no voluntariado, a combinação de diferentes socializações e diferentes formas de associativismo formariam padrões de engajamento diferentes (um projeto de organização coletiva para os jovens engajados em movimentos sociais e um projeto focado na realização pessoal para os jovens participantes do voluntariado).

Neste sentido, foi possível observar dois tipos de processos nas organizações estudadas: 1) de um lado, *processos organizacionais consensuais*, nos quais temos a produção de um *incômodo* com a realidade social e o incentivo às ações com caráter beneficente; 2) e *processos organizacionais conflituosos*, de outro lado, a partir da construção de um quadro interpretativo e de repertórios de ação que visam à ação contestatória, fruto de processo de interpretação da realidade pelos jovens baseado na *indignação*.

A partir do estudo, foi possível a identificação de cinco dimensões do engajamento que possibilitam caracterizar e diferenciar o engajamento no LPJ e nas TTC. Primeiramente, as duas organizações estão fundamentadas em ações altruístas. Em segundo lugar, os repertórios de engajamento proporcionados pelas duas organizações distinguem-se entre as ações beneficentes e consensuais do voluntariado ou as ações contestatórias e conflitivas do movimento social. A terceira

dimensão diz respeito às inter-relações entre a esfera do engajamento e as demais esferas de vida dos indivíduos, com uma distinção entre formas de engajamento pontual e global. Em quarto lugar, observa-se uma variação entre um engajamento individualizado e um engajamento marcado por um intenso envolvimento coletivo. Por fim, a dimensão de ruptura ou continuidade está relacionada aos espaços que os jovens frequentaram e aos tipos de atividades que desenvolveram a partir do ingresso na organização. Dessa forma, as TTC oferecem um tipo de engajamento que se caracterizaria por ser altruísta, consensual, pontual, individual e de continuidade. Já o LPJ traz a possibilidade de um engajamento altruísta, conflitivo, global, coletivo e de ruptura. A (in)compatibilidade entre estas “ofertas” de engajamento estabelecidas pelas organizações e as “demandas” vinculadas ao estoque disposicional dos jovens que com elas interagem coloca-se como um elemento central na compreensão das formas e intensidades de (des)engajamentos observadas na pesquisa.

Os resultados apresentados, embora significativos, necessitam ser averiguados em outros contextos de engajamento. A diversidade de objetos empíricos poderá testar o modelo de análise de forma mais efetiva, verificando a eficácia dos mecanismos propostos na apreensão da dinâmica causal dos processos de engajamento.

Além disto, a complexidade intrínseca de cada mecanismo identificado que não pôde ser explorada nesta dissertação conforma uma agenda de pesquisa de longo prazo. A qualificação do modelo de análise por meio de estudos que aprofundem, de um lado, a compreensão da atuação específica de cada mecanismo e, de outro, os efeitos agregados de suas inter-relações em diferentes cenários de condições iniciais coloca-se, assim, como uma motivação para futuras investigações.

Por fim, no que se refere ao público-alvo deste estudo – os jovens – espera-se ter aprofundado o entendimento sobre uma dimensão significativa em suas vidas, trazendo à tona a importância da participação política e seus efeitos na construção de projetos de vida.

REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, n. 5 e 6. p. 25-36, 1997.
- ANJOS, Gabriele dos. Liderança de mulheres em pastorais e comunidades católicas e suas retribuições. **Cadernos Pagu**, (31), pp. 509-534, julho-dezembro de 2008.
- BENFORD, Robert D. e SNOW, David A. Framing Processes and Social Movements: an overview and assessment. **Annual Review of Sociology**, n.26, p.611-639, 2000.
- BOGHOSSIAN, Cynthia Ozon e MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Revisão Sistemática Sobre Juventude e Participação nos Últimos 10 anos**. Saúde Soc. São Paulo, v.18, n.3, p.411-423, 2009.
- BOURDIEU, Pierre. É possível um ato desinteressado?. In: BOURDIEU, Pierre. **Razões Práticas**. 9 ed. Campinas: Papius, 1996.
- BRENNER, Ana Karina. **Militância de jovens em partidos políticos**: um estudo de caso com universitários. Tese. Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade de São Paulo, 2011.
- CARRANO, Paulo; LÂNES, Patrícia e RIBEIRO, Eliane. **Juventude Brasileira e Democracia**: participação, esferas e políticas públicas - relatório nacional. RJ, SP: Ibase e Polis, 2005.
- COSTA, Manoel A. **Mudanças na Estrutura Etária**. Disponível em: <<http://www.tecsi.fea.usp.br/eventos/Contecsi2004/BrasilEmFoco/port/economia/merctrab/qdemo/estetar/apresent.htm>>. Acesso em 02 de fevereiro de 2011.
- DIANI, Mario; BISON, Ivano. Organizações, coalizões e movimentos. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 3, p. 219-250. jan.jul. 2010.
- DUBAR, Claude. **A socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- FILLIEULE, O. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel. **Revue française de science politique**, vol. 51, n. 1-2, février-avril, 2001, p. 199-217.
- GIRAUD, Olivier. Comparação dos casos mais contrastantes: método pioneiro central na era da globalização. **Sociologias**, Porto Alegre, n.22, dez., 2009.
- HARVEY et al.. **Occupy**: movimentos sociais que tomaram as ruas. São Paulo: Boitempo, 2012.
- IZQUIERDO, Jesus. O *habitus* guerrilheiro e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC-EP). **Revista de Ciências Sociais**, v. 37, n. 1, 2006. p. 28-40.
- LAHIRE, Bernard. Esboço do programa científico de uma sociologia psicológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 34, n. 2, p. 373-389, 2008.

LAHIRE, Bernard. **O Homem Plural**: as molas da acção. Lisboa: Instituto Piaget, 2003.

LAHIRE, Bernard. Patrimónios Individuais de Disposições: Para uma sociologia à escala individual. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n. 49, p. 11-42. 2005.

LAHIRE, Bernard. **Retratos Sociológicos**: Disposição e variações individuais, São Paulo, Artmed Editora, 2004.

LIMA, Antonio João Ferreira de. **As bases relacionais da política na periferia urbana**: fundamentos do capital social e da construção das ações coletivas entre as classes populares. Dissertação. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

MÁIZ, Ramon. Las lógicas de la explicación en la obra de Charles Tilly: Estados y repertorios de protesta. IN: FUNES, María Jesús (Org.) **A propósito de Tilly**: conflicto, poder y acción colectiva. Madrid: CIS, 2011. p.49-76.

MARQUES, Eduardo. Mecanismos relacionais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol.22, n.64, pp.157-161, 2007.

MAYNTZ, Renate. Mechanisms in the Analysis of Social Macro-Phenomenal. **Philosophy of the Social Sciences**, v 34, n. 237, 2004. Disponível em: <<http://pos.sagepub.com/cgi/content/abstract/34/2/237>>

McADAM, Doug; McCARTHY, John D.; ZALD, Mayer N. **Movimientos sociales**: perspectivas comparadas. Oportunidades políticas, estructuras de movilización y marcos interpretativos culturales. Madri: Istmo, 1999.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do Presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

MISCHE, Ann. De estudantes a cidadãos: redes de jovens e participação política. **Revista Brasileira de Educação**, n°5/6, p.134-150, 1997.

MORENO, Rosangela Carrilo, ALMEIDA, Ana Maria F. O engajamento político dos jovens no movimento hip-hop. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 40, p. 130-142, jan-abr. 2009.

OLIVEIRA, Wilson J. Posição de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais. **RBCP**, n. 3, Brasília, p. 49-77. jan-jun. 2010.

PAIS, José. Machado. **Culturas Juvenis**. 2ª ed. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2003.

PASSY, F. **L'action altruiste**: Contraintes et opportunités del'engagement dans les mouvements sociaux. Genève: Librairie Droz, 1998.

PASSY, Florence; GIUGNI, Marco. Life-Spheres, Networks, and Sustained Participation in Social Movements: A Phenomenological Approach to Political Commitment. **Sociological Forum**, Vol. 15, n. 1. p. 117 – 144, 2000.

PORTUGAL, Silvia. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Oficina do CES, n. 271, março. 2007.

QUIROS, Julieta. Política e Economia na ação coletiva: uma crítica etnográfica às premissas dicotômicas. **Mana**, v. 15, n. 1. Rio de Janeiro, 2009. p. 127-153.

RUSKOWSKI, Bianca. **Levante Juventude, Juventude é prá Lutar: a relação entre esferas de vida e identidade na constituição do engajamento juvenil**. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais), 2009.

SAWICKI, Frédéric e SIMEANT, Johanna. Inventário da sociologia do engajamento militante: Nota crítica sobre algumas tendências recentes dos trabalhos franceses. **Sociologias**, vol.13, n.28, p. 200-255. 2011.

SCHNEIDER, Sergio; SCHMITT, Cláudia Job. O uso do método comparativo nas Ciências Sociais. **Cadernos de Sociologia**, Porto Alegre, v. 9, p. 49-87, 1998.

SEIDL, Ernesto. (Re)pensar os movimentos sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 26, n. 75, p. 178-181. 2011.

SEIDL, Ernesto. Disposições a militar e a lógica de investimentos militantes. **Proposições**, Campinas, v. 20, n. 2 (59), p. 21-39, maio-ago. 2009.

SETTON, Maria da Graça Jacintho. **Introdução ao Tema Socialização**. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/11994/11994.PDF>> Acesso em: novembro de 2010. 2008.

SILVA, Marcelo Kunrath. De volta aos movimentos sociais? Reflexões a partir da literatura brasileira recente **Ciências Sociais Unisinos**, São Leopoldo, Vol. 46, n. 1, p. 2-9, jan/abr. 2010.

SILVA, Marcelo Kunrath; RUSKOWSKI, Bianca de Oliveira. Levante juventude, juventude é prá lutar: redes inter-pessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. **Revista Brasileira de Ciência Política**, v. 3, 2010.

SNOW, David; ROCHFORD, F. B.; WARDEN, S.; BENFORD, R. Frame alignment processes, micromobilization, and movement participation. **American Sociological Review**. August, n. 51, p. 464-481, 1986.

SOUTO, Anna Luiza Salles, PONTUAL, Pedro (Coord.) **Juventude e Integração Sul Americana**: caracterização de situações-tipo e organizações juvenis. Relatório nacional do Brasil. RJ: IBASE, Instituto Pólis, 2007.

SPOSITO, Marília Pontes (coord.). **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço social (1999-2006), volume 2 / Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

SPOSITO, Marília Pontes; BRENNER, Ana Karina e MORAES, Fábio Franco de. Estudos sobre jovens na interface com a política. IN: **Estado da Arte sobre juventude na pós-graduação brasileira**: educação, ciências sociais e serviço

social (1999-2006), volume 2 / Marília Pontes Sposito, coordenação. – Belo Horizonte, MG: Argumentvm, 2009. p. 175-212.

TARROW, Sidney. **O poder em movimento**: movimentos sociais e confronto político. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

TILLY, Charles. Mechanisms in political processes. **Annu. Rev. Polit. Sci.** v.4, p. 21–41. 2001.

TILLY, Charles; TARROW, Sidney. **Contentious politics**. Boulder: Paradigm Publishers, 2007.

VELHO, Gilberto. **Individualismo e Cultura**: notas para uma Antropologia da Sociedade Contemporânea. RJ: Zahar, 1981.

APÊNDICES

Apêndice A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Você está sendo convidado a participar de uma pesquisa. O documento abaixo contém todas as informações necessárias sobre a pesquisa que está sendo realizada. Sua colaboração neste estudo é muito importante, mas a decisão em participar deve ser sua. Se você não concordar em participar ou quiser desistir em qualquer momento, isso não causará nenhum prejuízo a você. Se você concordar em participar basta preencher os seus dados e assinar a declaração concordando com a pesquisa. Se você tiver alguma dúvida, poderá esclarecê-la com a responsável da pesquisa. Obrigado pela atenção, compreensão e apoio.

Eu, Bianca de Oliveira Ruskowski, mestranda do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, em respeito aos direitos legais e à dignidade humana das pessoas voluntárias desta pesquisa, peço respeitosamente a sua autorização para que as suas informações prestadas possam ser utilizadas para análise posterior e confecção de futuros resultados para a realização da Dissertação de Mestrado e futuros artigos científicos.

Desta forma, esclareço abaixo as informações necessárias a respeito da pesquisa a ser realizada e sobre a sua participação:

1. O objetivo deste trabalho consiste em pesquisar sobre as trajetórias de jovens que participam de movimentos sociais e grupos de voluntariado, procurando identificar mecanismos do processo de engajamento.
2. A participação dos entrevistados consiste em conceder três ou mais entrevistas à pesquisadora, com duração de uma hora cada, as quais serão gravadas digitalmente, transcritas integralmente e posteriormente analisadas e comentadas.
3. A identidade de todas as pessoas entrevistadas serão preservadas, sendo que as identidades das pessoas citadas pelos(as) entrevistados(as) serão transcritas apenas pelo primeiro nome, a fim de também serem preservadas. Havendo concordância(a) do entrevistado(a), seu nome verdadeiro poderá constar apenas nos agradecimentos da Dissertação, junto a todos(as) os(as) outros(as) entrevistados(as), sem no entanto identificá-lo(a) com os relatos e análises dos casos a serem apresentados na Dissertação.
4. Em qualquer momento do processo de pesquisa os(as) entrevistados (as) poderão pedir esclarecimentos sobre o mesmo, ter acesso às gravações, transcrições e comentários das entrevistas relacionadas à sua pessoa, podendo solicitar, se o achar necessário, supressão de trechos, revisão e

mudança de opiniões, ou até mesmo cancelamento da sua participação na pesquisa, requisição ou eliminação dos dados coletados.

5. Para qualquer esclarecimento sobre a pesquisa, disponibilizamos a seguir os dados da responsável: Bianca de Oliveira Ruskowski. Fone: (51) 9206-5816. E-mail: bianca.or@gmail.com; Endereço: Av. Osvaldo Aranha, 706/301. Bairro Bom Fim. Porto Alegre – RS. CEP 90.035-191.

Eu,

_____, RG _____, voluntário(a) para esta pesquisa, dou consentimento livre e esclarecido para que se façam as análises necessárias a esta pesquisa e posterior uso e publicação dos dados nos termos acima referidos, a fim de que estes sirvam para beneficiar a Ciência e a Humanidade.

Desta forma,

- [autorizo não autorizo] o pesquisador a colocar meu nome na parte de agradecimentos de sua Dissertação.

Eu,

_____, RG _____, responsável legal pelo(a) menor acima referido, estou ciente da participação dele(a) na pesquisa mencionada.

_____, _____ de _____ de 20__.

ENTREVISTADO(A)

RESPONSÁVEL LEGAL
(caso o(a) entrevistado(a) seja menor de idade).

Bianca de Oliveira Ruskowski
Mestranda PPGS/UFRGS

Apêndice B – Questionário *Tribos nas Trilhas da Cidadania*

Pesquisa de mestrado sobre Engajamento da Juventude
 Bianca de Oliveira Ruskowski
 PPGS/UFRGS

Questionário

Nome	
Telefone residencial:	Celular:
E-mail:	
Bairro em que reside:	
Idade:	Raça/etnia:
Escolaridade: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Cursou a maior parte em: () Rede Pública () Rede Particular	
Graduação:	Instituição:
Trabalha: () Sim () Não	Cargo:
Escolaridade da mãe: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Escolaridade do pai: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Ocupação dos pais:	
Participa do Tribos desde:	
Carga horária semanal dedicada ao Tribos:	
Atividades que participa no Tribos:	
Atualmente, além de participar do Tribos nas Trilhas da Cidadania, você tem algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Antes de participar do Tribos nas Trilhas da Cidadania, você teve algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Seus pais têm algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Tens disponibilidade de participar da pesquisa concedendo 3 entrevistas em horário a combinar? () sim () não	
Obs:	

Apêndice C – Questionário *Levante Popular da Juventude*

Pesquisa de mestrado sobre Engajamento da Juventude
 Bianca de Oliveira Ruskowski
 PPGS/UFRGS

Questionário

Nome	
Telefone residencial:	Celular:
E-mail:	
Bairro em que reside:	
Idade:	Raça/etnia:
Escolaridade: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Cursou a maior parte em: () Rede Pública () Rede Particular	
Graduação:	Instituição:
Trabalha: () Sim () Não	Cargo:
Escolaridade da mãe: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Escolaridade do pai: () Ens. Fundamental () Ensino Médio () Ensino Superior	
Ocupação dos pais:	
Participa do <i>Levante</i> desde:	
Carga horária semanal dedicada:	
Atividades que participa no <i>Levante</i> :	
Atualmente, além de participar do <i>Levante Popular da Juventude</i> , você tem algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Antes de participar do <i>Levante Popular da Juventude</i> , você teve algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Seus pais têm algum tipo de envolvimento em: () associação de bairro () partido político () movimento social () voluntariado () grupo religioso () grupo cultural	
Tem disponibilidade de participar da pesquisa concedendo 3 entrevistas em horário a combinar? () sim () não	
Obs:	

Apêndice D – Roteiro das entrevistas

<p>FAMÍLIA</p>	<p>- Solicitar aos entrevistados contarem experiências vivenciadas no âmbito familiar referentes à hierarquia, afetividade, conflitos geracionais, vivências religiosas, valores praticados na família. Identificar os valores vivenciados na infância e os contextos de socializações proporcionadas.</p> <p>Qual a idade de seus pais? Qual a escolaridade deles? Que profissão exercem? Qual a renda familiar? Onde residem? Qual a raça/etnia deles? Seus pais têm algum tipo de envolvimento em grupos associativos (associação de bairro, partido político, movimento social, voluntariado, grupo religioso, grupo cultural)? Qual? Algum outro membro da família participa de grupos associativos? Qual?</p>
<p>ESCOLA</p>	<p>- Neste tópico, os entrevistados serão indagados sobre questões relacionadas às experiências vivenciadas na escola no que diz respeito a suas práticas de trabalhos de grupos, competição, hierarquia, expectativas de formação profissional etc.</p> <p>Em qual(is) escola(s) estudou? Qual sua formação escolar? Envolveu-se em atividades extracurriculares na escola? Conhece algum colega que participa de grupos associativos?</p>
<p>SOCIABILIDADE</p>	<p>- Solicitar que o entrevistado conte suas lembranças da infância a partir dos lugares em que morou, pessoas com as quais se relacionava, atividades realizadas no bairro, deslocamentos pela cidade. Atentar para o fato de identificar as mudanças antes e depois do ingresso nos grupos estudados.</p> <p>Quais lugares costuma frequentar com seus/suas amigos (as)? Conhece algum amigo que participa de grupos associativos? Onde você mora/morou?</p>

	<p>Você conhece alguma atividade social desenvolvida no seu bairro?</p> <p>Você participa ou já participou de algum grupo associativo em seu bairro?</p> <p>Conhece algum vizinho que participa de algum grupo associativo?</p> <p>Você desenvolveu laços de amizade com as pessoas do grupo?</p> <p>Você passou a frequentar novos espaços depois de participar do grupo? Quais?</p> <p>Você namora/namorou alguém do grupo?</p>
LAZER/CULTURA	<p>- identificar os “gostos” dos jovens, mudanças e tensões ocorridas a partir da inserção em redes associativas.</p> <p>Qual(is) lugar(es) você frequenta em momentos de lazer?</p> <p>Você desenvolve outras atividades, além da escola e/ou trabalho? Quais?</p> <p>Você teve acesso a alguma atividade que antes não tinha (acesso a bens culturais, escolares)?</p>
PARTICIPAÇÃO POLÍTICA/TRABALHO	<p>- o objetivo deste tópico é identificar quais disposições são ativadas e quais são inibidas no processo de engajamento. Em virtude disso, as perguntas serão relacionadas com as respostas anteriores, propondo situações de escuta sobre determinados aspectos do engajamento e confrontando-as com as respostas anteriores. Também tentar-se-á investigar os projetos de vida dos jovens e sua relação com o engajamento.</p> <p>O que o/a levou a participar desse grupo?</p> <p>Qual seu objetivo ao realizar as atividades do grupo?</p> <p>Como você se sente desenvolvendo essas atividades?</p> <p>Qual atividade você mais gosta de desenvolver?</p> <p>Quais são os elementos mais importantes para você continuar participando do grupo?</p> <p>Você sentiu alguma dificuldade ao ingressar no grupo? Qual?</p> <p>Como você conseguiu superar esta dificuldade?</p> <p>Você tem algum problema de relacionamento com alguém do grupo?</p> <p>Como os conflitos são resolvidos?</p> <p>Quais os aprendizados mais significativos para você no grupo?</p> <p>Você acredita que tenha modificado algo em sua vida,</p>

	<p>após a entrada no grupo? Quem são os parceiros nas atividades? Que tipo de auxílio eles fornecem? Quem são os “inimigos”? Contra o que se luta? Você conseguiu algum tipo de trabalho remunerado que seja vinculado ao grupo? Qual? Alguém do grupo foi responsável por alguma indicação de trabalho para você? Você acredita que a experiência adquirida no grupo pode auxiliá-lo para conseguir alguma atividade remunerada? Como? Você trabalha ou já trabalhou? Onde? Conhece alguém no seu trabalho que participa de grupos associativos?</p>
--	--

11.2. Análise de Redes Sociais

<p>REDES SOCIAIS</p>	<p>Quem faz parte das redes dos indivíduos antes deles se engajarem? Quem faz parte das redes dos indivíduos depois deles se engajarem? Quais as modificações ocorridas nessas redes? Quais os conteúdos dos fluxos das redes? Quais as normas que regulam a sua ação? Qual a força dos laços (antiguidade, tempo despendido, intensidade emocional, intimidade, afeto, confiança, serviços recíprocos, pluralidade de conteúdos de troca existentes no laço)? Quais os laços positivos (que geram identificação)? Quais os laços negativos (que geram diferenciação)?</p>
----------------------	---

11.3. Indicadores da observação participante e da pesquisa documental

<p>ESTRUTURAS DE MOBILIZAÇÃO:</p>	<p>Como o movimento está organizado? Quais são as instâncias de decisão? Quais as atividades desenvolvidas? Como organizam as atividades? Quem são os responsáveis por definir as estratégias da organização? Quais os objetivos das atividades? Algo está sendo reivindicado?</p>
<p>QUADROS INTERPRETATIVOS</p>	<p>Quais os símbolos utilizados? Qual a forma de desenvolver as atividades? Qual a “visão de mundo” propagada? Que elementos são utilizados pelo grupo (músicas, rituais, cursos)? Quem são os parceiros nas atividades? Que tipo de auxílio eles fornecem?</p>

	Quem são os “inimigos”? Contra o que se luta?
--	--

Apêndice E – Lista de nós de codificação utilizados no NVIVO

- COMPARAÇÃO ENTRE GRUPOS

Categoria principal	Descrição	Sub-nós
Ação Coletiva	Ação de indivíduos que compartilham objetivos comuns articulando-se em torno uma causa e que compartilham uma identidade.	Estruturas de mobilização Quadros interpretativos Alianças Conflitos
Engajamento	Processo, de temporalidade variável, que depende de um conjunto de condições, mas também da presença e operação de certos mecanismos que possibilitam a efetiva passagem de condição à ação.	Motivações Dificuldades Aprendizados Retribuições Carreiras militantes ou “percursos militantes”

- ANÁLISE DOS MECANISMOS DO PROCESSO DE ENGAJAMENTO

Categoria principal	Descrição	Sub-nós
Socializações prévias	Hábitos ou esquemas de ação que são interiorizados de forma heterogênea e que se organizam tanto em repertórios quanto os contextos sociais pertinentes que o indivíduo aprende a distinguir.	Disposições Recursos Capacidades
Mediação	Ligação de dois ou mais locais previamente desconectados através de uma unidade que intermedeia as relações, que podem ser indivíduos, grupos ou organizações	Contato Recrutamento
Interação associativa	Processo de inserções relacionais dos indivíduos em diferentes esferas de vida e em diferentes momentos de suas trajetórias em contato com os grupos.	Diversas atividades que conformam o cotidiano de interações nos grupos e as relações que aí se estabelecem
Socialização militante	Ativação/inibição das disposições	Construção e/ou ajustamento de disposições produzidas em contato com a organização e que favorecem/enfraquecem o engajamento Relação entre estoque de disposições com os

		quadros interpretativos das organizações.
Conexão estrutural	Construção/ressignificação de vínculos	Relações que vão se construindo nas atividades dos grupos, através das quais vão se estabelecendo laços significativos entre os participantes. Ou seja, o grupo vai se constituindo como um espaço de inserção constituído por pessoas (algumas pelo menos) que o indivíduo considera importante para si. Eventos que justificam para os indivíduos a conexão entre diferentes esferas de vida com o engajamento.
Alinhamento identitário	Assume diferentes formas e intensidades de engajamento e auxilia na compreensão da centralidade ou não da militância no conjunto da vida dos indivíduos.	Ações e/ou discursos que modificam/afirmam a visão de mundo dos indivíduos em relação às suas expectativas pessoais e as da organização.

Lista de atributos utilizados no NVIVO

Atributo	Descrição	Valores do atributo
Gênero		Masculino Feminino
Escola		Pública Particular
Grupo pesquisado		Voluntariado Movimento Social
Intensidade do engajamento		Alta Média Baixa Desengajado
Grupo etário		15 a 19 anos 20 a 24 anos 25 a 29 anos Mais de 29 anos Menos de 15 anos
Escolaridade		Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior
Escolaridade da mãe		Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior
Escolaridade do pai		Ensino Fundamental Ensino Médio Ensino Superior
Cor/Raça		Branca Preta Parda Amarela Indígena